



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Mayara Resende Rosa Cordeiro

**Feminismo interseccional em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi
Adichie**

São Gonçalo

2022

Mayara Resende Rosa Cordeiro

Feminismo interseccional em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Gomes Torres

São Gonçalo

2022

ATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

C794 Cordeiro, Mayara Resende Rosa.
Feminismo interseccional em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie / Mayara Resende Rosa Cordeiro. – 2022.
91 f.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Gomes Torres.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Adichie, Chimamanda Ngozi, 1977 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Adichie, Chimamanda Ngozi, 1977 –, *Americanah* – Teses. 3. Feminismo – Teses. 3. Racismo – Teses I. Torres, Maximiliano Gomes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 896(669)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mayara Resende Rosa Cordeiro

Feminismo interseccional em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Maximiliano Gomes Torres (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Ildney Cavalcanti
Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr Claudio Braga
Universidade de Brasília

São Gonçalo

2022

DEDICATÓRIA

Dedico, em primeiro lugar, à minha irmã Thayza: minha motivação para realizar este trabalho e que nasceu para desconstruir muitos dos meus pensamentos e do que me foi ensinado, tendo me feito entrar em um processo de reconhecimento dos meus privilégios, fazendo com que eu saísse do comodismo e buscasse todo o conhecimento possível para que ela cresça sendo a protagonista de sua história, tendo em mente sua ancestralidade feminina e luta para que hoje, ela possa ser livre. À minha pequena e amada família, em especial, minha bisavó Zenith Rezende e meu tio Sidley Fernandes Pereira que perderam a batalha para a COVID-19, em março de 2021. E às minhas amigas do mestrado, todo o meu agradecimento pelo apoio, amor e motivação desde as primeiras aulas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que me ensinou a ter fé, pois, foi a minha força e meu conforto em diversos momentos. A Deus e à Nossa Senhora, a quem sempre recorro nos momentos de tensão e de alívio.

À minha mãe que sempre me apoiou e investiu na minha educação, fazendo de tudo para que eu pudesse me apaixonar pela leitura e conseqüentemente pelos estudos. Agradeço ainda por ter me dado meus irmãos, os gêmeos mais diferentes desse Brasil, Paulo e Thayza, ela sendo minha motivação para estudar e aprofundar meus estudos no feminismo negro e na Interseccionalidade.

Ao meu pai que é a minha parte mais amena e que sempre valorizou o fato de poder contribuir com os meus estudos demonstrando muito orgulho, sendo sua única filha.

Ao meu marido Carlos Phelipe pelo apoio, cuidado, paciência e amor antes, durante e no fim do mestrado. Por me fazer acreditar que sou capaz de tudo.

Agradeço ao meu sogro, Carmine Martire que não sabe, mas que foi a principal motivação para que eu também me interessasse sobre imigração, tendo vindo da Itália para o Brasil aos 20 anos, em busca de uma vida melhor, por aqui ter construído sua família e ter fincado suas raízes, sem em todos esses 60 anos deixar de estar em sintonia mesmo a distância com a sua família, inclusive sua mãe Eugenia ainda viva na Calabria, sul da Itália.

A minha família, especialmente minha Dinda Vanderleia, meus primos Victória e João Manoel, minha tia Mauriza e ao meu eterno tio Sidro, nosso Dr. Sidley, tão amado, que perdeu a vida para a Covid. Com ele foi um pedaço de cada coração da nossa família.

As minhas amigas queridas que fiz no mestrado, por todo o apoio, lágrimas, desespero, carinho e mais amor. Nós nos demos as mãos e não soltamos mais.

Ao meu orientador Maximiliano Torres por ser humano, por me motivar, me fazer ler incessantemente, me desconstruindo e reconstruindo durante todo o processo de estudos. Ter um orientador que ama tanto cachorros e sabe o quanto é significativo conviver com eles, não poderia ter dado errado.

A minha companheira leal de quatro patas que sempre está ao meu lado, a Sophia.

Aos professores doutores Ildiney Cavalcanti e Claudio Braga, sendo este também apaixonado pela Chimamanda Adichie sendo um dos únicos teóricos do gênero masculino a estar no corpus teórico desta dissertação e a ambos agradeço por todas as contribuições na qualificação e por terem aceito participar desta banca, me sinto grata por tê-los como avaliadores.

A UERJ FFP por ter sido o local que me transformou como ser humano e consequentemente ao PPLIN por ter um grupo docente enriquecedor.

À Chimamanda Adichie por me fazer desconstruir estereótipos, por questionar achismos, por me fazer conhecer a Nigéria através de seus olhos e querer estudar a fundo o feminismo.

“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”.

Audre Lorde

RESUMO

CORDEIRO, Mayara Resende Rosa. *Feminismo interseccional em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie*. 2022. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Esta dissertação baseia-se no estudo da obra ficcional *Americanah*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, com a qual é possível acompanhar a trajetória da personagem Ifemelu como imigrante, mulher e negra nos Estados Unidos, no fim da década dos anos noventa, século XX. Apesar de ser uma narrativa contemporânea, o tema da imigração, vivido pelos personagens está relacionado a lutas históricas, como a discriminação da mulher, o racismo, e a xenofobia. A análise perpassa os assuntos citados através de uma perspectiva interseccional em consonância aos feminismo(s) sendo a trajetória da personagem, suas atitudes, pensamentos e comportamentos as múltiplas possibilidades dessa leitura. Serão aprofundadas as vertentes do feminismo negro e o feminismo decolonial, ambos envoltos na interseccionalidade, considerando as opressões que a personagem protagonista vivencia nos Estados Unidos. A classe social, o fato de ser africana, mesmo aos olhos de outros imigrantes, bem como a cor de sua pele, determina os espaços aos quais lhe são livres, os olhares e possibilidades permitidos no novo país. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo aprofundar as reflexões que a narrativa nos possibilita de forma conjunta aos textos teóricos, com os quais pretende-se chegar a conclusões de que tais temas e situações são vivenciados diariamente na humanidade e na atualidade apesar de não serem novos. Ifemelu, assim como tantas outras mulheres, subverte os padrões hegemônicos preestabelecidos pelo gênero e raça, olhando criticamente as situações que vivencia, as quais compartilha no blog que cria sobre questões raciais. No decorrer da narrativa, sua identidade passa por inúmeras mudanças. *Americanah* nos mostra contrastes entre a Nigéria, tão pouco estudada pela literatura no Brasil e os Estados Unidos. Analisar a obra sob uma perspectiva decolonial nos leva a repensar as epistemologias e a hegemonia de conceitos e conhecimentos eurocêntrica, inclusive no movimento feminista acerca das demandas e especificidades das mulheres africanas e negras.

Palavras-chave: Feminismo Negro. Decolonialidade. Imigração. Racismo.

ABSTRACT

CORDEIRO, Mayara Resende Rosa. *Intersectional feminism a in Americanah, by Chimamanda Ngozi Adichie*. 2022. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

This dissertation is based on the study of the fictional work *Americanah*, by Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie, with which it is possible to follow Ifemelu's trajectory as an immigrant, woman and black in the United States, at the end of the decade of the nineties, 20th century. Despite being a contemporary narrative, the theme of immigration experienced by the characters is related to historical struggles, such as discrimination against women, racism, and xenophobia. The analysis goes through the issues mentioned through an intersectional perspective in line with feminism(s), being the character's trajectory, her attitudes, thoughts and behaviors the multiple possibilities of this reading. The aspects of black feminism and decolonial feminism, both involved in intersectionality, will be studied in depth, considering the oppressions that the main character experiences in the United States. Her social class, the fact that she is African, even in the eyes of other immigrants, as well as the color of her skin, determine the spaces to which she is free, the looks and possibilities allowed in the new country. Thus, this work aims to deepen the reflections that the narrative makes possible in conjunction with theoretical texts, with which we intend to reach conclusions that such issues and situations are experienced daily in humanity and today, despite not being new. Ifemelu, like many other women, subverts the hegemonic standards pre-established by gender and race, looking critically at the situations she experiences, which she shares in the blog she creates about racial issues. Throughout the narrative, her identity goes through numerous changes. *Americanah* shows us contrasts between Nigeria, so little studied by Brazilian literature, and the United States. Analyzing the work from a decolonial perspective leads us to rethink the epistemologies and the hegemony of concepts and Eurocentric knowledge, including in the feminist movement about the demands and specificities of African and black women.

Keywords: Black Feminism. Decoloniality. Immigration. Racism.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	CONSTRUÇÕES DE GÊNERO SOB PERSPECTIVAS AFRICANAS: A ESCRITA DE CHIMAMANDA ADICHIE E A DEFINIÇÃO DE FUNDAMENTOS TEÓRICOS	18
2	IFEMELU, EROTIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS E CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS FEMINISMO (S): DECOLONIAL E NEGRO	28
2.1	O cabelo e corpo de Ifemelu como metonímias: uma questão transcultural relacionada ao feminismo negro ocidental e o título da obra correlacionado ao feminismo decolonial	47
3	A INTERSECCIONALIDADE EM AMERICANAH: REPRESENTAÇÃO E EIXOS IDENTITÁRIOS	67
4	OS ESTADOS UNIDOS E O PESADELO DO RACISMO	76
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

Chimamanda Ngozi Adichie é reconhecida e aclamada mundialmente como ativista feminista e escritora contemporânea. Nascida na Nigéria, ao fim da adolescência migra para os Estados Unidos da América para estudar comunicação e ciências políticas. Em suas obras literárias, o tema da imigração é recorrente, assim como personagens femininas com características marcantes e subversivas. São narrativas e contos ricos em questões sociais, raciais e políticas. Ao longo dos últimos anos, seus livros vêm sendo frequentemente estudados pelas instituições acadêmicas tendo sido traduzidos para mais de trinta países.

Adichie é da etnia Ibo, tendo nascido em 1977, na Nigéria. Foi criada em ambiente universitário na cidade de Nsukka, onde o pai foi professor. A família viveu na casa que havia sido morada do conhecido escritor nigeriano Chinua Achebe, uma das influências literárias de Adichie. Fez Ensino Médio na própria Universidade, sobressaindo-se precocemente. Aos 16 anos, parte para os Estados Unidos para estudar comunicação. Lá escreve para jornais e revistas universitários, uma experiência que com certeza influencia seu gosto pelo fazer literário. (BRAGA, 2018, p.22)

Americanah assim como as outras obras literárias da autora, contam com inúmeros vieses, temáticas originais e outras já conhecidas que possibilitam a abertura de um horizonte de leituras. Lançado no Brasil em 2013, é um romance ficcional intensamente político, e seu enredo conta com questões sociais e de gênero enraizadas na sociedade, como a desigualdade social, o racismo, o desemprego, e a imigração. É um livro que desnuda a modernidade apontando que mesmo com o decorrer do tempo e a evolução científica ou tecnológica ainda não foram solucionadas questões sociais arraigadas na humanidade.

Adichie chamou a atenção do mundo com suas palestras, sendo a primeira intitulada *O perigo de uma única história* em 2009, assistida milhões de vezes, divulgada e visualizada mundialmente através da plataforma *Youtube* no canal TED Global¹. Nela, a autora aponta a história única como fonte dos estereótipos nos

¹ TED (acrônimo de *Technology, Entertainment, Design*; em português: *Tecnologia, Entretenimento, Planejamento*) é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação Sapling, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos, destinadas à disseminação de ideias – segundo as palavras da própria organização, "ideias que merecem ser disseminadas". Suas apresentações são limitadas a dezoito minutos, e os vídeos são amplamente divulgados na Internet. Assim disseminando as ideias ou os pensamentos dos jovens

levando a refletir sobre a colonialidade de gênero: “mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão”. Para Chimamanda Adichie, “poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa”.²

Na segunda palestra divulgada em “*Sejamos todos feministas*” (2012), nos fazendo lembrar de bell hooks, em “*O feminismo é para todo mundo*” (2018), considera um movimento múltiplo, que deveria ser ensinado a todos. Chimamanda se baseia em experiências pessoais para exemplificar seus argumentos durante a palestra. Também foi realizada para o TED tendo repercussão e abrangência mundial. Ambas as palestras foram publicadas em livros, em 2014 e 2019 respectivamente no Brasil.

Seus posicionamentos conduziram a autora ao reconhecimento como ativista feminista, adquirindo notoriedade por seus discursos poderosos, assim como sua escrita e obras já publicadas.

Tendo como inspiração o arcabouço literário e entrevistas de Chimamanda Adichie, se busca relacionar a autora nigeriana a estudiosas e teóricas representantes do feminismo negro e decolonial, com o objetivo de incentivar reflexões exemplificadas com trechos de *Americanah* que vão nortear a leitura interseccional do romance. A questão da decolonialidade se faz essencial, pois está presente nos debates, textos e posicionamentos da quarta onda do feminismo que vivenciamos na atualidade.

Americanah é a maior narrativa de Chimamanda Adichie e seu último romance ficcional até o momento (2022), sendo extenso e atemporal devido as temáticas que nele são vivenciadas pelos personagens. A narrativa não é linear tendo sido escrita através de flashbacks entre Ifemelu e Obinze, seu primeiro grande amor na adolescência. No decorrer das páginas, conhecemos as famílias, os amigos, as descobertas e o amadurecimento dos personagens em processos migratórios. Tanto Obinze, quanto Ifemelu se sentem vinculados mesmo separados por continentes. A internet é uma ferramenta com destaque na narrativa, sendo um instrumento que possibilita a comunicação entre familiares e amigos viabilizando a criação e manutenção de seu blog, que passa a ser lucrativo se tornando o trabalho da personagem.

² Disponível em: < <https://educacaointegral.org.br/reportagens/eu-outro-perigo-da-historia-unica/> > Acesso em 05 de maio de 2021.

Obinze, assim como Ifemelu, imigra para Londres, na Europa. O personagem é caracterizado como um amante da cultura americana desde jovem, porém, após o atentado conhecido mundialmente do onze de setembro de 2001 em Nova York, nos Estados Unidos, não consegue viajar para o país. Em razão do ocorrido, os vistos para a entrada de novos imigrantes se tornam praticamente inacessíveis. Obinze, em Londres, sofre experiências intensas e traumáticas como a deportação e discriminações: racial e social.

A narrativa dialoga com reflexões teóricas contemporâneas como os feminismos interseccionais nos levando a refletir sobre o processo colonizatório e as marcas deixadas nos povos colonizados. Além de temas enraizados na humanidade como o racismo e a imigração.

Publicado no Brasil em 2014, *Americanah* foi premiada com o National Book Critics Circle Award e o Chicago Tribune Heartland Prize, considerada pelo New York Times como uma das dez melhores obras de 2013. No Brasil, todos os livros da autora são publicados pela Companhia das Letras, uma das maiores e mais premiadas editoras brasileiras, tendo destaque com grandes espaços em congressos, bienal do livro e eventos de literatura. Na atualidade, os lançamentos de Adichie são aguardados, comemorados e até mesmo esgotados nas livrarias. Na Bienal do livro do Rio de Janeiro, em 2019, no estande da Companhia das Letras, havia um local exclusivo com todas as obras da autora e o lançamento do livro sobre a palestra "*O perigo de uma única história*". Os livros estavam em destaque em um espaço privilegiado, de fácil acesso com uma imagem grandiosa ao fundo da autora nigeriana.

De fato, temos brilhantes teóricas, escritoras feministas e ativistas brasileiras, mas é evidente a influência que Chimamanda Adichie trouxe para o Brasil com sua escrita fluida, discursos significativos e na forma como estimula e atrai leitores com seus posicionamentos e personagens, destacando-se na produção literária pós-colonial e nos estudos culturais. Suas obras literárias, estimulam muitas mulheres a se interessar e buscar saber mais sobre o movimento feminista.

Efetivamente, grande parte das pesquisas surgem a partir de questionamentos pessoais e esta se fez necessária através de um intenso sentimento de inebriação. bell hooks (2018) descreve sua sensação ao aprender e ler sobre o feminismo na graduação e sua vontade de querer passar o conhecimento a todos a quem ama. Em um segundo momento, a inquietação e receio se fizeram

presentes em minha trajetória como estudante, após o nascimento de minha irmã Thayza, por conta da cor de sua pele. Por certo, não deveria ser motivo de preocupação, mas infelizmente, a sociedade em que vivemos racista não conforta e não alenta. O feminismo, igualmente a bell hooks e tantas outras teóricas que admiro, se tornou significativo na minha graduação, local onde tive a oportunidade de ler, estudar e não mais normatizar situações pelas quais sou inferiorizada ou subestimada enquanto mulher. À vista disso, comecei a me interessar pelo assunto para me fortalecer em obstáculos pessoais e os que a sociedade me colocava a frente, como por exemplo, o idealismo esperável pela sociedade proveniente do significado de ser feminina.

Estar aprendendo sobre o feminismo me fez assimilar inúmeras possibilidades de ser uma mulher, passei a reconhecer meus privilégios e a minha realidade, sendo considerada branca. Através de Djamila Ribeiro experienciei o primeiro desconforto ligado aos meus privilégios. Minha irmã é negra e para ela, historicamente, diariamente e estatisticamente os desafios não param no gênero, eles se somatizam e neste momento, a cor da pele e a classe social formam mais dois pesos. Então, no fim da graduação, uma amiga me indicou uma obra da Chimamanda Adichie, o livro *Sejamos todos feministas*, breve e objetivo, com o qual, pude absorver o sentimento de sororidade representado e defendido por bell hooks e visualizar de forma clara, situações desconfortáveis e machistas pelas quais nós, mulheres, não deveríamos passar. Desta maneira, meus estudos sobre o feminismo negro se introduziram em minha trajetória acadêmica. Grada Kilomba e Lélia Gonzalez, contribuem de forma valiosa nesta dissertação e me auxiliaram a compreender algumas de suas especificidades e lutas. Ifemelu, em *Americanah*, pode ser a minha irmã Thayza futuramente. Os casos recorrentes de racismo a todo o momento denunciam a urgência de reflexão e mudanças enquanto sociedade, aprendi com o movimento feminista negro, que precisamos exercitar a nossa escuta para compreender as experiências individuais e de fato, buscar uma evolução social que seja mais justa.

O racismo não é velado na contemporaneidade, tampouco nos Estados Unidos, ele acontece a cada momento, basta acompanharmos os noticiários. *Americanah* desnuda discriminações, humilhações e acontecimentos que ocorrem com Ifemelu e Obinze, como estrangeiros e negros, levando-se em consideração o

gênero feminino, que faz com que a personagem ainda passe por situações de âmbito sexual no exterior.

bell hooks em *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2018), elabora um recorte de raça e gênero para analisar essas realidades dentro do movimento feminista.

Nenhuma intervenção mudou mais a cara do feminismo norte-americano do que a exigência de que pensadoras feministas reconhecessem a realidade de raça e racismo. Todas as mulheres desta nação sabem que seu status é diferente do de mulheres negras/não brancas. Elas sabem isso desde o tempo em que eram garotas assistindo à televisão e vendo somente imagens delas, e folheando revistas e vendo somente imagens delas. Elas sabem que a única razão para mulheres não brancas estarem ausentes/invisíveis é o fato de não serem brancas. Todas as mulheres brancas desta nação sabem que branquitude é uma categoria privilegiada. O fato de que mulheres brancas escolhem refrear ou negar esse conhecimento não significa que sejam ignorantes. Significa que estão em negação. (HOOKS, 2018, p.74)

Em *O perigo de uma história única*, Adichie reflete acerca do discurso eurocêntrico que unifica a África como se fosse um país, baseado em narrativas advindas do período colonial. Nelas, se exclui costumes, dialetos e distintas formas de cultura dentro de um amplo e rico continente. Habitualmente, essas narrativas estereotipadas são influenciadas e enraizadas pela perspectiva do opressor, pelo olhar hegemônico, detentor de poderes, normalmente econômicos, logo, do colonizador.

Este trabalho se inicia a partir da estrutura de *Americanah* e enredo da obra, com o intuito de enfatizar aspectos específicos sobre as personagens femininas. Em seguida, serão analisados trechos da narrativa de acordo com os temas propostos em cada capítulo com os seguintes temas:

1 – Construções de gênero sob perspectivas africanas: A escrita de Chimamanda Adichie e a definição de fundamentos teóricos

Os estudos de Oyèrónké Oyěwùmí e Ifi Amadiume embasam o capítulo acerca das construções culturais de gênero de acordo com as suas etnias iorubá e igbo.

2 - Ifemelu, erotização das mulheres negras e considerações acerca dos feminismos(s): decolonial e negro

Este capítulo conta uma análise das personagens femininas do romance e as marcas da narrativa que propiciam uma perspectiva feminista decolonial e negra.

2.1 - O cabelo e corpo de Ifemelu como metonímias: uma questão transcultural relacionada ao feminismo negro ocidental e o título da obra correlacionado ao feminismo decolonial.

Estudiosas como Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro auxiliam na análise deste subcapítulo que evidencia o paradoxo do cabelo e corpo de Ifemelu e suas forças e fraquezas. Também são utilizados trechos da obra que acrescentam as citações.

3 - A interseccionalidade em *Americanah*: representação e eixos identitários

Trechos da obra evidenciam a questão dos temas do título, analisadas com estudiosas como Patricia Hill Collins e Sirma Bilge que escreveram a obra: *Interseccionalidade* (2020), Kimberlé Crenshaw, entre outras. O uso da interseccionalidade para analisar *Americanah* mostra as intersecções específicas das relações de poder e na cultura dos Estados Unidos. Gênero, raça, classe e as múltiplas identidades de Ifemelu se cruzam em toda a narrativa.

4 - Os Estados Unidos e o pesadelo do racismo

Capítulo que tem como foco as múltiplas opressões racistas pelas quais os personagens de *Americanah* passam com trechos do blog de Ifemelu que exemplificam as discriminações. O embasamento teórico em maior parte se baseia na obra *Memórias da Plantação* (2019) de Grada Kilomba.

As experiências de Ifemelu enquanto mulher, negra, imigrante, a classe social, suas atitudes e comportamentos serão considerados de forma simultânea com as teorias do feminismo negro e decolonial e sempre com a perspectiva interseccional, tendo como embasamento teórico, estudiosas como Carla Akotirene e María Lugones entre outros relevantes estudos em maior parte produzidos por mulheres engajadas na luta feminista.

Por conseguinte, a base teórica se inter-relaciona tanto com os temas de cada capítulo, quanto com os trechos de *Americanah* e na teoria. Parte-se do estruturalismo para teorias contemporâneas como, os estudos culturais, pós-coloniais e a sociologia da literatura. Sendo este um estudo interdisciplinar, visto que a fundamentação teórica dialoga com distintas áreas do conhecimento, como a sociologia, filosofia, história e a psicologia. São estudiosas que procuram desafiar e romper com nossas concepções e perspectivas de mundo influenciadas por uma interpretação eurocêntrica desde os tempos da colonização.

Uma das finalidades desta dissertação, é apontar, com trechos de *Americanah*, a necessidade de unificar as teorias com as práticas feministas e repensar o movimento nos países colonizados. Por essa razão, busquei compreender o ponto de vista feminista latino, brasileiro, estadunidense e africano, tendo em mente o questionamento: Como a mulher é culturalmente vista em cada um desses países?

O racismo, tema acentuado na escrita de Adichie na obra escolhida, é vivido profundamente por Ifemelu e por praticamente todos os personagens, sendo abordado no último capítulo. A obra *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba (2019) nos ajuda a compreender junto com a escrita de Chimamanda em *Americanah*, o racismo estrutural. Kilomba é imprescindível para o desenvolvimento deste estudo acerca dos temas que serão aprofundados desde o feminismo negro ao feminismo decolonial que estão atrelados a interseccionalidade. É importante pontuar que este estudo não é inédito existem trabalhos já publicados sobre *Americanah*, na perspectiva do feminismo interseccional. Logo, esta dissertação buscou estar alinhada a uma corrente já existente de críticas e críticos que observam pontos semelhantes, contribuindo para esta vertente. Alguns exemplos de outros trabalhos internacionais são: 1. Intersectionality in "Americanah" by Chimamanda Ngozi Adichie How Race, Gender, and Migration intersect 2. Shifting intersections: Fluidity of gender and race in Chimamanda Ngozi Adichie's *Americanah* 3. Intersectionality Perspective in Practice: A Reanalysis of *Americanah* by Chimamanda Ngozi Adichie 4. Analysing the Intersectional Oppressions of Black Women in Adichie's 'Americanah' 5. Being black: race, hair politics, love and diasporic identities in *Americanah* 6. Intersectionality in "Americanah" by Chimamanda Ngozi Adichie: How Race, Gender, and Migration intersect. Exemplos de trabalhos em língua portuguesa: 1- Gênero e raça/ etnia em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie – Dalva Maria Soares; 2- Literatura Delas: feminismo, interseccionalidade e a obra de Chimamanda Adichie - Maria Isabel Villas-Boas Sader; 3- Identidades plurais e em trânsito no romance *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie: Intersecções de gênero e raça - Lara da Rocha Callegari. Todas as obras acima analisam a obra de Adichie através de uma perspectiva interseccional com foco no gênero, na raça, na imigração e na identidade de Ifemelu.

Cláudio Braga, pesquisador e professor de Letras da Universidade Nacional de Brasília (UnB), em seu livro intitulado: *A literatura movente de Chimamanda*

Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora publicado em 2018, faz um estudo aprofundado sobre os elementos da escrita da autora que a fizeram ser reconhecida mundialmente.

Os críticos pós-coloniais buscam romper com ideias eurocêntricas como as que consideram a representação cultural europeia superior às demais. É o que vemos em Frantz Fanon, Chinua Achebe, Edward Said, Ngũgĩ wa Thiong'o, Gayatri Spivak e Homi Bhabha, dentre outros. No caso da literatura, a noção de universalidade dos textos canônicos de escritores europeus é revista, abrindo o caminho para a leitura e a análise das narrativas não europeias. (BRAGA, 2018, p. 30)

Americanah evidencia questões sociais e políticas entre os Estados Unidos da América e a Nigéria sob o ponto de vista de Ifemelu. É possível acompanhar durante a narrativa, como as mulheres próximas a personagem, vivem culturalmente no país africano em contraste com a vivência nos Estados Unidos, a partir do processo migratório. Acompanhamos a personagem na transição da adolescência para a fase adulta, como mulher, negra, estrangeira e nigeriana. As primeiras descobertas e experiências ocorrem simultaneamente com o processo de estadia em outro país. Sua trajetória conta com acontecimentos negativos e positivos oriundos das experiências que enfrenta e vão flexibilizando sua identidade.

Ifemelu ao questionar e refletir seu lugar na sociedade estadunidense, decide criar um blog, intitulado a princípio como: *“Raceteenth ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a questão da Negritude nos Estados Unidos”*. Nele, a personagem compartilha e reflete sobre episódios de racismo sofridos por ela e por negros nascidos ou estrangeiros no país.

As descobertas da vida adulta, a vulnerabilidade, momentos de dor e prazer, sua trajetória como imigrante, personalidade, atitudes, opiniões e posicionamentos, vão compondo uma identidade resiliente e crítica em Ifemelu, características que encontramos em praticamente todas as protagonistas femininas nas obras de Chimamanda Adichie, assim como a consciência política que perpassa suas obras literárias.

1 CONSTRUÇÕES DE GÊNERO SOB PERSPECTIVAS AFRICANAS: A ESCRITA DE CHIMAMANDA ADICHIE E A DEFINIÇÃO DE FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Quanto mais familiar me tornava dos escritos das feministas afro-americanas, mais problemática ficava a ideia emanada do feminismo branco de que todas as mulheres são o mesmo e igualmente oprimidas.

Oyèrónkẹ Oyěwùmí

Chimamanda Ngozi Adichie, similarmente as estudiosas africanas Ifi Amadiume e Oyèrónkẹ Oyěwùmí, também contribui acerca do conceito de gênero que embasa este estudo. Adichie possui um site³, no qual é possível ter acesso a bibliografia, a seu acervo e ao *blog de Ifemelu* que assim como em *Americanah*, possui postagens acerca de importantes acontecimentos no ano de 2014. As postagens possuem a mesma escrita e criticidade de Ifemelu, como na narrativa.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em 15 de setembro de 1977 em Enugu, Nigéria, a quinta de seis filhos de pais igbo, Grace Ifeoma e James Nwoye Adichie. Enquanto a cidade natal ancestral da família é Abba no estado de Anambra, Chimamanda cresceu em Nsukka, na casa anteriormente ocupada pelo escritor nigeriano Chinua Achebe. O pai de Chimamanda, agora aposentado, trabalhava na Universidade da Nigéria, localizada em Nsukka. Ele foi o primeiro professor de estatística da Nigéria e mais tarde tornou-se vice-reitor da universidade. Sua mãe foi a primeira registradora feminina na mesma instituição. Com dezenove anos, Adichie ganhou uma bolsa e imigrou para os Estados Unidos para estudar comunicação na Drexel University, na Filadélfia. Chimamanda foi traçando seus estudos acadêmicos no país até seu último ano na Eastern Connecticut State University quando começou a trabalhar em seu primeiro romance.⁴

Este pequeno resumo da bibliografia de Adichie é necessário, pois a imigração é um dos temas de *Americanah*, presente na experiência de Ifemelu de pertencer a um entrelugar, ao país compreendido como desenvolvido, Estados Unidos e ao de origem, Nigéria. São paradoxos que estão presentes no texto, entrevistas e palestras da autora. Atualmente, Adichie se divide entre os Estados Unidos e Lagos, na Nigéria. A narrativa apesar de não ser uma autobiografia, contém experiências similares à vida de Chimamanda como imigrante, negra,

³ Disponível em: <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>> Acesso em 10 de maio de 2021

⁴ Karen Jackson para The Chimamanda Ngozi Adichie Website. Disponível em: <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>> Acesso em: 10 de maio de 2021

pertencente a etnia igbo, nigeriana e que assim como Ifemelu, também cursou comunicação na graduação.

Ao realizar uma análise literária crítica e social, compreende-se atualmente que as experiências de vida, subjetividades, visão de mundo e cultural de autores no geral, estão marcadas em sua escrita.

Um dos objetivos deste estudo visa a desconstrução de epistemologias fundamentadas sob o olhar eurocêntrico, ocidental. Em *O perigo de uma história única*, 2009, Adichie reflete e questiona a imagem que o ocidente tem da África, sendo geralmente estereotipada como miserável, faminta e a guerras infinitas em seus países. A autora reconhece que, de fato, os ocidentais só conhecem e aprendem narrativas com cunho pejorativo em relação ao continente africano. Chimamanda argumenta sobre o perigo desses estereótipos e de suas consequências que podem ser positivas ou negativas sobre o que se referem, seja um local ou uma sociedade. Nesta palestra, Adichie afirma que:” A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes e não como somos parecidos.” bell hooks também descreve a negação no ensino de história nos Estados Unidos nas escolas.

Não há livros de história usados nas escolas públicas que nos informem sobre o imperialismo racial. Em vez de nos serem dadas noções românticas do “novo mundo”, do “sonho americano”, a América como um grande caldeirão (“melting pot”) no qual todas as raças estão unidas como uma. Fomos ensinadas que Colombo descobriu a América; que os “índios” eram caçadores de escalpes, assassinos de mulheres e crianças inocentes; que o povo negro foi escravizado devido à maldição bíblica de Ham (hebreu filho de Noah), que “o próprio” Deus decretou que eles seriam talhantes de madeira, agricultores do campo e carregadores de água. Ninguém falou sobre a África como o berço da civilização, sobre os africanos e os asiáticos que chegaram à América antes de Colombo. Ninguém mencionou os assassinatos em massa dos nativos americanos como genocídio, ou a violação das nativas americanas e das mulheres africanas como terrorismo. Ninguém discutiu a escravatura como a fundação para o crescimento do capitalismo. Ninguém descreveu a educação forçada das esposas brancas para aumentar a opressão sexista da população branca. Eu sou uma mulher negra. Eu frequentei todas as escolas públicas negras. Eu cresci no Sul onde tudo à minha volta eram factos de discriminação racial, ódio e segregação forçada. (HOOKS, 2014, p.87)

Estes posicionamentos acerca do perigo dos estereótipos, serão o ponto de partida para realizar a leitura de *Americanah* sob uma ótica atenta a essa violência epistêmica, termo refletido por Spivak:

A ideia de conhecimento universal legitima o pensamento eurocêntrico como único, da mesma forma que se deriva dele. O estabelecimento dessa proposição opera de forma silenciosa a calar formas de pensar à margem do padrão. Esta forma de genocídio intelectual pode ser considerada uma violência epistêmica. Esta atinge a episteme de um indivíduo/povo e está principalmente ligada ao contexto histórico da modernidade e do colonialismo. Se apresenta como a violência relacionada a determinado conhecimento, podendo ser entendida como uma forma de exercício de poder simbólico de um indivíduo, grupo ou nação sobre um outro através do conhecimento científico, como forma de invisibilizar este outro. (BALTAR, LOURENÇO, SILVA, 2018, p. 71 apud Spivak, 2010);

Na narrativa, os estereótipos e exemplificações da violência epistêmica ficam evidentes quando uma colega de quarto se surpreende com o fato de Ifemelu não ouvir apenas músicas tribais e conhecer outros estilos e em como os estadunidenses imaginam, aprendem e confabulam sobre a África, até mesmo os afro-americanos.

Tentem ficar amigos dos nossos irmãos e irmãs afro-americanos, num verdadeiro espírito de pan-africanismo. Mas, não deixem de permanecer amigos de outros africanos, pois isso vai ajudar vocês a manter a perspectiva. Sempre participem das reuniões da Associação de Estudantes Africanos, mas, se quiserem muito, também podem experimentar a União dos Estudantes Negros. Por favor, notem que em geral os afro-americanos entram na união dos Estudantes negros e os africanos entram na Associação de Estudantes Africanos. Às vezes alguém participa das duas, mas é raro. Os africanos que participam da união são aqueles sem autoconfiança que logo dizem 'Eu originalmente sou do Quênia', embora o Quênia lhes saia pela boca assim que eles a abram. Os afro-americanos que vêm às nossas reuniões são aqueles que escrevem poemas sobre a mãe África e que pensam que toda africana é uma rainha. (ADICHIE, 2014 p.154)

Analisando com um olhar feminista decolonial a obra literária, se fez essencial, buscar perspectivas de gênero africanas, dada a origem das personagens que também serão analisadas no próximo capítulo. Adichie, em entrevista para o jornal El País, discorre acerca do feminismo visto como universal, da importância de se pensar nas especificidades do ser mulher e de como os homens precisam de uma educação feminista desde a primeira infância.

Sempre se definiu como feminista? Ser feminista te faz mais consciente dessas pequenas coisas, de que há pessoas às quais não ocorre que nós mulheres também somos seres humanos. Sempre que me perguntam como cheguei a ser feminista, digo que não me fiz feminista, sempre o fui. Desde criança. E não por ter lido um livro. **De nenhuma das autoras clássicas?** Que Deus as abençoe. Li algumas delas, mas a essência do feminismo é universal e ao mesmo tempo muito específica. Muitos desses livros falam de experiências com as quais não consigo me identificar. Meu feminismo nasceu porque ainda criança lembro que me disseram que não podia

participar de certos rituais muito próprios da minha cultura por ser mulher. Lembro de pensar que aquilo não tinha sentido. Cresci cercada de mulheres corajosas e notei que nós sempre estamos atuando. Vi mulheres muito fortes que na presença de homens mudam. Sempre fui consciente disso, e obviamente há uma parte de mim interessada nas histórias de mulheres. **E de homens?** Embora as mulheres e meninas tenham sido sistematicamente oprimidas, compartilhamos o mundo com eles. Pensemos nos estupros, por exemplo. Houve muitos protestos na África do Sul, em universidades dos Estados Unidos, mas os homens precisam ser parte deles. Para o meu feminismo se trata de um aprendizado, de uma viagem constante, de pensar em como fomos socializados e qual é meu lugar no mundo. Também precisamos trabalhar com os homens, ensiná-los. A masculinidade é uma coisa terrível, é violenta para eles. Sempre digo a meus amigos que eu nunca recebi este memorando comunicando que era um ser inferior.⁵

Ifi Amadiume é antropóloga e africana, nasceu na área cultural da etnia igbo assim como Chimamanda Adichie e Ifemelu. No trecho abaixo, Aisha (cabeleireira) questiona a etnia de Ifemelu e busca compreender se os igbos só podem se casar com os igbos.

Você é iorubá na Nigéria? Disse Aisha. Não, eu sou igbo. Você é igbo? Pela primeira vez, um sorriso surgiu no rosto de Aisha, um sorriso que mostrava dentes pequenos e gengivas escuras. Achei que era iorubá porque você é escura, e gente igbo é clara. Tenho dois homens igbos. Muito bons. Homem igbo cuida bem de mulher. Homem igbo cuida bem de mulher, repetiu Aisha. Eu quero casar. Eles me amam, mas diz que a família quer mulher igbo. Porque igbo sempre casa com igbo. Ifemelu engoliu a vontade de rir. Você quer casar com eles dois? Não. Aisha fez um gesto impaciente. Quero casar com um. Mas é verdade isso? Igbo sempre casa com igbo? Os igbo casam com todo tipo de gente. O marido da minha prima é da Escócia. (ADICHIE, 2014, p. 22)

As pesquisas de Amadiume se desdobram acerca das consequências do imperialismo europeu e nas construções de gênero pós-coloniais que segundo a autora, não eram as estabelecidas na África antes do processo exploratório. É autora de *Male Daughters, Female Husbands: Gender and Sex in an African Society* (Filhas machos, maridos fêmeas: gênero e sexualidade em uma sociedade africana) de 1987, ainda não traduzido no Brasil.

Oyèrónké Oyěwùmí, socióloga e feminista, autora de *The invention of women; making an african sense of western gender discourses* (A invenção das mulheres:

⁵ Cláudia Salazar Jiménez para El País
Chimamanda Ngozi Adichie: "Nossa época obriga a tomar partido"
17 de outubro de 2017
Disponível em:< https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html>
Acesso em 19 de agosto de 2021.

construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero) de 1997, traduzido no Brasil em 2020.

Oyěwùmi foi culturalmente criada na etnia iorubá e em seus estudos, explora as fontes dos conceitos feministas de protagonismo euro-americano, no qual problematiza os seus conceitos fundamentados na família nuclear que não são necessariamente uma organização universal. A estudiosa (2011) questiona “por que o gênero é assumido de forma acrítica, sendo o princípio organizador fundamental e a categoria de diferença na teoria feminista /ocidental.” Para Oyěwùmi, a abordagem de gênero euro-estadunidense centrada, com suas noções preconcebidas de patriarcado e família nuclear, na verdade distorcem como o poder e a desigualdade são estruturados em diferentes contextos históricos e culturais.

Um grupo de acadêmicos, (chamo-lhes minimizadores) têm argumentado que a colonização foi melhor percebida como simplesmente um episódio na longa duração da história africana. Os estudiosos que assumem a posição de que o impacto da colonização foi superficial, apontam para o fato de que na maioria dos lugares na África, a colonização européia mal durou um século. Por outro lado, existem estudiosos que insistem no impacto profundo da colonização em África. Para esses estudiosos, a quem chamo de maximizadores, a colonização não foi episódica, mas ocorreu com a perda da soberania de África e seus legados continuam ainda hoje. A conclusão de que a sociedade iorubá não exibia gênero em seu pensamento e organização sociais até ser colonizada pelos britânicos, ressaltando o fato de que a colonização havia introduzido o gênero como uma nova maneira de pensar e organizar que teve efeitos profundos em todas as instituições, mais notavelmente o Estado, com todo o seu aparelho de poder, superioridade masculina e sua desigual distribuição de recursos. (Oyěwùmi, 2011, p. 10)

Amadiume e Oyěwùmi, discorrem sobre como o gênero é uma categoria de construção ocidental, e que a dicotomia feminino-masculino não existia na África antes do domínio exploratório e cultural da Europa. Nos levando a compreender a raiz do papel social da mulher a partir de referências africanas, tendo como exemplificação, a linguagem, a etnografia e a cultura de suas etnias.

Em *Male daughters, female husbands* (1987), Amadiume traz dados etnográficos da localidade de Nnobi, onde nasceu, entre as populações que vieram a se denominar igbo. A autora desestabiliza a equação que relaciona sexo biológico com identidade de gênero e orientação sexual, mostrando como posições sociais (marido-esposa- filho -filha) que no Ocidente são genderificadas, não necessariamente o são em outros contextos. Assim, um homem sem filhos herdeiros poderia deixar sua terra para uma filha, que

passaria a desempenhar um papel masculino na patrilinearidade Igbo e ser tratada socialmente como homem (*Male Daughters*). Uma mulher em tal posição poderia, para salvaguardar e aumentar seu patrimônio, se casar com outras mulheres: nesse caso, a filha masculina também se torna um esposo feminino – *female husband* já que ocupa uma posição social masculina. Se suas esposas se casassem fora da patrilinearidade, esta mulher receberia o chamado *bridewealth*, e se as esposas tivessem filhos com eventuais amantes, estes entrariam para a patrilinearidade desta *female husband*. (*Amadiume, 1987.p. 27-30 apud Assunção, 2020*)

Amadiume opera uma periodização em seu livro, entre o período pré-colonial e pós-colonial. O trecho acima está situado na primeira parte da obra. Os livros e textos da autora ainda não foram traduzidos no Brasil, e alguns poucos artigos encontrados na internet foram essenciais para a compreensão dos estudos da autora. Seus textos são importantes pela importância de buscar outras conceitualizações de gênero que não apenas são as ditas universais.

A origem de Amadiume é nigeriana e da etnia igbo, a preponderante nas personagens de *Americanah*, apesar da etnia iorubá também ser citada. Além disso, se um dos objetivos deste estudo é o de compreender os conceitos, repensar a construção do gênero e sua influência na questão feminina, fez-se essencial buscar como essa categoria já foi culturalmente vivenciada na Nigéria, sobretudo na historiografia da etnia igbo.

Ao pesquisarmos a história de alguns países da África principalmente antes do processo colonizatório / exploratório, certamente iremos nos surpreender com o fato das mulheres estarem a frente de algumas etnias sendo líderes, lutando em conflitos, tendo liberdade sexual e como vemos nos estudos de Oyěwùmí e Amadiume, estando em equilíbrio com o gênero masculino.

Adichie é reconhecida mundialmente como feminista e por geralmente declarar que “estamos em uma época na qual precisamos tomar partido.”⁶ São posicionamentos que rompem com as influências europeias hegemônicas acerca dos estereótipos relacionados a nações, culturas e narrativas que não levam em conta as experiências e pontos de vista de quem está sendo interpretado. Sua escrita em *Americanah* nos leva a desconstruir uma África irreal ensinada e alimentada no nosso imaginário ocidental.

⁶ Entrevista ao jornal El País em 11 de outubro de 2017 Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html Acesso em 27/06/2021 às 22:40

As mulheres igbo historicamente intrigaram os colonizadores e ocidentais por serem consideradas as mais militantes e guerreiras do território que veio a ser Nigéria. O estranhamento do colonizador deixa mais nítido o papel subordinado e doméstico das mulheres na tradição ocidental, algo ainda mais acentuado se pensarmos a sociedade vitoriana que colonizava esta região. A autora explora os equívocos analíticos das primeiras etnografias sobre estes povos, e, sobretudo, sobre as mulheres igbo, que revelam como era inconcebível para o pensamento ocidental desvincular o sexo biológico do gênero social. Se trinta anos depois já não parece tão estranho – ao menos aos olhos acadêmicos ocidentais – pensar em corpos femininos que performam papéis masculinos, a força do argumento de Amadiume ainda ecoa nas controvérsias inseridas nos feminismos acadêmicos e ativistas. A desconstrução da universalidade do conceito de mulher está imbricada na crítica à arrogância feminista (branca-ocidental) que pretende *salvar mulheres africanas, ensiná-las a se organizarem, etc.* (AMADIUME, 1987: p.07 apud Assunção, 2020 p. 05)

Para Amadiume, a colonização foi mais uma faceta que degradou a condição das mulheres nas sociedades africanas. Tanto para Amadiume, quanto para Oyèwúmi existem outras formas de conceitualizar o gênero, que não somente é a tendência universal do feminismo ocidental, mesmo que no processo de colonização, a Nigéria tenha sido forçada a aderir novas formas de organização, dentre elas as novas relações de gênero. Apesar disso, algumas línguas étnicas permaneceram assim como muitos hábitos culturais.

Grada Kilomba é psicóloga, de origem portuguesa e produziu uma obra interdisciplinar. Em seu livro *Memórias da Plantação*, de 2019, examina a memória, o trauma, o gênero, o racismo e o pós-colonialismo. A contribuição de Kilomba está na instauração do racismo no ocidente, desde o período colonial, e exemplifica que ele se atualiza ao longo dos tempos, estando presente no cotidiano da contemporaneidade. Ela traz a perspectiva de gênero europeu e segundo os seus textos, é possível concluir que assim como no Brasil, o racismo nos Estados Unidos também é estrutural.

Maria Lugones, filósofa, nasceu na Argentina e foi radicada nos Estados Unidos, país no qual trabalhou academicamente. Lugones é uma referência do pensamento feminista colonial, sobretudo em relação ao conceito de colonialidade de gênero que, para a autora, é uma imposição colonial. Seus textos fazem com que por meio da história da formação do povo colonizado, consigamos observar aspectos na contemporaneidade e nas questões de gênero que seguem as perspectivas e os padrões eurocêntricos. Seus estudos trazem uma perspectiva de gênero latino estadunidense.

Serão também utilizados, os valiosos estudos de estadunidenses como bell hooks que traça uma linha histórica na luta das mulheres negras americanas no feminismo e Patricia Hill Collins que contribui no capítulo sobre a interseccionalidade. São grandes referências como pesquisadoras e ativistas, que nos darão suas contribuições sobre as concepções de gênero, classe e raça, resumindo o conceito de interseccionalidade, na vivência e experiência como mulheres e negras nos Estados Unidos.

Djamila Ribeiro, filósofa brasileira, contribui com seus estudos e panorama acerca do feminismo negro, do silenciamento e em conjunto com Lélia Gonzalez, trazem uma concepção feminista brasileira.

Lélia Gonzalez, assim como Grada Kilomba, fez contribuições valiosas acerca da hierarquização do saber, da epistemologia que se ancora em um fundamentalismo eurocêntrico, a qual exclui outras formas de conhecimento e de saberes, sendo esses inferiorizados e foi pioneira em interseccionar raça, classe e gênero no Brasil.

Pretende-se traçar uma linha de pensamento em diálogo com o embasamento teórico, que parte da teoria dos estudos culturais e decoloniais para examinar *Americanah*.

Optou-se neste estudo, valorizar os estudos de mulheres, em sua maioria negras, com o objetivo de dar importância e visibilidade aos seus estudos e posicionamentos, visto que se adentra a pauta feminista negra por termos Ifemelu como personagem principal.

Gayatri Spivak, indiana e teórica conhecida por seu artigo: *Pode o subalterno falar?* Contribui de forma valiosa com seus estudos acerca dos grupos que são considerados subalternos e as consequências dessa limitação histórica e social.

Em relação a estrutura, *Americanah*, foi lançada no Brasil em 2014 e conta com a tradução de Julia Romeu⁷. É classificado como romance, extenso, tendo 513 páginas, sendo dividido em sete partes que se intercalam entre Ifemelu e Obinze. A estrutura é fragmentária e o enredo não tem um tempo linear, inicia-se com Ifemelu

⁷ Nasceu no Rio de Janeiro em 1980. Em parceria com Heloisa Seixas, escreveu os musicais *Era no tempo do rei*, com músicas de Aldir Blanc e Carlos Lyra e Carmen, mostrando a fase brasileira da cantora Carmen Miranda, e *Bilac vê estrelas*, com músicas de Nei Lopes. Trabalha como tradutora literária há mais de dez anos e já traduziu obras de autores como Rudyard Kipling e J. M. Barrie, entre outros. Formada em jornalismo pela PUC-RJ, atualmente cursa o mestrado em literaturas de língua inglesa da UERJ. Julia Romeu traduz para o português todas as obras de Chimamanda Adichie publicadas no Brasil. (Site Companhia das Letras)

já nos Estados Unidos prestes e regressar para a Nigéria, sendo seus anos residente como estrangeira no país, a maior parte narrada mesclando entre capítulos da personagem e Obinze, ambos estando no eixo central do romance. A ficção se passa na década de 90, fim do século XX em um contexto marcado por tensão política e econômica na Nigéria, razões que levam a personagem a imigrar, dando continuidade aos seus estudos nos Estados Unidos, país que se destacava no mundo com os avanços tecnológicos e científicos. A globalização e maior trânsito internacional e migratório são importantes contextos em *Americanah*.

O narrador da obra é heterodiegético. A trajetória é narrada no presente e em terceira pessoa, não sendo personagem da obra. O enredo progride entre deslocamentos, encontros, desencontros e rupturas em três continentes: África, América do Norte e Europa. Obinze também passa pela experiência como imigrante em Londres, na Inglaterra. A linguagem da narrativa é acessível e contém dialetos da etnia igbo. Excertos de blog também compõem a narrativa.

A história de amor vivida pelos personagens, não é a temática central da obra que aponta diversas questões políticas e sociais, mesmo que a lembrança do romance e o afeto entre os personagens esteja presente em toda a atmosfera da narrativa. Obinze e Ifemelu estão vinculados através das lembranças e sentimentos que nutrem um pelo outro, mesmo não estando mais juntos por um período extenso de tempo. No início, vivenciam uma história de amor intensa e juvenil, com rupturas, silenciamento e distanciamento, se reencontrando por fim na Nigéria.

A perspectiva decolonial e interseccional são as chaves de todos os acontecimentos que desenvolvem o enredo da narrativa por ser em maior parte sobre as experiências e posicionamentos de Ifemelu nos Estados Unidos.

É inevitável a desconstrução e reconstrução da identidade de Ifemelu que gradualmente vai absorvendo a simbologia do preconceito racial estadunidense, local onde é vista como subalterna e inferior independente de sua classe social. A capacidade de resiliência a reinventa aos poucos como mulher, negra e estrangeira, mesmo sendo oprimida e discriminada diariamente por questões relacionadas à raça e ao gênero.

Em síntese, nesta dissertação se buscou referências latinas, brasileiras, estadunidenses, africanas e europeias para a melhor compreensão das especificidades desses grupos de mulheres estudados, possibilitando a análise das personagens femininas que fazem parte da vida de Ifemelu. A interseccionalidade,

conceito de extrema importância no feminismo negro será aprofundada no terceiro capítulo e o racismo, tema de extrema importância em *Americanah* no quarto capítulo, sendo analisados com exemplificações da narrativa.

2 IFEMELU, EROTIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS E CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS FEMINISMO (S): DECOLONIAL E NEGRO

Como a mulher negra é situada no seu discurso?

Lélia Gonzalez

Serão analisadas as personagens que fazem parte da criação e das experiências de Ifemelu ao longo da narrativa, como: Uju, Ranyinudo, sua mãe e Ginika, tendo como ponto de partida, a personagem principal.

Nesta primeira parte do capítulo, serão feitos os seguintes apontamentos: Quais são as marcas textuais que tornam possíveis, a análise de *Americanah* sob o viés dos estudos dos feministas decolonial e negro?

É possível acompanhar o amadurecimento da personagem durante sua trajetória, principalmente antes e depois de imigrar para os Estados Unidos. Conhecemos Ifemelu em três momentos que não seguem uma ordem cronológica na narrativa. Sendo, a personagem na Nigéria, do nascimento até a adolescência, tendo como base a cultura local, tendo sido criada na cultura igbo. Na segunda fase, Ifemelu como imigrante, se reconhecendo como negra, vivenciando uma confusão de sentimentos por tudo o que idealizou em seu imaginário acerca do novo país. Finalizando o ciclo, a personagem retorna para Lagos na Nigéria, adulta, madura e experiente, tendo conhecido e vivenciado o racismo em todos os anos que passou no exterior.

Ifemelu é uma personagem extremamente observadora, reflexiva e crítica, que cruza sua trajetória e experiências em alguns momentos com as mulheres a sua volta enquanto traça rumos diferentes para si. Seus exemplos mais próximos são de personagens como Uju ou Ranyinudo, que mantém relacionamentos abusivos, baseados na satisfação sexual de seus parceiros, homens casados, aos quais se tornam dependentes financeiramente e emocionalmente, se tornando conseqüentemente não mais donas de si, dos seus corpos e de suas vidas. Vale ressaltar o fato dessas personagens serem independentes e formadas

academicamente. Estamos situados no fim da década dos anos 90, final do século XX.

A mãe de Ifemelu, primeira influência na criação da personagem é caracterizada como frágil e recorre a religião como suposta válvula de escape para resolução de seus problemas pessoais. Religião essa, introduzida na Nigéria no período da colonização britânica, o cristianismo. São inúmeras igrejas, renúncias, sacrifícios, comportamentos e uma intensa desconstrução e reconstrução de sua personalidade de acordo com o que a Igreja a impõe.

Ifemelu também passa por um longo processo de desconstrução e construção de sua identidade e reorganiza seus pensamentos e experiências durante toda a narrativa, rompe com a dependência masculina ou a obrigatoriedade e veneração do casamento, tão presente nas relações que conhece e aos poucos, se torna independente e livre, apesar dos limites impostos pelo racismo. A personagem faz suas escolhas conforme as situações ocorrem, como o início ou o término de uma relação, a aceitação ou não de um emprego e a forma como vai usar seu cabelo, por exemplo. Logo, é uma personagem que nos possibilita um olhar feminista negro e decolonial em razão de toda sua trajetória e posicionamentos no romance.

O contexto histórico e literário passa-se no fim da década dos anos 90, início dos anos 2000 sobre o qual Heloísa Buarque de Hollanda, (2019) afirma que:

A questão de gênero de caráter mais relacional e cultural, se consolidou na década de 1980. É o que veio a se chamar de terceira onda feminista. É um feminismo já pensado academicamente. Essa terceira onda já conta com a presença da tecnologia, que evoluiu atualmente para a quarta onda tendo destaque o ativismo nas redes sociais que vai para as ruas.

A primeira parte da obra é uma fase na qual Ifemelu já está adulta, em uma situação financeira satisfatória e está decidida a retornar para Lagos, na Nigéria, seu país de origem. Ao mesmo tempo em que a personagem está determinada, é notável uma vulnerabilidade emocional, o receio do retorno e a impossibilidade de prever o futuro.

Apesar de um capítulo dedicado ao conceito da Interseccionalidade, desde já, é necessário ter um olhar para Ifemelu no qual, raça, gênero e classe estão inter-relacionados. A personagem passa por muitas experiências e situações atreladas à cor de sua pele, por ser mulher e com dificuldades financeiras no início de sua

estadia nos Estados Unidos. Veremos mais à frente, umas das situações pela qual Ifemelu passa por precisar de dinheiro para as suas despesas.

Acompanhamos, a transição de Ifemelu do fim da adolescência para a fase adulta, conhecemos a família, as amigas e amigos, os pensamentos e opiniões de “Ifem”, forma como é chamada carinhosamente pelos mais próximos, o relacionamento com seus pais e o namorado Obinze, grande paixão de adolescência que está presente na atmosfera de todo o romance.

Na parte 2 da narrativa, conhecemos um pouco sobre a mãe de Ifemelu e o lado religioso de ambas as personagens. Em *Americanah* (2014, p.53): “Ifemelu não se interessava pela igreja e era indiferente a fazer qualquer esforço religioso, talvez porque sua mãe já fizesse tantos”. A personagem é cristã e, apesar do pai não frequentar a igreja, participa das orações diárias que faz parte da rotina da família, não dependendo emocionalmente da religião como sua mãe. O pai demonstra traços na linguagem e em comportamentos que são atrelados ao que foi ensinado aos nigerianos durante a colonização do país pela Inglaterra, logo, temos muitas famílias com costumes europeus na Nigéria após o processo exploratório. Assim como em *Hibisco Roxo* de 2003, a religiosidade, sobretudo o cristianismo é um tema presente na escrita de Chimamanda.

Ifemelu inicia sua vida sexual com o namorado Obinze sem se prender a religião ou permissão, mas, acha que está grávida por passar mal dias depois e conta para a mãe de Obinze a quem já tinha feito a promessa de que iriam se prevenir. Porém, o que chama a atenção é o tratamento dado pela funcionária do laboratório no qual vai fazer o teste de gravidez, como se pudesse e lhe fosse permitido dar a sua opinião pessoal, acerca das escolhas de Ifemelu e Obinze. Nós competimos como mulheres, nos comparamos e nos oprimimos na primeira oportunidade.

E tinha sentido vontade de dar um tapa na cara da funcionária. Uma menina de cara amarelada, magra feito um poste, que fez um muxoxo de desprezo e balançou a cabeça quando Ifemelu disse: Teste de gravidez, como se não acreditasse estar diante de mais uma prova de imoralidade. Agora, estava observando os dois com um sorrisinho superior, cantarolando insolentemente. Estou com o resultado, disse a menina depois de algum tempo, segurando o papel aberto com uma expressão de decepção, pois dera negativo. Ifemelu sentiu-se atônita demais para ficar aliviada a princípio e depois teve que urinar de novo. As pessoas deviam se respeitar e viver como cristãos para evitar problemas, disse a menina quando estavam indo embora. (ADICHIE, 2014, p.106)

Ao partir para os Estados Unidos, seguimos com Ifemelu e suas decepções, alegrias, sentimentos, sensações e aflições. Ela passa por mudanças no corpo, no modo de se vestir, na forma como se vê, de forma mais crítica em relação ao ganho de peso e todas essas mudanças estão refletidas em suas atitudes.

Ifemelu transita por diferentes eixos identitários: no exterior, passa a se ver como adulta, negra e imigrante. Percebe o quanto a cor da pele tem significado nos Estados Unidos, algo irrelevante na Nigéria. Em outro momento, se visualiza como uma mulher gorda e, por fim a relação de reconquista com o cabelo natural dentro da cultura estadunidense. Cada situação que vivencia de racismo e discriminação por ser mulher em alguns momentos a dilacera, em outros a impulsiona e a estimula a dividir com outras pessoas em seu futuro blog tais situações, o que produz um senso crítico capaz de tecer aos poucos uma identidade resiliente, mesmo que esteja em constante mudança. No trecho abaixo, dentre vários, notamos a vulnerabilidade da personagem.

No dia em que seus pais voltaram para a Nigéria, ela desabou na cama, chorando descontroladamente e pensando no que havia de errado com ela. Estava aliviada por seus pais terem ido embora e se sentia culpada pelo alívio. Depois do trabalho, vagava pelo centro de Baltimore sem rumo, sem se interessar por nada. (ADICHIE, 2014, p. 327)

Analisar *Americanah* sob uma perspectiva feminista voltada para os estudos culturais contemporâneos, nos atenta aos diálogos atuais, as lutas e aos feminismos das diferenças.

Chimamanda Adichie e bell hooks defendem um movimento que deve ser plural, no qual todos devemos ser feministas. Pesquisando o significado da palavra, temos as seguintes definições na língua portuguesa: Feminismo: Substantivo masculino. Dois principais significados: 1 - doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade. 2 POR METONÍMIA - movimento que milita neste sentido.⁸ Para Chimamanda, o feminismo é sobre igualdade social:

Nós ensinamos as garotas a se encolherem. A se fazerem menores. Nós dizemos a elas: Você pode ter ambição. Mas não muita. Você deve querer ser bem-sucedida. Mas não muito. Do contrário, você ameaçará os homens. Porque eu sou uma fêmea, esperam que eu deseje me casar. Esperam que eu faça as minhas

⁸ Definições retiradas do Dicionário de Oxford Languages.

próprias escolhas na vida. Sempre tendo em mente que o casamento é a mais importante delas. Falando sério, o casamento pode ser uma fonte de alegria, amor e apoio mútuo, mas por que ensinamos às garotas a aspirar ao casamento. E não ensinamos a mesma coisa aos meninos. Educamos as garotas para se considerarem concorrentes. Não por emprego ou por realizações, o que eu penso que pode ser uma coisa boa. Mas pela atenção dos homens. Nós ensinamos as garotas que não podem ser seres sexuais da mesma forma que os garotos são. Feminista: uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos⁹

O trecho acima faz parte da canção de Beyoncé em parceria com Chimamanda Ngozi Adichie, chamada, *Flawless*¹⁰, o nome pode ser traduzido como *Sem Falhas* em português. A letra pode ser interpretada como uma reflexão sobre a pressão colocada nas mulheres que devem agir sempre com perfeição, sem falhar e pensar no casamento como seu principal objetivo de vida, comportamento intenso observado em *Americanah*, em relação às mulheres nigerianas. Em um trecho da canção, Beyoncé canta: "*Demorei um pouco para viver minha vida / mas não pense que sou apenas sua pequena esposa.*" No início da canção, Adichie argumenta como é culturalmente ensinado e validado o conceito de feminilidade na sociedade ocidental, comportamentos que nos ensinam desde pequenas como mulheres. No fim, esclarece de forma objetiva e breve, o significado de ser feminista. Tanto Chimamanda quanto Beyoncé atingiram proporções globais com suas vozes e posicionamentos.

Para mim o feminismo não é simplesmente a luta para acabar o chauvinismo masculino ou o movimento que assegura que as mulheres terão direitos iguais aos homens; é o compromisso em erradicar a ideologia da dominação que é permeável na cultura ocidental em vários níveis – sexo, raça e classe, para nomear alguns – e o compromisso em reorganizar a sociedade dos Estados Unidos para que o autodesenvolvimento do povo possa ser precedente sobre o imperialismo, a expansão econômica e os desejos materiais. (HOOKS, 2014, p.138)

Lélia Gonzalez, intelectual e feminista negra brasileira, pensou nas mulheres negras, indígenas e oprimidas. Escreveu sobre a importância de um feminismo afro-

⁹ ADICHIE em trecho de *Flawless*, canção de Beyoncé, 2014, baseado na palestra *We all should be feminists*, 2013

¹⁰ Canção escrita pela artista musical estadunidense Beyoncé Knowles, Terius "The-Dream" Nash, Chauncey Hollis e Rey Reel com a inclusão da palestra *We all should be feminists* (2012) para o álbum intitulado *Beyoncé* lançado em 2014. O clipe oficial da canção foi publicado em 24 de novembro de 2014 e pode ser visualizado pelo site <<https://www.youtube.com/watch?v=lyuUWOnS9BY>> Acesso em agosto de 2020.

latino-americano. Refletiu sobre a interseccionalidade, mesmo não tendo utilizado o termo desta forma relacionando raça, classe e gênero compreendendo que as categorias estão relacionadas no sistema de opressão racista ao qual se inserem as mulheres negras, além de levantar reflexões acerca do povo negro que de fato construiu o Brasil e outros países colonizados no continente americano. Gonzalez defendia que eles foram os verdadeiros protagonistas de nossa história, porém, continuam sendo invisibilizados na historiografia da formação do povo brasileiro.

Como antropóloga, Lélia problematizou a epistemologia do conhecimento, e buscava em seus estudos uma descolonização do saber que nos leva as seguintes provocações: O que aprendemos sobre o povo negro no Brasil e em outros países colonizados? Como eles são narrados na história do país? Quais são as especificidades e demandas das mulheres negras no Brasil, na Nigéria e nos Estados Unidos no contexto desta análise?

Tecendo uma relação com *Americanah*, as personagens serão analisadas tendo em mente a colonização do saber, o racismo estrutural e a necessária desconstrução dos mesmos, estando exemplificados nas experiências vivenciadas por Ifemelu e Uju, colocadas subalternas nos Estados Unidos, simplesmente pela cor da pele, antes que elas se reconhecessem ou se visualisassem como negras em seu país de origem.

O fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar a reflexão, ao invés de continuarmos na repetição e reprodução dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. (GONZALEZ, 1983, p.225)

É importante citar o conceito *forasteira de dentro* de Patricia Hill Collins tradução livre de *The outsider within*. Ifemelu o exemplifica sendo uma mulher acadêmica negra nos Estados Unidos, ocupando um espaço de poder, mesmo com as múltiplas opressões que vivencia, problematizando suas experiências com um olhar crítico no blog.

O conceito de forasteira de dentro (*outsider within*) de Collins (2016) discorre a respeito de a mulher negra ser vista como sujeita política, mas ao mesmo tempo como uma de fora, devido ao seu lócus ser permeado de opressões históricas, sociais e culturais. (SILVA, 2019, p.01)

Intitulado “*Raceenteth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos feitas por uma negra não americana)*”, o blog exemplifica e questiona com outras pessoas, experiências racistas refletindo o lugar do negro nos Estados Unidos. A descoberta da raça e de suas consequências baseadas em estereótipos nos Estados Unidos causa estranhamento em Ifemelu, tanto como a forma como os outros a veem. Em um dos seus posts, Ifemelu chama de “tribalismo americano” esses julgamentos com os judeus que apesar de brancos também sofrem preconceitos. Dessa forma, Ifemelu é sempre colocada como forasteira de dentro, o sentimento de pertencimento mesmo após anos de vivência no país estadunidense, não existe.

Querido Negro Não Americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora. Nós todos temos nosso momento de iniciação na Sociedade dos Ex-Crioulos. O meu foi numa aula da faculdade, quando me pediram para dar a visão negra de algo, só que eu não tinha ideia do que aquilo significava. Então, simplesmente inventei (ADICHIE, 2014, p. 239)

Em *O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, lançado no Brasil em 2018, bell hooks teórica e ativista estadunidense, afirma que “antes da libertação das mulheres, todas as mulheres, mais jovens ou mais velhas, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem e em ser ou não notada como pessoa de boa aparência, principalmente por homens.” Ainda para hooks, o grande obstáculo para não alcançarmos a igualdade de gênero é o sexismo, é através dele que o patriarcado e as opressões ganham força e se perpetuam através dos tempos. hooks acerca do movimento feminista e as mulheres negras nos Estados Unidos, reflete acerca do imperialismo racial, que está culturalmente acima da questão do sexismo no país estadunidense. Em *Sejamos todos feministas* (2013) afirma:

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. Fecha as pernas, olha o decote. Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. Conheço uma mulher que odiava tarefas domésticas, mas fingia que não, já que fora ensinada a ser caseira, como uma boa esposa tem de ser. Finalmente ela se casou. E a família do marido começou a reclamar quando seu comportamento mudou. Ora, na verdade ela não mudou. Ela apenas se cansou de fingir ser o que não era.

O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero. (ADICHIE, 2013, p. 11)

Ifemelu e outras personagens importantes para o enredo da narrativa em *Americanah*, serão analisadas através de uma perspectiva feminista negra e decolonial. Ambos estão em constante relação com a interseccionalidade.

Como dito anteriormente, Ifemelu é humana, suscetível a erros, a acertos, entra em depressão, melhora. Trai, inicia relacionamentos, termina, sente medo, inseguranças e dúvidas. Essas características são importantes, pois, muitas vezes o feminismo é atrelado a mulheres fortes e inabaláveis, principalmente quando são negras. Uju, Ginika, Ifemelu e Ranyundo se desnudam na narrativa, vivenciando suas vulnerabilidades e dificuldades. *Americanah* mostra a vulnerabilidade emocional dessas mulheres. Todas passam por processos que as constroem e desconstroem.

As relações de poder sob os quais Ifemelu está inserida nos Estados Unidos, levam ao conceito de interseccionalidade, pois essas relações cruzam marcadores sociais da diferença, que são a raça, classe e gênero situando-se em diferentes contextos como a/o dominante versus a/o dominado ou a/o opressor versus a/o oprimido.

É nesses processos históricos (colonização) que a branquitude começa a ser construída como um constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem, ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores. (SCHUCMAN, 2012, p. 17)

A personagem para sobreviver nos Estados Unidos, além de se aculturar, precisa resistir e lutar contra um sistema no qual o racismo é estrutural, enraizado em um país que em pleno fim do século XX, ainda oprime inferioriza os indivíduos pela cor da pele, mesmo sendo considerado potência mundial.

Gayatri Spivak, Maria Lugones e Grada Kilomba pensam as relações de poder hegemônicas sob um ponto de vista pós-colonial e decolonial, apesar de produzirem seus estudos em contextos e épocas diferentes. As estudiosas examinam as consequências da colonização na maneira de pensar, criar conceitos, explicar a realidade e de organizar a vida social dos países / povo que passaram por esse processo. Para as teóricas, a colonialidade continua na forma de ver, pensar o

mundo, no que é visto como ideal pelo país colonizado. No contexto de *Americanah*, a imigração é um tema importante, pois exemplifica o quanto os nigerianos ligados a Ifemelu, idealizam a “América” como um local de sonho, de oportunidades e desenvolvimento. Obinze é apaixonado pela cultura estadunidense quando jovem, assim como outros personagens, como os pais de Ifemelu que consideram tanto a Europa quanto os Estados Unidos mais evoluídos e desenvolvidos em comparação com a Nigéria.

Agora, Kosi estava fazendo uma mesura e cumprimentando a sra. Akin-Cole, uma mulher notoriamente velha de uma família notoriamente antiga que tinha a expressão arrogante, com as sobrelhas sempre erguidas, de uma pessoa acostumada a receber homenagens. Como está a sua filha? Já está na escola? perguntou a Sra. Akin-Cole. Você precisa colocá-la na escola francesa. Eles são muito bons, muito rigorosos. É claro que as aulas são em francês, mas não vai fazer mal para a criança aprender outra língua civilizada, já que aprende inglês em casa. A escola francesa não é ruim, mas prefiro a Sidcot Hall. Eles seguem o currículo britânico completo, disse outra mulher cujo nome Obinze tinha esquecido. (ADICHIE, 2014, p.36)

Este capítulo de Obinze chama a atenção justamente pelos nigerianos em classes sociais elevadas, serem preconceituosos com o sistema educacional nacional. Neste trecho, Obinze está rodeado de mulheres pertencentes à “alta sociedade” nigeriana. São falas como “língua civilizada” dos países europeus que marcam um pensamento retrógrado e colonial. Todas as viagens, gastos, produtos comprados, beneficiam os países ensinados como superiores, desvalorizando a sua cultura de origem.

Se decidir colocar sua filha em desvantagem mandando-a estudar numa dessas escolas com professores nigerianos de meia-tigela, a responsabilidade é sua, disse a Sra Akin-Cole. Ela falava com aquele sotaque estrangeiro impossível de identificar, que misturava britânico, americano e mais alguma coisa, tudo ao mesmo tempo, dos nigerianos ricos que não queriam que ninguém esquecesse como eram viajados, como seu cartão executivo da British Airways estava repleto de milhas. (ADICHIE, 2014, p.37)

Gayatri Spivak é uma das pioneiras nas reflexões e na compreensão sobre a condição de subalternidade na vida social, nos levando a fazer os seguintes questionamentos: Será que as vozes de todas as pessoas são ouvidas? Todos têm a mesma chance de falar e serem ouvidos? O sujeito subalterno na definição de Spivak, 2010, p.12: é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação

política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

Os estudos de Spivak em seu livro, *Pode a subalterna falar?*¹¹ (2010) se aproximam aos questionamentos de Chimamanda Adichie em *Os perigos de uma única história* (2009)¹², quando ambas não acreditam em apenas uma narrativa, Spivak nomeia de “violência epistêmica”, quando somente se considera a versão do vencedor, no caso do colonizador, o que acarreta em uma epistemologia hegemônica da história. Tanto para Adichie, quanto Spivak, é um equívoco e uma forma de negar a humanidade e toda a trajetória de quem também está envolvido no contexto, geralmente, quem foi oprimido. Grada Kilomba tendo como base o artigo de Spivak, argumenta que:

Essa ausência simboliza a posição da subalterna como sujeito oprimido que não pode falar porque as estruturas da opressão não permitem que essas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para a articulação das mesmas. Nesse ponto, Spivak oferece uma visão bastante significativa, questionando a noção de falar. Ao argumentar que a subalterna não pode falar, ela não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar em nosso próprio nome. A teórica, em vez disso, refere-se à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo. (KILOMBA, 2019, p.47)

Em *Americanah*, Ifemelu demonstra desconforto em relação aos pressupostos dos estadunidenses e até mesmo de imigrantes de diversos lugares do mundo em relação a África, para sua surpresa também de negros nascidos nos Estados Unidos, os afro-americanos e as narrativas estereotipadas infundáveis acerca do continente.

Durante uma entrevista de emprego nos Estados Unidos, Ifemelu se esquece de falar o nome da pessoa a qual usava a identidade para poder trabalhar no país, amiga de tia Uju. Depois, Ginika disse: Você podia ter dito que Ngozi é seu nome tribal e Ifemelu é seu nome da selva, e ainda ter inventado mais um nome e dito que era seu nome espiritual. Eles acreditam em qualquer merda sobre a África. (ADICHIE, 2014, p.143)

Spivak (2010, p.66-67) afirma que “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”.

¹¹ Minha tradução, inspirada por Grada Kilomba.

¹² Conferência Anual – TED GLOBAL 2009 – De 21 a 24 de julho. Oxford, Reino Unido, Tema: “A Essência das Coisas Não Visíveis”.

Seguindo as linhas teóricas tanto de Spivak, quanto de Adichie, é possível concluir que da mesma forma como não existe uma única história sobre um povo ou fato, não existem sujeitos únicos e sim uma multiplicidade fora da visão eurocêntrica que dita o padrão ideal de pensamento.

Grada Kilomba, reflete sobre a *negação* dos colonizadores sob o povo colonizado, um comportamento estudado na psicologia, área da estudiosa, na qual se nega o mal feito, para que não se sinta culpa, transfere-se então esse sentimento neste caso, aos negros/as.

Fantasia-se que o *sujeito negro* quer possuir algo que pertence ao senhor branco: os frutos, a cana-de-açúcar e os grãos de cacau. Ela ou ele querem comê-los, devorá-los, desapropriando assim o senhor de seus bens. Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam “moralmente” à/ao colonizada/o, o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo. Estamos levando o que é delas/es torna-se, elas/es estão tomando o que é nosso. Estamos lidando aqui com um processo de *negação*, no qual o senhor nega seu projeto de colonização e o impõe à/ao colonizada/o. É justamente esse momento - no qual o *sujeito* afirma algo sobre a/o Outra/o que se recusa a reconhecer em si próprio - que caracteriza o mecanismo de defesa do ego (KILOMBA, 2019, p 34)

No fim do capítulo vinte e sete, em uma sequência de capítulos com o foco em Obinze e sua experiência como imigrante, o personagem reflete acerca da *negação* dos britânicos e faz uma relação com a hostilidade de Londres para com os imigrantes.

Obinze se sentou no assento manchado do metrô barulhento, diante de uma mulher que estava lendo a edição vespertina do jornal. A manchete era FALEM INGLÊS EM CASA, DIZ BLUNKETT A IMIGRANTES. Ele imaginou o artigo. Havia tantos assim nos jornais e apenas repetiam o que era dito no rádio e na televisão e até na conversa de alguns homens do depósito. O vento que soprava nas Ilhas Britânicas estava impregnado do cheiro do medo de quem pedia asilo, infectando a todos com o pânico de uma catástrofe iminente. Assim, esses artigos eram escritos e lidos, de forma simples e histérica, como se seus autores vivessem num mundo onde o presente não tinha ligação com o passado e nunca tivessem considerado que esse era o curso normal da história: a chegada em massa à Inglaterra de negros vindos de países criados pelo Reino Unido. Mas Obinze entendia, só podia ser reconfortante negar a história daquela maneira. (ADICHIE, 2014, p.281)

Ifemelu demonstra uma inquietação em relação às expectativas dos pais, planejadas para ela enquanto filha e mulher. Oriunda de uma família conservadora, a mãe cristã, está sempre em busca de bem-estar através de instituições religiosas, que influenciam seu humor, seu comportamento e atitudes.

Ifemelu não achava que Deus dera aquela casa enorme e todos aqueles carros ao pastor Gideon, mas que, é claro ele os comprava com o dinheiro das três coletas que eram feitas a cada culto, e não achava que Deus faria por todos o que fizera pelo pastor, porque isso era impossível, mas gostava do fato de a mãe ter passado a comer regularmente. O calor dos olhos dela voltara, havia uma nova alegria em sua atitude, e ela ficava sentada à mesa com o marido após as refeições e cantava bem alto quando estava na banheira. Sua nova igreja a absorvia, mas não a destruía. Ifemelu não se interessava pela igreja e era indiferente a fazer qualquer esforço religioso, talvez porque sua mãe já fizesse tantos." (ADICHIE, 2014, p. 52-53)

É com a presença marcante da religião, que se nota a presença do cristianismo como marca da colonização britânica na Nigéria. No caso da mãe de Ifemelu, a religião é o que literalmente norteia e fundamenta sua vida.

Todas as manhãs, a mãe de Ifemelu rezava pelo General. Ela dizia: Meu Pai, ordeno que abençoe o mentor de Uju. Que os inimigos dele nunca triunfem!" Ou dizia: Cobrimos o mentor de Uju com o sangue precioso de Jesus! E Ifemelu murmurava algo sem sentido em vez de dizer amém. Sua mãe dizia *mentor* de modo desafiador, com um tom de voz pesado, como se a potência de sua expressão fosse realmente transformar o General num mentor e fazer o mundo virar um lugar onde jovens médicas podiam pagar pelo Mazda¹³ da tia Uju, aquele automóvel verde-cintilante de linhas feitas para intimidar. (ADICHIE, 2014, p.53)

Uju, sobrinha do pai de Ifemelu, vai morar em Lagos quando nova para estudar e lá permanece com a família. Na Nigéria, pelo menos metade da população ainda vive nas zonas rurais do país, nas chamadas aldeias. A relação mais próxima de uma irmã mais velha que Ifemelu vivencia e com quem tem um diálogo aberto sobre o corpo, adolescência e namoro, é com Uju. Já adulta, após conhecer o General Oga, Uju tem a sua vida transformada, recebe presentes, uma boa casa, o emprego que desejava, em troca de uma relação de dependência financeira na qual satisfaz os desejos sexuais e físicos do parceiro.

A Nigéria não vai continuar assim para sempre. Tenho certeza de que vou encontrar um emprego de meio período, e vai ser difícil, sim, mas um dia vou abrir minha clínica, e vai ser na Ilha de Lagos! Dizia tia Uju para Ifemelu. Então ela foi ao casamento de uma amiga. O pai da noiva era vice-marechal do ar, por isso havia um boato de que o chefe de Estado estaria presente. Tia Uju brincou, dizendo que ia pedir que lhe desse o cargo de médica oficial de sua residência. Ele não foi, mas muitos de seus generais foram, e um deles mandou chamar tia Uju e pedir que fosse até o carro dele no estacionamento após a recepção. Quando ela se aproximou do Peugeot escuro com uma bandeirinha presa na frente e disse Boa noite, senhor para o homem no banco de trás, ele afirmou: Gostei de você, quero cuidar de você. Talvez houvesse algo de milagroso nessas palavras. Gostei de você.

¹³ A Mazda Motor Corporation é uma empresa japonesa fabricante de veículos, com sede em Hiroshima.

Quero cuidar de você. Mas não no sentido em que a mãe de Ifemelu acreditava. Um milagre! Deus é fiel!, disse ela nesse dia, com os olhos úmidos de fé. (ADICHIE, 2014. p. 54-55)

Apesar da afetividade que Ifemelu nutre por Uju, a relação de domínio do General sobre o corpo e em todos os aspectos da vida da tia, causa um aparente desconforto na personagem.

Durante a semana, tia Uju ia correndo para casa para tomar um banho e esperar o General e, nos fins de semana, ela ficava descansando de camisola, lendo, cozinhando ou vendo televisão, porque ele ficava em Abuja com a mulher e os filhos. Ela evitava tomar sol e usava cremes que vinham em frascos elegantes para que sua pele, naturalmente tão clara, ficasse ainda mais clara, mais luminosa e ganhasse uma camada de brilho. Ela se firmou em sua nova vida com grande leveza, mais consumida pelo próprio general do que por sua nova prosperidade. (ADICHIE, 2014, p. 83)

Na passagem acima, é possível identificar a relação pela qual Uju se entrega. Sua vida passa a ser do general, cujo objetivo é o agradar, todas as ações são realizadas por ele. Uju, se arruma, cozinha, espera por ele e até mesmo seu trabalho é obtido através de Oga. O General é livre e casado, tendo outra família. Uju não pode se relacionar com outros homens e todas as suas ações são controladas por Oga através de motorista e funcionários.

Você não tem dinheiro? Ifemelu perguntou de novo, devagar, para deixar aquilo claro, certificar-se. Hum, tia, como você pode não ter dinheiro? Oga nunca me dá muito dinheiro. Ele paga todas as contas e prefere que eu peça tudo o que eu quiser. Alguns homens são assim. Ifemelu olhou para ela atônita. Tia Uju, em sua enorme casa rosa com a imensa antena satélite florescendo no telhado, o gerador transbordando de diesel, o congelador repleto de carne, não tinha dinheiro na conta do banco. Ifem, não faça essa cara como se alguém tivesse morrido! Disse tia Uju com sua risada irônica. Ela subitamente pareceu pequena e perdida entre os detritos de sua nova vida, a caixa furta-cor sobre a penteadeira, o roupão de seda jogado sobre a cama, e Ifemelu sentiu medo por ela. (ADICHIE, 2014, p. 86)

Em uma das passagens da narrativa, a vizinha de Ifemelu demonstra interesse em também ter um “mentor” quando se formar, chamando a atenção para essa apropriação dada ao homem como mentor, como a solução de problemas financeiros.

Chetachi, que morava no andar de cima, perguntou a Ifemelu: Sua mãe disse que o mentor da sua tia Uju emprestou dinheiro para ela comprar o carro, é verdade? É. É! Sua tia Uju é sortuda, ô!, disse Chetachi. Ifemelu

não deixou de perceber o sorrisinho irônico dela. Que Deus abençoe esse homem, ô. Tomara que eu também consiga um mentor quando me formar, disse Chetachi. Ifemelu ficou furiosa com as provocações dela. Mas a culpa era de sua mãe, por contar tão avidamente aos vizinhos a história do mentor. Não devia fazer aquilo; não era da conta de ninguém o que tia Uju fazia. Ifemelu havia escutado a mãe dizendo a alguém no quintal do prédio: O general queria ser médico quando era jovem, por isso agora ele ajuda jovens médicos. Deus o usa muito para interferir na vida das pessoas. E ela parecia sincera, alegre, convincente. Acreditava nas próprias palavras. Ifemelu não conseguia entender isso, a capacidade de a mãe contar a si mesma histórias sobre a realidade que não guardavam nenhuma semelhança com os fatos. Quando tia Uju lhes contou sobre o novo emprego – as palavras dela foram: O hospital não tinha uma vaga para médico, mas o General fez com que abrissem uma para mim – a mãe de Ifemelu dissera prontamente: É um milagre! (ADICHIE, 2014, p. 53-54)

Na saída de um salão após fazer o cabelo, tia Uju, distribui trocados aos empregados do local, e é possível observar como a personagem naturaliza um comportamento agressivo masculino.

Ela passara notas de naira para todos os empregados do salão, para os seguranças que ficavam do lado de fora e para o policial no cruzamento. Eles não ganham o suficiente para pagar nem a escola de um filho, disse tia Uju. O trocado que você deu para ele não vai pagar uma mensalidade, disse Ifemelu. Mas ele vai poder comprar uma coisinha extra, vai ficar com um humor melhor e não vai bater na esposa hoje à noite, afirmou tia Uju. (ADICHIE, 2014, p. 86)

Uju engravida do general, e ao contar para os pais de Ifemelu, também revela com naturalidade já ter abortado quando mais nova.

Não planejei isso, aconteceu, disse tia Uju. Fiquei grávida de Olujimi na faculdade. Fiz um aborto, mas não vou fazer outro. A palavra *Aborto*, tão franca, feriu a atmosfera da sala, porque todos sabiam que o que a mãe de Ifemelu não estava dizendo era que havia maneiras de lidar com aquilo. (ADICHIE, 2014, p. 92-93)

Em síntese, o relacionamento de amor e submissão de tia Uju com o General, termina de forma dramática.

Alguém deu pancadas no portão. Dois homens e três mulheres, parentes do General, haviam obrigado Adamu a abrir o portão e agora estavam diante da porta da frente, gritando. Uju! Faça as malas e saia daí agora! Passe a chave do carro para cá! Uma das mulheres era esquelética e estava agitada e com os olhos vermelhos, gritando: Sua vagabunda ordinária! Deus nos livre de encostar na propriedade do nosso irmão! Prostituta! Nunca vai viver em paz em Lagos! Ela tirou o lenço da cabeça e amarrou-o com força em volta da cintura, preparando-se para uma briga. E só então tia Uju voltou a soluçar. Não tenho nada. Tudo está no nome dele. Para onde vou levar meu filho agora?" (ADICHIE, 2014, p. 96)

Obianuju deixa a Nigéria rumo aos Estados Unidos com Dike e passa a trabalhar em três empregos e estudar para obter a licença médica no país. É interessante pensar em Uju como imigrante, pois, apesar dos amigos de Ifemelu por exemplo desejarem ir para a América, não é o caso da tia. Ela é obrigada pelas ameaças da família do General após sua morte, a deixar o país. Esses fatos não estavam nos seus planos, apenas o parto de Dike em solo estadunidense. Uju é determinante no fato de Ifemelu ir para os Estados Unidos, por estar lá e fazer com que a personagem tenha como se manter nos primeiros meses. Obinze é quem a estimula a não descartar a possibilidade de ir e finalizar os estudos na Universidade.

Na passagem abaixo, é possível notar a elasticidade da identidade, em como ela é moldada a partir de nossas experiências e vivências. No caso de Uju, estar nos Estados Unidos já a coloca nas seguintes categorias: ser negra, imigrante, mãe, solteira, trabalhadora e estudante, as quais fazem com que ela se desdobre para conseguir ter êxito em todas as demandas e tenha menos tempo e recursos para cuidar de si, da alimentação e vestuário.

Ela havia presumido, pelos telefonemas de tia Uju, que as coisas não estavam muito ruins, embora agora estivesse se dando conta de que ela sempre era vaga nas conversas, mencionando o trabalho e as provas sem dar detalhes. Ou talvez fosse porque Ifemelu não tinha pedido detalhes, imaginando que não os compreenderia. E Ifemelu pensou, olhando para ela, que a velha tia Uju jamais usaria tranças tão malfeitas. Jamais teria tolerado os pelinhos encravados que pareciam passas em seu queixo, ou usado calças que sobravam entre as pernas. A América a deixava submissa. (ADICHIE, 2014, p. 121)

Apesar de ser médica formada na Nigéria, nos EUA é necessário que Uju faça uma prova para obter a licença para ter o direito de atuar na profissão.

Nunca fui reprovada na vida. Mas eles não estavam testando para saber se eu tinha conhecimento, estavam testando minha habilidade de responder a perguntas capciosas de múltipla escolha que não têm nada a ver com medicina. Ela ficou de pé e foi para a cozinha. Estou cansada. Tão cansada. Achei que, a essa altura, as coisas iam estar melhores para mim e para Dike. Não tinha ninguém para me ajudar e não conseguia acreditar como o dinheiro ia embora rápido. Estava estudando e tinha três empregos. Numa loja no shopping, trabalhando como assistente de pesquisa e cheguei até a trabalhar algumas horas no Burger King. (ADICHIE, 2014, p. 121)

Exemplificada em Uju, no transcorrer dos acontecimentos com as personagens femininas, é frequente perceber a mulher no lugar do outro, em segundo plano e na maioria das vezes sendo objetificada. Em primeiro lugar estão

os homens, em grau de importância na vida de todas as mulheres próximas a Ifemelu.

Após um tempo nos Estados Unidos, Uju, sente à vontade de ter outro filho, então conhece e inicia um relacionamento com Bartholomew demonstrando uma necessidade de se casar novamente. “Ele é contador, divorciado e quer se casar de novo. É de Eziowelle¹⁴, muito perto da nossa aldeia”. (ADICHIE, 2014, p.126)

Era chocante o quanto era errado para tia Uju e o quanto não estava à sua altura. Um homem mais inteligente teria se dado conta disso e sido mais moderado, mas Bartholomew, não. Ele se comportava de forma pomposa, como um prêmio especial que tia Uju tinha sorte de ter ganhado, e ela não o contrariava. Antes de provar as moelas, ele disse: Vamos ver se isso aqui presta. Tia Uju riu, e em seu riso havia uma aquiescência, porque aquelas palavras de Bartholomew, “Vamos ver se isso aqui presta”, referiam-se ao fato de ela prestar como cozinheira e, portanto, como esposa. Ela concordara em participar daqueles rituais, dando um sorriso que prometia ser recatado com ele, mas não com o mundo, atirando-se para pegar o garfo quando este escorregou da mão dele, servindo-o de mais cerveja. (ADICHIE, 2014, p.127)

Anos mais tarde, após Uju se mudar de cidade duas vezes e colecionar problemas na convivência, decide romper o relacionamento com Bartholomew inicializando uma nova relação com Kweku, sempre esperando um homem melhor após uma frustração, com o humor mais positivo, desejando a felicidade em casal.

Tia Uju tinha uma nova leveza; usava uma fina tornozeleira no verão, um lampejo esperançoso de ouro na perna. Passara a fazer parte da Médicos Africanos pela África, doando seu tempo em missões médicas de duas semanas e, durante a viagem ao Sudão, conheceu Kweku, um médico ganense divorciado. Ele me trata como se eu fosse uma princesa. Como Curt tratava você. (ADICHIE, 2014, p. 324)

Kimberly, é estadunidense, de classe média alta e contrata Ifemelu como babá por um longo período. É uma mulher considerada ideal para os padrões americanos: branca, loira e submissa à felicidade do marido, a quem trata com idolatria. Apesar de viver em uma típica família estadunidense como era retratada ao mundo pelo país, tem seus problemas pessoais e familiares aparentando estar sempre se esforçando para estar feliz. É nessa casa, que Ifemelu de fato fica imersa na cultura estadunidense e na idealização de construção familiar do país. Apesar de passar por situações discriminatórias, consegue enxergar os dramas familiares e a

¹⁴ Cidade no estado de Anambra, na Nigéria.

película invisível e frágil em torno da aparência impecável da família. É nesta casa, que Ifemelu conhece Kurt que faz parte da família de Kimberly, com quem tem um relacionamento sobre o qual será analisado no próximo capítulo.

Don chegava em casa e entrava com alarde na sala, esperando que tudo parasse por causa dele. E tudo parava mesmo. Com exceção do que quer que Morgan estivesse fazendo. Kimberly, arfante e ardente, perguntava como tinha sido seu dia, esforçando-se para agradar, como se não conseguisse acreditar que ele mais uma vez tivesse voltado para casa e para ela. (ADICHIE, 2014, p.176)

Djamila Ribeiro em seu livro: *O que é lugar de fala* (2017), reitera a noção da mulher como o *outro* refletida por Simone de Beauvoir. Para Ribeiro, “De forma simples, seria pensar na mulher como algo que possui uma função. Para Simone de Beauvoir, a mulher é o Outro por não ter reciprocidade no olhar do homem. E, segundo Grada Kilomba, a mulher negra segue sendo o “Outro do Outro”.

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é o homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico. Em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Marza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado “terceiro espaço”. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição “sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e de outro lado, de mulheres.” (MIRZA, 1997: p.4). Nós estávamos no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de “raça” e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separativas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos (KILOMBA, 2012, p. 56 apud RIBEIRO, 2017)

Ginika é uma personagem importante na narrativa. Amiga da adolescência de Ifemelu, é a primeira no enredo a imigrar para os Estados Unidos e dissemelhantemente ao grupo de amigos em comum, não esboça felicidade em se mudar para o país que representa o sonho de praticamente todos.

Mas Ginika reclamava e chorava, imaginando uma vida triste e sem amigos na estranha América. Queria poder ir morar com vocês quando eles forem, disse para Ifemelu. Filha de uma estadunidense, professora universitária, assim como seu pai, a família consegue o visto com facilidade. (ADICHIE, 2014, p 74)

O pai de Ifemelu é caracterizado pela personagem como uma pessoa frustrada, com as expectativas deixadas pela colonização. É importante citar o

personagem, pois ele influencia as escolhas em relação a vida escolar da personagem.

Ifemelu era popular, sempre era convidada para todas as festas e, nas reuniões de alunos, era anunciada como uma das três primeiras do ano, mas sentia-se encerrada por um halo translúcido de diferença. Não estaria ali se não tivesse se saído tão bem na prova de admissão, se seu pai não estivesse determinado a mandá-la estudar numa escola que forma caráter como prepara para uma carreira. (ADICHIE, 2014, p.76)

Ginika é caracterizada como a menina mais popular do colégio. Quando Obinze começa a estudar no local, a expectativa era a de que eles ficassem juntos. Ifemelu, apesar de ambos se escolherem para iniciar um relacionamento, compara a sua aparência física com Ginika. A chamada rivalidade feminina. Naomi Wolf, em seu livro que se tornou um clássico dos feminismos, *O Mito da Beleza* (1992, p.17), afirma que “a beleza feminina é vivenciada como mito de contínua comparação com um ideal físico amplamente difundido.” Geralmente a beleza padrão da nação.

Ifemelu soltou a mão de Obinze enquanto voltavam para a aula. Sempre que se sentia assim, o pânico a cortava à menor provocação e eventos banais se tornavam presságios da destruição. Daquela vez, Ginika foi o gatilho; ela estava parada ao lado da escada com a mochila no ombro e o rosto dourado pelos raios do sol e, subitamente, Ifemelu se deu conta do quanto ela e Obinze tinham em comum. A casa de um andar de Ginika na Universidade de Lagos, um lugar tranquilo com um jardim coroadado por sebes de buganvílias, talvez fosse como a casa de Obinze em Nsukka, e ela imaginou Obinze percebendo que Ginika combinava muito mais com ele, e então aquela alegria, aquela coisa frágil e cintilante que havia entre eles dois, desapareceria. (ADICHIE, 2014, p.77)

Ranyinudo, amiga de Ifemelu, vivencia experiências similares a Uju, tem um relacionamento abusivo quando Ifemelu retorna para a Nigéria, no qual, o homem lhe presenteia em troca do seu corpo, o corpo desejável, erotizado e sexualizado.

Ranyinudo se levantou. Havia uma lentidão sensual e feminina em seu andar, um levantar, um rolar e balançar da bunda a cada passo. Um andar nigeriano. Um andar que também indicava certo excesso, mostrava algo que precisava ser menos exagerado. Ifemelu pegou a garrafa gelada de malte das mãos de Ranyinudo e se perguntou se essa seria sua vida se não tivesse ido embora, se ela seria como Ranyinudo, trabalhando para uma agência de publicidade, morando num apartamento de um quarto cujo aluguel não podia pagar com o seu salário, frequentando uma igreja pentecostal onde era ajudante do pastor e namorando um executivo casado que lhe comprava passagens de classe executiva para Londres. Ranyinudo mostrou a Ifemelu fotos dele que tinha no celular. Em uma delas, ele estava sem camisa, com a leve barriga de meia idade, deitado na cama de

Ranyudo e dando o sorriso envergonhado de um homem que acaba de se saciar de sexo. (ADICHIE, 2014, p. 420)

Na passagem acima, Ifemelu vivencia um contraste cultural, entre a realidade dos Estados Unidos e a Nigéria, sendo um choque cultural o retorno para Lagos.

Após um período de readaptação no país, Ifemelu consegue um emprego na revista Zoe Magazine e é convidada para uma conversa com a proprietária.

Antes de oferecer o emprego a Ifemelu ela falou, num sussurro confidencial: Meu marido não me apoiou quando fundei a revista, porque achou que os homens iam correr atrás de mim quando fosse buscar anunciantes. (ADICHIE, 2014, p. 421)

Ifemelu também cria um blog na Nigéria intitulado *As Pequenas Redenções de Lagos* e escreve uma postagem sobre o estilo de vida de algumas mulheres de Lagos que incomoda profundamente Ranyinudo.

Ifem, como você pôde fazer isso? Todo mundo que me conhece vai saber que sou eu! Não é verdade, Ranyi. Sua história é tão comum. Como assim? É óbvio que sou eu! Veja isso! Ranyinudo fez uma pausa e então começou a ler em voz alta: *Existem muitas jovens em Lagos com Fontes Desconhecidas de Riqueza. Elas vivem uma vida pela qual não podem pagar. Só viajaram para a Europa de classe executiva, mas têm um emprego cujo salário não paga nem uma passagem de classe econômica. Uma delas é minha amiga, uma mulher linda e brilhante que trabalha com publicidade. Ela mora na Ilha de Lagos e está namorando um banqueiro importante. Temo que vá acabar como muitas mulheres de Lagos que definem sua vida pelos homens que jamais poderão realmente ter, tolhidas por sua cultura de dependência, com desespero nos olhos e bolsas de marca nos braços.* Rany, juro, ninguém vai saber que é você. Todos os comentários até agora foram de pessoas dizendo que se identificaram com o texto. Tantas mulheres se perdem em relacionamentos assim. Na verdade, eu estava pensando em tia Uju e no General. Aquele relacionamento a destruiu. Ela se tornou uma pessoa diferente por causa do General, não podia fazer nada por si mesma, e, quando ele morreu, ela se perdeu. E quem é você para criticar? De que maneira isso é diferente de você e do branco rico dos Estados Unidos? Você teria sua cidadania se não fosse por ele? Como foi que arrumou aquele emprego nos Estados Unidos? Você precisa parar com essa bobagem. Pare de se achar tão superior! (ADICHIE, 2014, p. 454-455)

2.1 O cabelo e corpo de Ifemelu como metonímias: uma questão transcultural relacionada ao feminismo negro ocidental e o título da obra correlacionado ao feminismo decolonial

No início do romance, Ifemelu precisa se deslocar de Princeton para Trenton com o objetivo de trançar os cabelos, devido à dificuldade de encontrar um salão especializado em tranças na cidade em que vive.

[...] Embora Ifemelu gostasse do verde tranquilo das diversas árvores, das ruas limpas, das casas imponentes, das lojas delicadas e caras demais e do ar calmo de quem sabia merecer a graça alcançada... E, acima de tudo, gostava do fato de que, nesse lugar de conforto afluente, podia fingir ser outra pessoa, alguém que tivera acesso a esse sagrado clube americano, alguém com os adornos da certeza. Mas Ifemelu não gostava de ter que ir a Trenton para trançar o cabelo. Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton – os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças -, mas, enquanto esperava o trem na Princeton Junction, numa tarde incandescente de calor, Ifemelu se perguntou por que não havia um lugar ali onde pudesse fazer suas tranças. (ADICHIE, 2010, p. 09- 10)

Para chegar neste momento, a personagem passou por um longo processo de ruptura aos padrões de beleza valorizados pela sociedade estadunidense. O cabelo em *Americanah* então, representa uma dualidade entre a fraqueza e a força de Ifemelu.

A ativista e intelectual brasileira Lélia Gonzalez apontou o branqueamento como uma marca central do racismo disfarçado ou por denegação, que prevalece nas sociedades latino-americanas. Como ideologia ou dinâmica social, o branqueamento mobiliza as hierarquias sociais de gênero e raça, e opera como um mecanismo de controle e disciplinamento do desejo e da forma como são vividas as relações afetivas e sexuais. (PEREIRA, 2018, p.01)

Em seu livro: *A literatura movente de Chimamanda Adichie*, Cláudio Braga traz, em seu segundo capítulo, “Fingindo ser outro: identificações problemáticas”, uma análise quanto a dificuldade de Ifemelu como imigrante e a busca pelo sentimento de pertencimento nos Estados Unidos com tantos desafios envolvidos no âmbito interno além do exterior, como a “auto aceitação, autoestima e auto definição”. Por certo, a personagem vive um árduo e denso processo de desconstrução e reconstrução de si de acordo com as experiências vivenciadas por

questões de gênero e raça. Braga realiza um questionamento interessante no fim de um dos parágrafos: “Quais são os obstáculos que dificultam a aceitação de Ifemelu nos Estados Unidos?”

Assim como a cor da pele, o cabelo é, por assim dizer, derivado dos temas raça e racismo, novos para Ifemelu: somente ao chegar nos EUA ela se dá conta de que é negra, já que cor da pele e raça são assuntos que não fazem muito sentido na Nigéria, um país de população essencialmente negra. O assunto a intriga e se torna motivação para que ela comece a escrever o blog Observações curiosas de uma negra não americana sobre a questão da negritude na América (tradução minha) que a torna famosa, pois o blog adquire popularidade. O blog de Ifemelu, por sinal, pode ser entendido como uma estratégia de inserção de voz de Adichie em seu próprio romance, uma janela que se abre para contendas de teores polêmicos ligados aos temas raciais na sociedade estadunidense. (BRAGA, 2018, p. 547)

São inúmeras as situações vivenciadas de discriminação racial por Ifemelu, mas o cabelo é um grande símbolo de submissão e distanciamento de sua cultura, sendo um período com marcas que a distanciam principalmente de seu bem-estar. No trecho abaixo, a personagem é forçada a alisar o cabelo para conseguir uma vaga de emprego. Ao falar sobre a entrevista em Baltimore, Ruth diz: “Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego. “(ADICHIE, 2014, p.220)

Por que você tem que fazer isso? Seu cabelo era lindo e trançado. E aquela última vez, quando você tirou as tranças e deixou meio natural? Ficou ainda mais lindo, tão cheio e incrível! Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de gente branca, cachos suaves ou na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespo. (ADICHIE, 2014, p. 222)

Lélia Gonzalez, assim como Ifemelu, passou por um processo de embranquecimento durante uma fase de sua vida, para que pudesse, anos depois, se reafirmar como negra novamente, tendo vivenciado o racismo mesmo seguindo o padrão de beleza branco.

Como estudante e professora experimentou ascensão social via formas expressas de embranquecimento: realizou um casamento inter-racial, do qual vem o sobrenome Gonzalez; na escola aprendeu os gostos das classes médias e seu estilo de vida; fez amigos no seio do estrato médio

carioca e adotou sua forma de viver, como o gosto pela bossa nova, a preferência por roupas e cortes de cabelo à moda dos anos dourados, incluindo o alisamento capilar e o uso de perucas. Era uma forte candidata ao ingresso no mundo dos brancos – parafraseando Florestan Fernandes. O racismo foi, pois, uma experiência que a enegreceu, ou, como ela gostava de dizer acerca das relações raciais em seu país natal: não se nasce negro, torna-se: *a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista*. Ao parafrasear Simone de Beauvoir, antes recriada por Neuza Santos Sousa no livro *Tornar-se negro*, Gonzalez a um só tempo nos propõe uma versão não essencialista da raça – mostrando a possibilidade de reclassificação social – e revela a dificuldade de se tornar e ser negro (a) num país que apregoa a democracia racial, ao mesmo tempo em que propaga o branqueamento social e estabelece lugares sociais segregados com base em atributos adscritos por cor, sexo e condição de classe. (RATTS, RIOS, 2014, Géledes)¹⁵

As feridas no couro cabeludo de Ifemelu após um longo processo químico de alisamento, representam a dor das consequências de um padrão de beleza perverso que exclui as singularidades de cada mulher.

Ifemelu sentiu apenas uma leve ardência no começo, mas quando a cabeleireira estava tirando o relaxante enquanto ela mantinha a cabeça apoiada em uma pia de plástico, agulhadas de dor profunda surgiram em diversas partes de seu couro cabeludo e se refletiram em partes diferentes do corpo, ricocheteando de volta para a cabeça. Arde um pouco, disse a cabeleireira. Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca! O cabelo de Ifemelu pendia em vez de se manter armado. Estava liso e cintilante, dividido na lateral e virando lentamente para dentro na altura do queixo. Não tinha mais cachos. Ela não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto, enquanto a cabeleireira alisava as pontas com um ferro, o cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo, causou nela uma sensação de perda. Curt pareceu incerto ao vê-la. Você gostou, amor? perguntou ele. Estou vendo que você não gostou, disse Ifemelu. Curt não disse nada. Esticou a mão para acariciar seu cabelo, como se isso fosse fazê-lo gostar. Ela afastou a mão dele. Ai. Cuidado. O relaxante me queimou um pouco. O que? Não é tão grave assim. Acontecia comigo o tempo todo na Nigéria. Dê uma olhada nisso. Ifemelu mostrou um queleide atrás de sua orelha, um pequeno inchaço vermelho que surgira depois de tia Uju ter passado um ferro de alisar em seus cabelos na época da escola. Puxe a orelha para trás, dizia tia Uju sempre, e Ifemelu segurava a orelha, tensa e sem respirar, apavorada com a ideia de o ferro, que acabara de vir do fogão, queimando, mas também animada com a perspectiva de cabelos lisos que balançavam. E, um dia, o ferro a queimou mesmo, quando ela se mexeu um pouco e a mão de tia Uju se moveu um pouco, fazendo o metal quente chamuscar a pele atrás da orelha. (ADICHIE, 2014, p. 221)

Após sentimentos de dor, de cansaço e de coragem, ela corta o cabelo e inicia um processo de não reconhecimento de si que afeta sua autoestima e, ao

¹⁵ Flavia Rios e Alex Ratts, *do Negro Belchior para Tornar-se negra, intelectual e ativista: percursos de Lélia Gonzalez*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/tornar-se-negra-intelectual-e-ativista-percursos-de-lelia-gonzalez-por-flavia-rios-e-alex-ratts/>> Acesso em maio de 2021

mesmo tempo, marca o começo de sua redenção e libertação em busca de uma identidade mais fiel aos seus gostos, a si mesma.

A personagem passa por um processo de reafirmação nos EUA, da sua negritude, uma vez que antes de viajar não se enxergava como negra e o significado na prática da cor da sua pele no novo país. Esse processo está atrelado ao gênero, a condição de imigrante e suas relações interpessoais. Em todas essas situações, o gênero, a classe e a raça se inter-relacionam.

Em um de seus relacionamentos, com Curt, Ifemelu vivencia a discriminação racial de forma explícita. O rapaz, primo de Kimberly, é caracterizado como branco, de olhos claros e rico.

Uma sensação de contentamento tomou conta dela. Fora isso que Curt lhe dera, a dádiva do contentamento, do conforto. Como Ifemelu tinha se acostumado depressa com a vida deles, com o passaporte repleto de vistos, a solicitude das aeromoças nas cabines de primeira classe, os edredons de plumas dos hotéis em que se hospedavam e as pequenas coisas que ela guardava com avidez: potinhos de geleia da bandeja de café da manhã, vidrinhos de condicionador, pantufas de tricô, até toalhas de rosto, caso fossem especialmente macias. Tinha deixado sua antiga pele para trás. (ADICHIE, 2014, p .217)

Curt se apaixona fisicamente por Ifemelu, que com ele passa a ter um relacionamento recheado de novas experiências e oportunidades como: viajar ou se hospedar em hotéis caros. É um relacionamento voltado para o âmbito sexual, de satisfação.

Curt nunca tinha transado com uma negra; ele disse isso para ela após sua primeira vez, em sua cobertura em Baltimore, jogando a cabeça num gesto em que caçoava de si mesmo, como se isso fosse algo que devesse ter feito havia muito tempo, mas que sempre deixara pra depois. Um brinde a esse marco, então, disse Ifemelu, fingindo que erguia um copo. Você é tão sexy, disse ela. Você é mais. Curt lhe disse que nunca tinha se sentido tão atraído por uma mulher antes, nunca havia visto um corpo tão lindo, seus seios perfeitos, sua bunda perfeita. Ifemelu achou engraçado o fato de ele considerar perfeito o que Obinze chamava de uma bunda achatada, e ela achava que seus seios eram seios grandes como quaisquer outros, já um pouco caídos. Mas as palavras dele lhe agradaram, como um presente generoso e desnecessário. Ele queria sugar seu dedo, lambe mel do bico de seu seio, espalhar sorvete em sua barriga, como se não fosse o suficiente ficar deitado sentindo sua pele nua contra a dela. (ADICHIE, 2014, p.212-213)

Curt consegue o primeiro emprego para Ifemelu, na área de comunicação, após tentativas falhas pela consultoria da universidade.

Conheço algumas pessoas com quem meu pai fazia negócios, talvez eles possam ajudar, disse Curt. E, pouco tempo depois, anunciou que ela fora chamada para uma entrevista num escritório no centro de Baltimore, para uma vaga na área de relações públicas. Você só precisa arrebentar na entrevista e o emprego é seu, disse ele. Conheço um pessoal numa outra empresa maior, mas o bom dessa é que eles vão conseguir um visto de trabalhador temporário para você e dar início ao processo de obtenção do green card. O quê? Como você conseguiu isso? Ele deu de ombros. Liguei para algumas pessoas. Curt, Meu Deus. Não sei como agradecer. Tenho algumas sugestões, disse ele, com uma satisfação infantil. (ADICHIE, 2014, p. 219-220)

Após os procedimentos químicos de alisamento, Ifemelu passa a notar queda e fraqueza em seu cabelo. Wambui, amiga da universidade, é quem a encoraja a cortar e o deixar crescer natural.

Wambui estava usando o cabelo em caracóis curtos dos quais Ifemelu não gostava; pareciam esparsos e sem graça, e não valorizavam o rosto bonito de sua amiga. “Não quero usar dread”, disse ela, “Não precisa ser dread. Você pode usar um afro ou tranças, como costumava fazer. Pode usar seu cabelo natural de muitos jeitos. ”Não posso simplesmente cortar o meu cabelo. “Relaxar o cabelo é que nem ser preso. Você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você. Não foi correr com Curt hoje porque não quer suar e ficar com o cabelo crespo. Naquela foto em que me mandou, estava com ele coberto no barco. Está sempre lutando para fazer seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele. Se o deixar natural e cuidar bem dele, vai parar de cair. Posso ajudá-la a cortá-lo agora mesmo. Não precisa pensar muito.” (ADICHIE, 2014, p.226)

Ifemelu ainda estava olhando, espantada, para seu cabelo. O que ela tinha feito? Parecia inacabada, como se o próprio cabelo, curto e espetado, estivesse pedindo atenção, pedindo que algo fosse feito com ele, pedindo mais. (ADICHIE, 2014, p.230)

Ela fingiu que estava doente e faltou ao trabalho por três dias. Finalmente foi trabalhar com um afro muito curto, penteado demais e com óleos demais. Você está diferente, disseram seus colegas, todos com certa hesitação. Significa alguma coisa? Tipo, alguma coisa política? Perguntou Amy, que tinha um cartaz de Che Guevara na parede de seu cubículo. Não, respondeu Ifemelu. Na cafeteria, a Srta. Margaret, a afro-americana peituda que servia as refeições – e que, além de dois seguranças era a única outra negra na empresa -, perguntou: Por que você cortou o cabelo, meu bem? É lésbica? Não, srta. Margaret, pelo menos não por enquanto. Alguns anos depois, no dia em que Ifemelu pediu demissão, ela foi à cafeteria para seu último almoço. Está indo embora? Perguntou a Srta. Margarete, chateada. Que droga, meu bem. Eles precisam tratar o povo melhor aqui. Acha que seu cabelo foi parte do problema? (ADICHIE, 2014, p. 230)

As experiências racistas, os olhares, as falas das pessoas, fazem com que Ifemelu resista e se desconstrua para reconstruir novamente sua identidade. Com a

internet, a personagem encontra uma rede de apoio chamada FelizComEnroladoCrespo.com, na qual usuárias compartilham informações acerca de transições capilares.

O site FelizComEnroladoCrespo.com tinha um fundo amarelo-gema e muita gente comentando, pessoas cujas fotos de identificação eram de mulheres negras piscando. Elas tinham longos dreads, afros curtos, afros grandes, cabelos torcidos, tranças, cachos imensos e chamativos. Chamavam relaxante de crack cremoso. Estavam cansadas de fingir que seu cabelo não era o que era, cansadas de correr da chuva e fugir do suor. Elogiavam as fotos umas das outras e terminavam os comentários mandando “abraços”. Reclamavam que as revistas feitas para os negros nunca tinham mulheres de cabelo natural em suas páginas, falavam de produtos de farmácia tão contaminados de óleo mineral que não conseguiam aumentar a umidade dos cabelos naturais. Trocavam receitas. Esculpiam para si mesmas um mundo virtual onde seu cabelo enrolado, crespo, pixaim e lanudo era normal. E Ifemelu caiu nesse mundo transbordando gratidão. Mulheres com o cabelo tão curto quanto o dela diziam ter um mini afro. (ADICHIE, 2014, p.230-231)

Para Djamila Ribeiro (2018), o conceito de voz dentro do feminismo negro vai além do falar, do som das cordas vocais, é sinônimo de sobrevivência. Ifemelu se comunica de forma crítica, através de suas experiências, levanta perguntas e hipóteses que as pessoas não estavam acostumadas a ler ou ouvir sobre sua existência e experiências no blog *“Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana”* (ADICHIE, 2014, p. 10).

É no *Mariama African Hair Braiding*, espaço típico da transformação feminina e propício aos questionamentos identitários, que Ifemelu vai passar por três etapas: tingimento, alisamento e trançamento de seu cabelo. A primeira delas, o tingimento, inicia um debate central no romance sobre a relevância do cabelo para a identidade feminina, em especial para a mulher negra. A cabeleireira Aisha, imigrante senegalesa, designada para atender Ifemelu, começa por perguntar a cor que a cliente deseja para o aplique, mas, ao ouvir a resposta, cor 4, afirma prontamente não se tratar de uma cor boa, determinando que ela deve usar a cor 1, porque a 4 deixa o cabelo com aparência de sujo”. Ifemelu então responde: A cor 1 é preta demais, fica artificial [...] às vezes uso a cor 2, mas a 4 é a mais próxima do meu cabelo natural” (ADICHIE, 2014, p. 12).²⁹ Dois pontos de vista distintos aqui são revelados: na opinião de Aisha, o aplique de cor número 4, próximo do natural, parece sujo, sugerindo que a cabeleireira tende a depreciar as características naturais do cabelo afro. Ifemelu, ao contrário, argumenta que a tintura mais forte deixa o aplique com aparência artificial, optando por uma coloração mais próxima do natural. (BRAGA, 2018, p. 58)

O blog passa a ser uma forma de desabafo coletivo entre pessoas que passam por situações racistas como Ifemelu, que será mais desenvolvido nos próximos capítulos.

Antes do casamento em Ashleigh, por exemplo, uma prima de Curt, ele deixara Ifemelu num pequeno salão próximo da casa onde passara a infância. Para ela fazer as sobancelhas. Ifemelu entrou e deu um sorriso para a mulher asiática que estava na recepção. Oi, eu queria fazer a sobancelha com cera. A gente não trabalha com cabelo crespo, disse a mulher. Vocês não trabalham com cabelo crespo? Não. Sinto muito. (ADICHIE, 2014 p. 316)

O cabelo afro da mulher negra é uma expressão política de identidade, de raça e de gênero, funciona no texto como uma metáfora, representa sofrimento e emancipação / auto estima de Ifemelu.

Num dia comum do início da primavera -- não havia nenhuma luz especial, nada de significativo aconteceu, e talvez fosse apenas porque o tempo havia transfigurado suas dúvidas, como muitas vezes acontece, ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito, Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo. (ADICHIE, 2014, p. 232)

Chegamos em um ponto no qual serão feitos os seguintes apontamentos e reflexões: Quais são as marcas que nos levam a realizar uma análise de *Americanah* sob o viés dos pensamentos do feminismo decolonial e negro?

De acordo com as linhas de pensamento dos feminismos(s), buscou-se compreender a ideia de negritude dos estadunidenses tendo como embasamento teórico, estudiosas feministas negras naturalizadas ou com origem nos Estados Unidos. É necessário problematizar a hegemonia da branquitude, principalmente no contexto estadunidense em que a raça muitas vezes predomina o sexismo, conforme aponta bell hooks em *Ain't I a Woman: Black woman and feminism*, traduzido no Brasil em 2014. Nele, hooks explica de forma detalhada, a relação das mulheres negras estadunidenses e as tentativas de participação no movimento feminista desde o seu início, nomeia mulheres importantes na luta, assim como trabalhos, textos que não estão nas bibliografias feministas.

Inicialmente, as feministas negras aproximaram-se do movimento de mulheres que as mulheres brancas organizaram ansiosas para se juntarem à luta para acabar com a opressão sexista. Nós ficamos desapontadas e desiludidas quando descobrimos que as mulheres brancas no movimento tinham pouco conhecimento ou preocupação pelos problemas das classes mais baixas e das mulheres pobres ou sobre os problemas particulares das mulheres não brancas de todas as classes, Aquelas de nós que eram ativas em grupos de mulheres perceberam que as feministas brancas lamentavam a ausência de grandes números de participantes não brancas, mas estavam sem vontade de modificar o foco do movimento para que fosse melhor dirigido às necessidades das mulheres de todas as classes e raças.

Algumas mulheres brancas até argumentaram que esses grupos não representavam a maioria numérica e por isso não podiam esperar que fosse dada atenção às suas preocupações. Tal posição reforçou a suspeita das mulheres negras de que as participantes brancas queriam que o movimento se concentrasse nas preocupações não das mulheres como grupo coletivo, mas em preocupações individuais de uma pequena maioria que tinha organizado o movimento. As feministas negras acharam que a Sisterhood¹⁶ (solidariedade feminina) para a maioria das mulheres brancas não significava renderem-se à lealdade da raça, da classe e da preferência sexual, para se vincularem com base na política partilhada na crença de que a revolução feminista era necessária para todas as pessoas, especialmente as mulheres, para poderem reclamar o seu direito à cidadania no mundo. Da nossa periférica posição no movimento vimos que o potencial radicalismo da ideologia feminista estava a ser minado por mulheres que discursavam palavras feitas para objetivos revolucionários e estavam primeiramente preocupadas em ganhar a entrada na estrutura de poder capitalista e patriarcal. Ainda que as feministas brancas tenham denunciado o homem branco, elas fizeram da libertação das mulheres um sinónimo das mulheres obterem o direito de participarem totalmente no mesmo sistema que elas identificaram como opressivo. A sua raiva não era meramente uma resposta à opressão sexista. Era uma expressão do seu ciúme e inveja dos homens brancos estarem em posições de poder no sistema enquanto lhes era negado o acesso a essas posições. As mulheres feministas negras desesperaram enquanto nós testemunhávamos a apropriação da ideologia feminista por mulheres elitistas e racistas brancas. Nós fomos incapazes de usurpar as posições de liderança dentro do movimento para podermos espalhar a mensagem autêntica da revolução feminista. Nós podemos até nem ter conseguido audiência nos grupos de mulheres porque elas estavam organizadas e controladas pelas mulheres brancas. Junto com a consciência da política das mulheres brancas, nós, as feministas negras, começamos a sentir que não existia realmente uma luta feminista organizada. Nós desistimos dos grupos, cansadas de ouvir conversa sobre as mulheres como uma força que podia mudar o mundo quando não tínhamo-nos mudado a nós mesmas. Algumas mulheres negras formaram grupos feministas negros que pareciam na maior parte dos casos os grupos que tinham deixado. Outras lutaram sozinhas. Algumas de nós continuaram a ir a organizações, a classes de estudos de mulheres, ou a conferências, mas não estávamos a participar completamente. (HOOKS, 2014, p.134-135)

Atualmente, compreendemos o constante movimento dos feminismos que acontecem pela diferença de experiências e realidades das mulheres, refletindo e problematizando a construção e manutenção de corpos femininos que não são homogêneos.

O feminismo negro questiona as especificidades que não são, e mesmo no início do movimento feminista já não eram as mesmas das mulheres brancas. É necessário também, problematizar o conceito de sororidade, tão mencionado atualmente.

¹⁶ Atualmente nomeamos o termo de *Sororidade*.

Elas entraram para o movimento apagando e negando a diferença, sem pensar em raça e gênero juntos, mas eliminando raça do cenário. Priorizar gênero significou que mulheres brancas podiam assumir o palco, dizer que o movimento era delas, mesmo ao convocar todas as mulheres para aderir. A visão utópica de sororidade evocada em um movimento feminista que inicialmente não considerava diferença racial ou a luta antirracismo séria não captou o pensamento da maioria das mulheres negras/não brancas. A maioria das mulheres negras individuais, predominantemente ativistas do movimento desde a origem, permaneceu no lugar. Quando o movimento feminista começou, ainda era raro haver integração racial. Várias pessoas negras estavam aprendendo a interagir com as brancas, fundamentadas na ideia de se tornarem parceiras pela primeira vez na vida. Não é de se estranhar que mulheres negras individuais que escolheram o feminismo estivessem relutantes em apresentar sua consciência em relação à raça. Deve ter sido uma sensação maravilhosa para elas ouvir mulheres brancas evocando sororidade, em um mundo em que viam as brancas, sobretudo, como exploradoras e opressoras. Uma geração mais jovem de mulheres negras/não brancas no fim dos anos 1970 e no início dos 1980 desafiou o racismo feminino branco. Diferentemente de nossas antigas aliadas negras, a maioria de nós foi educada em ambientes predominantemente brancos. A maioria de nós jamais esteve em posição de subordinação em relação a uma mulher branca. A maioria de nós não esteve no mercado de trabalho. Nunca permanecemos em nosso lugar. Estávamos mais bem posicionadas para criticar o racismo e a supremacia branca dentro do movimento das mulheres. Mulheres brancas individuais que tentaram organizar o movimento ao redor do mote da opressão comum, evocando a noção de que mulheres constituíam uma classe/casta sexual, eram as mais relutantes a reconhecer diferenças entre mulheres, diferenças que ofuscavam todas as experiências comuns compartilhadas entre mulheres. Raça era a diferença mais óbvia. (HOOKS, 2014, p.75)

Os Estados Unidos e a Europa, têm influência mundial, o que não se diferencia dos movimentos feministas. O Ocidente e os países colonizados africanos são influenciados pelos pensamentos e comportamentos dos territórios mencionados sendo necessária uma decolonização do saber.

O processo de inventar de novo, emerge quando o indivíduo entende como: estruturas de dominação trabalham na sua própria vida, à medida que são desenvolvidos pensamento e consciência crítica, à medida que se inventam hábitos novos e alternativos de ser e à medida que se resiste a partir desse espaço marginal de diferença definido internamente. É o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito. (HOOKS, 1990, p.15 apud KILOMBA, 2019, p.69)

Não retirando a importância do movimento feminista, mas analisando-o de forma crítica, vimos que durante um período extenso de tempo, era reduzido majoritariamente a grupos de mulheres brancas e de classe média alta. Como vimos em hooks (2014), as mulheres negras e de cor, quando conseguiam participar do movimento, poderiam aderir a luta contra o sexismo, mas se quisessem lutar contra o racismo, eram vistas como ameaça. É importante lembrar que as mulheres

negras já trabalhavam para seu sustento e das suas famílias com a mesma carga dos homens negros. Logo, lutar apenas contra o sexismo não lhes era satisfatório em suas demandas.

Naquele tempo, mulheres brancas que não queriam encarar a realidade do racismo e da diferença racial nos acusaram de ser traidoras por termos introduzido a questão de raça. Equivocadamente, viram-nos desviando o foco de gênero. Na realidade, exigíamos um olhar objetivo para o status das mulheres e que a compreensão realista servisse como fundamentação para uma política realmente feminista. Nossa intenção não era diminuir a visão de sororidade. Procurávamos estabelecer políticas concretas de solidariedade que possibilitariam uma sororidade genuína. Sabíamos que não poderia haver verdadeira sororidade entre mulheres brancas e mulheres não brancas se as brancas não fossem capazes de abrir mão da supremacia branca, se o movimento feminista não fosse fundamentalmente antirracista. (HOOKS, 2014, p. 76)

Grada Kilomba afirma que sempre houve luta, mas não era benéfica à sociedade hegemônica branca, então as vozes negras continuavam sendo silenciadas.

Não é que não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas, que ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós. De ambos os modos, somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição. É também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a. (KILOMBA, 2019, p. 51)

Patricia Hill Collins, influente socióloga e teórica estadunidense sobre o movimento feminista negro, em entrevista, para o canal da TV Boitempo, em 2019, afirma que “cada grupo tem uma constelação de imagens de controle que recaem sobre ele. Para a estudiosa, aderir aos ideais do movimento feminista negro, “é vivenciar uma luta com as imagens que foram impostas sobre você.”

Certa vez, Ifemelu fora a um posto de gasolina na Chestnut Street e um mexicano grandalhão dissera, com os olhos fixos em seus seios: Você veio por causa da vaga de vendedora? Pode trabalhar para mim de outro jeito! E, então, com um sorriso, sem nunca deixar de ter malícia nos olhos, ele disse que a vaga já fora preenchida. (ADICHIE, 2014, p. 159)

A passagem abaixo evidencia a imagem de controle sobre Ifemelu, afinal de contas, o homem do anúncio é branco, conforme caracterizado na narrativa, cidadão norte-americano e com emprego fixo. A segurança e confiança que ele apresenta

durante todo o acontecimento, é a plena consciência do seu lugar de poder, da imagem de controle que ele tem sobre si e sobre uma imigrante, a qual vê como subalterna, sem cidadania e sem ter como se sustentar, aceitando suas regras para conseguir o dinheiro.

Quando Ifemelu chegou à casa do homem, ele se comportou de forma brusca. Vamos lá para cima... Não haveria nenhum preâmbulo? Venha aqui, disse ele. Preciso me esquentar. Era melhor ir embora. O equilíbrio de forças pendia pro lado dele, desde o instante em que ela entrara na casa. Era melhor ir embora. Ifemelu ficou de pé. Não vou conseguir fazer sexo”, disse ela. Sua voz pareceu aguda, insegura. Não vou conseguir fazer sexo com você, repetiu. Havia, na expressão e no tom de voz do homem, uma segurança completa. Ela se sentiu derrotada. Como era sórdido tudo aquilo, o fato de estar ali com um estranho que já sabia que ela ia ficar. Sabia que ia ficar pelo fato de ter ido. Já estava ali, já fora maculada. Ifemelu tirou os sapatos e deitou na cama dele. Não queria estar ali, não queria o dedo dele se movendo entre suas pernas, não queria ouvir os suspiros em seus ouvidos, mas sentiu seu corpo despertando numa excitação nauseante. Depois, ficou imóvel, enrodilhada e dormente. O homem não a forçara. Ela tinha vindo por conta própria. (ADICHIE, 2014. p.169)

Para o personagem, é natural que tenha o direito de se apropriar, de usar, invadir, descartar o corpo dela e possivelmente de outras mulheres em uma situação de vulnerabilidade social e financeira. Todos esses pensamentos parecem ficar claros para Ifemelu que se vê solitária, e se sente violada sexualmente. Nesse momento na narrativa, Ifemelu assimila o que a ela é esperável e como é vista no novo país. Inicia-se uma fase de silenciamento. Extremamente deprimida, a personagem passa um tempo sem se comunicar com os amigos, familiares e rompe o contato com Obinze.

Ainda seguindo o pensamento de Collins, 2019, “a questão importante para as mulheres negras é reconhecer que as imagens de controle que foram impostas sobre elas são uniformemente negativas” principalmente em solo estadunidense como exemplificado por Ifemelu.

Um agradecimento público a Michelle Obama e o cabelo como metáfora da raça: A amiga branca e eu somos fãs da Michelle Obama. Por isso, outro dia, eu disse a ela: Será que Michelle Obama pôs mega hair? O cabelo dela está mais cheio hoje e fazer escova todos os dias deve danificá-lo”. E ela disse: “Quer dizer que o cabelo dela não é daquele jeito naturalmente?”. Só eu que acho, ou isso aí é a metáfora perfeita para a raça nos Estados Unidos? Cabelo. Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa. As mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? Algumas mulheres negras, tanto

americanas como não americanas, preferem sair peladas na rua a aparecer em público com seu cabelo natural. Porque, veja bem, não é profissional, sofisticado, sei lá, simplesmente não é normal. (Por favor, pessoal dos comentários, não diga que é a mesma coisa que uma mulher branca que não tingi o cabelo.) Quando você tem cabelo natural de negro, as pessoas acham que você “fez” alguma coisa com ele. Na verdade, as pessoas com afros e os dreads são as que não “fizeram” nada com o cabelo. Você devia era perguntar a Beyoncé o que ela fez. (Todos nós amamos a Bey, mas que tal ela mostrar, só uma vez, como é o cabelo que sai natural de seu couro cabeludo?) Eu tenho cabelo crespo natural. Que uso em afros, tranças, trança de raiz. Não, não é uma coisa política. Não, eu não sou artista plástica, poeta ou cantora. Também não sou natureba. Só não quero relaxar o cabelo - Já estou em contato com muitas outras substâncias cancerígenas no meu cotidiano. (Aliás, será que a gente pode banir as perucas afro no Halloween? O afro não é uma fantasia, pelo amor de Deus.) Imagine se Michelle Obama se cansasse de toda aquela escova, decidisse usar o cabelo natural e aparecesse na televisão com o cabelo parecendo algodão, ou com ele bem crespo? (Nunca se sabe como a textura do cabelo de alguém vai ser. Não é incomum para uma mulher negra ter três texturas diferentes no cabelo. Ela ia ficar linda, mas o pobre do Obama sem dúvida ia perder o voto dos independentes e até dos democratas indecisos. (ADICHIE, 2014, p. 321-322)

O que se espera do feminismo? Para hooks, 2014, “o feminismo é uma ideologia em construção.”

Para mim o feminismo não é simplesmente a luta para acabar o chauvinismo masculino ou o movimento que assegura que as mulheres terão direitos iguais aos homens; é o compromisso em erradicar a ideologia da dominação que é permeável na cultura ocidental em vários níveis – sexo, raça e classe, para nomear alguns – e o compromisso em reorganizar a sociedade dos Estados Unidos para que o autodesenvolvimento do povo possa ser precedente sobre o imperialismo, a expansão econômica e os desejos materiais. É uma contradição que as mulheres brancas estruturaram o movimento de libertação de mulheres que é racista e exclui muitas mulheres não brancas. No entanto, a existência dessa contradição não deve conduzir a que qualquer mulher ignore os assuntos feministas. Por muitas vezes sou questionada por mulheres negras para explicar porque me chamo a mim mesma feminista e porque usando esse termo eu alio-me com o movimento que é racista. Eu digo, “a questão que devemos fazer uma e outra vez é como é que as mulheres racistas podem-se chamar a si mesmas feministas.” É óbvio que muitas mulheres se apropriaram do feminismo para servir os seus próprios fins, especialmente essas mulheres brancas que estiveram à frente do movimento; mas antes de me resignar a essa apropriação eu escolhi reapropriar o termo “feminismo”, para focar no facto de que ser “feminista” em qualquer sentido autêntico do termo é querer para todas as pessoas, femininas ou masculinas, a libertação dos padrões dos papéis sexistas, de dominação e de opressão. (HOOKS, 2014, p. 139)

O pensamento feminista decolonial, leva em conta a historiografia dos Estados Unidos e Nigéria, ambos tendo sido colônias da Inglaterra. Esses estudos vão repensar e valorizar outras maneiras de existir e pensar o mundo, sobretudo acerca das questões de gênero, que não são somente legitimadas pela Europa.

Estudar a teoria feminista e suas vertentes é repensar e reinterpretar a epistemologia do conhecimento considerada a legítima de forma universal. É preciso o questionamento acerca das especificidades das mulheres asiáticas, latinas, africanas, de todos os lugares e sua multiplicidade. O pensamento decolonial questiona os discursos que são considerados hegemônicos em todas as áreas de estudo. Nos faz refletir sobre o conhecimento internalizado que temos e seus desdobramentos em ideologias e práticas na nossa vivência.

É através de Ginika que o significado do nome escolhido por Adichie como título da obra é esclarecido no texto. *Americanah* representa a marca fonológica e linguística do inglês no sotaque nigeriano, mesmo a língua inglesa sendo a considerada “oficial” depois da colonização do país.

Os títulos das obras literárias geralmente sintetizam as provocações que o texto vai trazer. Além da marca fonológica na forma dos nigerianos de pronunciar *Americanah*, a maior parte que retorna para o país de origem demonstra um comportamento superior aos conterrâneos que não viveram a mesma experiência e deixar e passar a falar o inglês sem o sotaque nativo. Os nigerianos que imigram para os Estados Unidos por exemplo, retornam fazendo questão de pronunciar o inglês “americano”, e junto a ele, aparece um ar de superioridade, como se o fato de terem ido para a “América”, os tornasse americanos de fato.

As amigas tinham se reunido na casa de Ginika. Ifemelu, Ranyinudo, Prye e Tochi estavam no quarto dela, escolhendo quem ia ficar com as roupas que não iam na mudança. Ginika, vê lá se vai conseguir conversar com a gente quando voltar, disse Priye. Ela vai voltar uma tremenda *americanah*, que nem a Bisi, disse Ranyinudo. Todas urram de rir com a palavra *americanah*, enfiada de alegria com sua quinta sílaba estendida, e ao pensar em Bisi, uma menina um ano abaixo delas que voltara de uma breve viagem aos Estados Unidos com estranhas afetações, fingindo que não entendia mais iorubá e acrescentando um erre arrastado a todas as palavras em inglês que falava. (ADICHIE, 2014, p.74)

A Nigéria possui atualmente, mais de 250 grupos étnicos que se comunicam com línguas próprias, tendo assim uma enorme diversidade linguística. Os Igbo e os Iorubás estão entre os mais populosos tendo influência cultural.

A questão linguística, sobretudo igbo, está demarcada em toda a narrativa e se mantém apesar das traduções. São marcas como “ô” no fim de frases que se referem ao interlocutor como: “Ê! Sua tia Uju é sortuda, ô! Que Deus abençoe esse homem ô.” “Está amassado. *Ngwa*, vá passá-lo.” “Esther, sinto muito, ô.” São

marcas que demonstram a fidelidade cultural de Chimamanda e que está presente em praticamente todas as suas obras literárias. A escritora costuma declarar seu orgulho por ser uma mulher africana e igbo.

Na Nigéria, o estereótipo do igbo é uma pessoa que fala alto, é agressiva, gananciosa e até criminosa. Dizem: Não contrate um igbo para trabalhar para você, porque, sem que você perceba, ele vai tomar o seu negócio. Atribuem a eles a autoria daquele conto do vigário que circula pela internet e rendeu à Nigéria a reputação de um país de trambiqueiros. Chimamanda tem dificuldade em precisar o que na cultura igbo é tão importante para ela. Acredita haver certa verdade no estereótipo de que se trata de uma cultura demasiado materialista. E bem mais puritana que a iorubá no que diz respeito à sexualidade feminina. Não é que a cultura igbo seja melhor – é apenas a *sua* cultura. Os igbos são seu povo, aquele para o qual ela poderia voltar se precisasse. Mas hoje, mesmo em Abba, no coração da Igbolândia, muitas crianças não falam igbo, só inglês. Preocupa-a que, em uma geração, ou duas, talvez, a língua esteja extinta. (MACFARQUHAR, 2019, edição 149, revista Piauí)¹⁷

Ao retornar para a Nigéria, Ranyinudo pontua a mudança de comportamento e de hábitos de Ifemelu, principalmente quando compara o país com os Estados Unidos (p. 420): “Que umidade é essa? Disse Ifemelu. Estava na cama de Ranyinudo, que deitara num colchão no chão. Não consigo respirar! Não consigo respirar! *Haha! Americanah!*”

Americanah!, brincava Ranyinudo sempre. Você está vendo as coisas com olho de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações! (ADICHIE, 2014. p.416)

Heloísa Buarque de Hollanda em seu livro *Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais* (2020) analisa a força do movimento na atualidade e justamente a importância dos estudos decoloniais nas práticas e nas vivências de mulheres colonizadas e culturalmente diferentes. A obra traz textos de feministas e estudiosas do pensamento decolonial, incluindo a autora africana mencionada no primeiro capítulo, Oyèrónkẹ Oyěwùmí trazendo mais uma perspectiva de gênero.

¹⁷ Larissa MacFarquhar

“A hora e a vez de Chimamanda: A escritora nigeriana que alcançou fama mundial”
 Matéria da revista Piauí, edição 149, fev.2019
 Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/hora-e-vez-de-chimamanda/>>
 Acesso em 24 de maio de 2021.

O feminismo decolonial, privilegiando a contestação à colonialidade do saber, também aponta caminhos de avanço político agora na chave latino-americana. Propõe uma revisão epistemológica radical das teorias feministas eurocentradas, o que inclui o fim da divisão entre teoria e ativismo, característica de nossos feminismos desde sempre. Se nas décadas de 1960-1990 o feminismo branco norte americano e europeu foi incorporado com facilidade no feminismo latino-americano e brasileiro, hoje essa aceitação acrítica traz problemas. A consciência da violência e opressão dos processos colonizadores faz surgir um campo de reflexão com o qual o feminismo passa a dialogar. (HOLLANDA, 2020, p.15)

Partiremos da compreensão de que o período colonial deixou marcas na memória coletiva, nos comportamentos, nos modos e na ideia de mundo influenciada por anos de exploração em um processo historicamente violento nas colônias, mesmo que na atualidade sejam países independentes.

Os diferenciais destes estudos vêm da construção dos conceitos colonialismo e colonialidade, eixos da passagem dos estudos pós-coloniais para os decoloniais.

Enquanto o colonialismo denota uma relação política e econômica de dominação colonial de um povo ou nação sobre outro, a colonialidade se refere a um padrão de poder que não se limita às relações formais de dominação colonial, mas envolve também as formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade de viés racial. (HOLLANDA, 2020, p.18)

Kilomba (2019, p.54) tendo como foco questões raciais, afirma que “devido ao racismo, pessoas negras experienciam uma realidade diferente das brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente.”

Quando estudamos o feminismo decolonial, se torna indispensável refletir sobre a *colonialidade do saber*. Grada Kilomba não utiliza a nomenclatura *decolonial*, e sim *estudos pós-coloniais*, logo, suas citações estarão fiéis a sua escrita.

As estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é erudição “de verdade” e “válida”, são controladas por acadêmicas/os brancas/os. Ambos, homens e mulheres, que declaram suas perspectivas como condições universais. Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência creditável. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar. (KILOMBA, 2019, p. 53-54)

Ifi Amadiume e Oweronké Oweyumi em seus textos, descrevem a formação cultural das etnias, igbo e iorubá, respectivamente, as quais mesmo passando pelo processo colonizatório, tentam manter a linguagem e alguns costumes, sobretudo como discorrido no primeiro capítulo, argumentam que culturalmente não existia distinção binária de gênero imposta pelo modelo colonial, na qual os homens assumem o modelo patriarcal. As autoras confrontam a hegemonia do feminismo dito universal e vão de encontro a María Lugones, quando esta insere a categoria *gênero* no pensamento decolonial em seus textos. O trecho abaixo vai de encontro a *negação* exemplificada por Grada Kilomba, sobre a relação do colonizador e colonizado, principalmente em relação a/o negro. Lugones desenvolveu o conceito *colonialidade de gênero*, no qual afirmava ser o gênero uma imposição colonial.

Para Lugones, o sistema de gênero surge quando o discurso moderno colonizador estabelece a dicotomia fundadora colonial: a classificação entre o humano e o não humano. Como humano, o colonizador. Como não humanos, os nativos indígenas e, um pouco mais tarde, os africanos escravizados, todos vistos como animais primitivos. Na categoria não humano, a atribuição de gêneros está ausente, o que não chamou a atenção dos autores decoloniais. É esse o passo à frente que deu nome ao feminismo decolonial: o gênero como elemento estruturante da colonialidade, como categoria criada pelo vocabulário colonial, e que não faz propriamente parte das dinâmicas pré-coloniais. O feminismo decolonial denuncia a imbricação estrutural das noções de heteronormatividade, classificação racial e sistema capitalista. (HOLLANDA, 2020, p.19)

As autoras escrevem a partir de suas experiências, e denunciam feridas coletivas e de vivências pessoais, consequências de um sistema hegemônico em que historicamente somente um grupo tem o poder o direito à fala e a humanidade.

É perceptível a influência britânica deixada na Nigéria ao ler *Americanah*, ao começar pela língua e pela religião, sobretudo o cristianismo introduzido no país no processo colonizatório que definiu países desenvolvidos e os considerados de terceiro mundo, sendo este um recorte importante no pensamento dos personagens, pois a Europa e a “América” como tantos países nomeiam os Estados Unidos, inclusive os estadunidenses generalizando todo um continente, são idealizados como sendo povos mais civilizados ou sofisticados. Braga (2018) afirma que os Estados Unidos é o local no qual oportunidades e desenvolvimento são abundantes, em contraste com a cultura africana, inferiorizada, de acordo com a visão eurocêntrica de décadas atrás no período colonial.

María Lugones, socióloga, professora, feminista e ativista argentina radicada nos Estados Unidos, teorizava e estudava sobre as variadas formas de resistência num sistema opressor e Françoise Vêrges, cientista política francesa, historiadora, ativista e especialista em estudos decoloniais. Ambas as teóricas se debruçam nas questões críticas de gênero, raça e sexualidade, principalmente ligadas a mulheres advindas de países rotulados como os de terceiro mundo. São estudos que podem ser relacionados à experiência de Ifemelu, como nigeriana e como estrangeira nos Estados Unidos.

Em seu livro, *Feminismo Decolonial*, publicado no Brasil em 2020, Vêrges se opõe ao feminismo europeu e branco, o qual chama de feminismo civilizatório. No vídeo disponível no canal da Ubu editora, na plataforma *Youtube*, a autora apresenta a obra, explicando de forma resumida o significado de feminismo decolonial.

Esta obra se situa na continuidade de obras críticas dos feminismos do Sul global (com aliadas no Norte) que versam sobre gênero, feminismo, as lutas das mulheres e a crítica de um feminismo que chamo de civilizatório, pois tomou para si a missão de impor, em nome de uma ideologia dos direitos das mulheres, um pensamento único que contribui para a perpetuação da dominação de classe, gênero e raça. Eu defendo um feminismo decolonial que tenha por objetivo a destruição do racismo, do capitalismo e do imperialismo, programa ao qual tentarei dar uma dimensão concreta. “O feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero. E envolve muito mais do que o gênero”, lembra Angela Davis. Ele também ultrapassa a categoria “mulheres”, fundada sobre um determinismo biológico, e atribui novamente à noção de direitos das mulheres uma dimensão política radical: levar em conta os desafios impostos a uma humanidade ameaçada de desaparecer. Eu me posiciono contra uma temporalidade que descreve a libertação apenas em termos de “vitória” unilateral sobre a oposição. Tal perspectiva mostra “imensa condescendência da posteridade” em relação aos/às vencidos/as. Essa escrita da história transforma a narrativa das lutas dos/as oprimidos/as em uma série de derrotas sucessivas e impõe uma linearidade na qual todo recuo é visto como prova de que o combate foi mal conduzido (o que é evidentemente possível), e não como uma revelação da determinação das forças reacionárias e imperialistas em esmagar toda e qualquer dissidência. É o que dizem os cantos de luta – negro spirituals, canções revolucionárias, músicas gospel, canções de escravos/as, de colonizados/as: o longo caminho rumo à liberdade, uma luta sem trégua, a revolução como trabalho cotidiano. É nessa temporalidade que situo o feminismo de política decolonial. (VÉRGES, 2020, p.20-21)

Já em seu artigo: Rumo a um feminismo decolonial, Lugones empenha-se sobre questões como a *colonialidade de gênero* e os caminhos para o decolonizar.

A consequência semântica da colonialidade do gênero é que “mulher colonizada” é uma categoria vazia: nenhuma mulher é colonizada: nenhuma fêmea colonizada é mulher. Assim, a resposta colonial a Sojourner Truth, é, obviamente, “não”. Diferentemente da colonização, a colonialidade de

gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/ raça como construtos centrais do poder capitalista mundial. (LUGONES, 2014, p. 939)

María Lugones (2014) nomeia a análise da opressão de gênero racializada capitalista de "colonialidade de gênero". E a possibilidade de superar a colonialidade do gênero de "feminismo decolonial".

O longo processo da colonialidade começa subjetiva e intersubjetivamente em um encontro tenso que tanto constitui a normatividade capitalista, moderna colonial, quanto não se rende a ela. O ponto crucial sobre esse encontro é que sua construção subjetiva e intersubjetiva informa a resistência oferecida aos ingredientes da dominação colonial. O sistema de poder global, capitalista, moderno colonial, que Aníbal Quijano caracteriza como tendo início no século XVI nas Américas e em vigor até hoje, encontrou-se não com um mundo a ser estabelecido, um mundo de mentes vazias e animais em evolução. Ao contrário, encontrou-se com seres culturais, política, econômica e religiosamente complexos: entes em relações complexas com o cosmo, com outros entes, com a geração, com a terra, com os seres vivos, com o inorgânico, em produção; entes cuja expressividade erótica, estética e linguística, cujos saberes, noções de espaço, expectativas, práticas, instituições e formas de governo não eram para ser simplesmente substituídas, mas sim encontradas, entendidas e adentradas em entrecruzamentos, diálogos e negociações tensos, violentos e arriscados que nunca aconteceram. Ao invés disso, o processo de colonização inventou os/as colonizados/as e investiu em sua plena redução a seres primitivos, menos que humanos, possuídos satanicamente, infantis, agressivamente sexuais, e que precisavam ser transformados. (LUGONES, 2014, p. 941)

Ifemelu desde o início da narrativa, na Nigéria, rompe com alguns comportamentos idealizados em sua família, como a relação com a religião não intensa e seus pensamentos críticos acerca dos relacionamentos que observa, como o machismo no relacionamento de Uju e o namoro que tem com Obinze, com o qual inicia sua vida sexual no momento em que deseja, sem se pautar mais uma vez em religião.

Ao partir para os Estados Unidos, após um longo período de aculturação, inicia um processo de resistência às opressões em relação ao corpo, a cor da pele, ao cabelo e aos pensamentos, a personagem começa a ultrapassar o colonialismo de ideias e padrões de acordo com as experiências que modelam sua identidade em toda a narrativa.

Não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento. Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento

individualista. O passar de boca em boca, de mão em mão, práticas, valores, crenças, ontologias, tempo, espaços e cosmologias vividas constituem uma pessoa. A produção do cotidiano dentro do qual uma pessoa existe produz ela mesma, na medida em que fornece vestimenta, comida, economias e ecologias, gestos, ritmos, habitats e noções de espaço e tempo particulares, significativos. Mas é importante que estes modos não sejam simplesmente diferentes. Eles incluem a afirmação da vida ao invés do lucro, o comunalismo ao invés do individualismo, o “estar” ao invés do empreender, seres em relação em vez de seres em constantes divisões dicotômicas, em fragmentos ordenados hierárquica e violentamente. Estes modos de ser, valorar e acreditar têm persistido na oposição à colonialidade. (LUGONES, 2014, p. 949)

O pai de Ifemelu é um personagem importante nesta análise. Representa o cidadão idealizado, conservador sendo um exemplar nigeriano aos moldes coloniais, tendo os modos e um inglês polido como a personagem descreve. Quando o personagem é apresentado ao texto, acaba de ser demitido do trabalho por se recusar a chamar a chefe de “mamãe”.

Num tom parecido, quando o marido perdeu o emprego na agência federal, a mãe de Ifemelu disse: O demônio é um mentiroso. Ele quer começar a bloquear nossas bênçãos, mas não vai conseguir. Ele foi demitido por se recusar a chamar sua nova chefe de Mamãe. Chegou em casa mais cedo que o normal, destroçado por um espanto amargo, com a carta de demissão na mão, reclamando do absurdo que era um homem adulto chamar a mulher adulta de Mamãe porque ela decidira que aquela era a melhor forma de demonstrar respeito. Dez anos de trabalho dedicado. É inescrupuloso. (ADICHIE, 2014, p. 55)

A passagem acima nos direciona a uma reflexão acerca do significado do vocativo “Mamãe” na cultura africana. De acordo com Oyèrónké Oyèwùmí no artigo Jornada pela academia, 2014, em sua dissertação intitulada Mothers Not Women, a autora pretendia:

Captar através dessa configuração o fato de que em muitas sociedades africanas, mãe é a identidade preferida e o nome que as mulheres adultas escolhem chamar a si mesmas. Além disso, também é evidente que em muitas sociedades africanas, as categorias mulher, esposa e mãe são representadas como diferentes umas das outras e evitam fusão. (Oyèwùmí, 2014, p.13)

Tendo esse argumento em mente, é compreensível a repulsa do pai de Ifemelu acerca da ordem de sua chefe. Possivelmente para ele, é humilhante chamar uma mulher adulta de “mamãe”. O personagem demonstra um pensamento colonial no comportamento e posicionamentos caracterizados na narrativa.

No trecho abaixo, Ifemelu deixa claro seu entendimento das consequências do colonialismo:

Olhando- o ali, mudo no sofá, Ifemelu pensou no quanto ele parecia ser o que era, um homem repleto de anseios desbotados, um funcionário público com ambições intelectuais que desejara uma vida diferente da que tinha, desejara ter estudado mais. Expressava-se num inglês polido e formal. As empregadas deles mal o entendiam, mas ainda assim ficavam bastante impressionadas. Certa vez, uma empregada antiga, Jacinta, entrara na cozinha e começara a bater palmas baixinho, dizendo a Ifemelu: Você devia ter escutado a palavra bonita que seu pai falou agora! O di egwu! Às vezes, Ifemelu o imaginava numa sala de aula dos anos 1950, um colonizado entusiasmado demais num uniforme escolar de algodão barato do tamanho errado, esforçando-se para impressionar os professores missionários. Quando Ifemelu era criança, levava bronca dele por ser recalcitrante, irascível, intransigente, palavras que faziam suas pequenas ações parecerem épicas e quase dignas de orgulho. Mas o inglês rebuscado do pai começou a incomodá-la quando ela ficou mais velha, pois era uma fantasia, seu escudo contra a insegurança. Ele era assombrado pelo o que não tinha – um diploma, uma vida de classe média alta – e, por isso, suas palavras empoladas se tornaram uma armadura. Ifemelu preferia quando o pai falava igbo; eram as únicas ocasiões em que parecia não ter consciência de suas ansiedades. (ADICHIE, 2018, p.56)

Grada Kilomba trata sobre a imprescindibilidade de exercitarmos a descolonização do conhecimento. A autora estuda sobre como a colonização é romantizada no ocidente, da mesma forma que o racismo e o sexismo se perpetuam e são reatualizados na sociedade, o que conseqüentemente nega humanidade, dignidade das mulheres e do povo negro. Veremos mais sobre o assunto, no último capítulo.

Ao descrever mulheres negras que você admira, sempre use a palavra forte, porque, nos Estados Unidos, é isso que as mulheres negras devem ser. Se você for mulher, por favor, não fale o que pensa como está acostumada a fazer em seu país. Porque, nos Estados Unidos, mulheres negras de personalidade forte dão MEDO. (ADICHIE, 2014, p.240)

3 A INTERSECCIONALIDADE EM AMERICANAH: REPRESENTAÇÃO E EIXOS IDENTITÁRIOS

“Comecei a pensar: Sim, sou chicana, mas isso não define quem eu sou. Sim, sou mulher, mas isso também não me define. Sim, sou lésbica, mas isso não define tudo que sou. Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária. Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas? Só a parte espanhola, não a indígena ou negra. [...] Comecei a pensar em termos de consciência mestiça. O que acontece com gente como eu que está ali no entrelugar de todas essas categorias diferentes? O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero?”

Glória Alzandúa

Um conceito que nos últimos anos vem ganhando força nos debates feministas e se tornou um forte viés teórico que inter-relaciona questões que estão profundamente conectadas a partir do momento que existem em um mesmo sujeito, no mesmo corpo. Não se vivencia o gênero, a sexualidade, a classe social, a capacidade física, a etnia, a nacionalidade, a faixa etária e a raça isoladamente, são múltiplos sistemas de opressão.

A primeira característica de quem trabalha nas intersecções consiste em usar as experiências e as lutas de grupos privados de direitos para ampliar e aprofundar o entendimento da vida e do comportamento humano. Acadêmicas feministas que fazem estudos pós-coloniais encontraram na interseccionalidade importantes entendimentos teóricos que lhes permitiram avaliar a influência da filosofia pós-estruturalista continental em campo e usar as estruturas interseccionais para refletir sobre as realidades colonial e pós-colonial. Mais importante, elas fizeram isso destacando as experiências de mulheres, pessoas negras e latinas, pobres e outros grupos negligenciados nos estudos existentes. (COLLINS e BIRGE, 2014, p.57-58)

Ifemelu através da escrita de seu blog, desafia explicitamente o status quo, visando transformar as relações de poder, questionando-as. É através dela que pensamos a interseccionalidade, conceito fundamental nesta análise de

Americanah. De acordo com Heloísa Buarque de Hollanda em seu livro *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*:

Curiosamente, a primeira vez que o termo foi usado, com o sentido que o feminismo empregou, se deu na área jurídica. Kimberlé Crenshaw, advogada, professora da Universidade da Califórnia de Los Angeles (UCLA) e fundadora do Centro de Estudos em Interseccionalidade e Políticas Sociais da Universidade de Columbia, no direito, a teoria interseccional, ou seja, o estudo de como a sobreposição introduziu a intersecção de identidades sociais, particularmente das identidades minoritárias, são diretamente relacionadas aos sistemas e estruturas da dominação e discriminação. (HOLLANDA, 2019, p.15)

Neste capítulo, o embasamento teórico estará pautado nos estudos de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge que escreveram a obra: *Interseccionalidade*, lançada no Brasil em 2020. O uso da interseccionalidade para analisar *Americanah* mostra as intersecções específicas das relações de poder e na cultura dos Estados Unidos. Gênero, raça, classe e as múltiplas identidades de Ifemelu se cruzam em toda a narrativa. Kimberlé Crenshaw, estudiosa afro-estadunidense em “*Mapeando as margens: Interseccionalidade, políticas identitárias e violência contra mulheres de cor*”, foi importante na compreensão da prática do conceito sobretudo em relação às mulheres negras e na utilização do termo como ferramenta analítica. Crenshaw exemplifica com a interseccionalidade, a invisibilização das mulheres negras nos discursos dominantes e a questão da violência contra as mulheres de cor a partir da interseccionalidade, da conexão entre diversas opressões e a necessidade de se repensar a localização interseccional dessas mulheres nos discursos dominantes feministas e antirracistas.

O problema com as políticas identitárias não é que elas falham em transcender as diferenças, como alguns críticos levantam, mas justamente o oposto: frequentemente funde e ignora as diferenças intragrupo. No contexto de violência contra as mulheres, essa supressão da diferença nas políticas identitárias é problemática, fundamentalmente porque a violência que muitas mulheres experienciam está muitas vezes moldada por outras dimensões de suas identidades, como raça e classe. Além disso, ignorar a diferença dentro dos grupos contribui para a tensão entre eles, outro problema da política de identidade que incide sobre os esforços de politização da violência contra as mulheres. Os esforços feministas para politizar experiências de mulheres e esforços antirracistas para politizar experiências de pessoas de cor têm frequentemente precedido como se as questões e experiências vivenciadas fossem pormenorizadas e ocorressem em terrenos mutuamente exclusivos. Embora o racismo e o sexismo se entrecruzam facilmente na vida de pessoas reais, raramente o fazem nas práticas feministas e antirracistas. Logo, quando as praxes expõem como possíveis identidades ou como mulher ou como pessoa de cor, elas (as

praxes) relegam as mulheres de cor ao lugar do não dito. (CRENSHAW, 2020, p.24)

Collins e Bilge (2020), no capítulo sobre a história do conceito, fazem um recorte na linha do tempo em que as ideias interseccionais já pairavam no interior dos movimentos sociais.

A história da interseccionalidade não pode ser precisamente organizada em períodos ou pontos geográficos. Relacionar autores a décadas e escolas de pensamento específicas, longe de ser um procedimento neutro, divide a história em períodos, o que leva, em geral, a explicações altamente simplificadas. Esse capítulo parte do fim da década de 1960 e estende-se ao início da década de 1980, período de ativismo social nos Estados Unidos que catalisou as principais ideias da interseccionalidade. (BILGE; COLLINS, 2020, p.92-93)

No trecho abaixo, as autoras exemplificam as ideias centrais da interseccionalidade e criticam o fato de muitos estudiosos contemporâneos ignorarem o fato de que o conceito já era utilizado na investigação e práticas críticas.

As ideias centrais da interseccionalidade, como a desigualdade social, o poder, a relacionalidade, o contexto social, a complexidade e a justiça social, foram elaboradas no contexto de movimentos sociais que enfrentaram as crises de seu tempo, sobretudo os desafios de colonialismo, racismo, sexismo, militarismo e exploração capitalista. Nesse contexto, uma vez que as mulheres de cor foram afetadas não apenas por um desses sistemas de poder, mas pela convergência entre eles, elas criaram movimentos autônomos que expuseram as ideias centrais da interseccionalidade, embora usando vocabulários diferentes. Um sem-número de especialistas contemporâneos ignora ou não em consciência desse período, pressupondo que a interseccionalidade não existia antes do fim da década de 1980 e do início da década de 1990, quando foi nomeada. Ao contrário, apontam a “cunhagem” do termo pela estudiosa de direito afro-americana Kimberlé Crenshaw como um momento fundamental da interseccionalidade. O trabalho de Crenshaw é vital, mas discordamos da visão de que a interseccionalidade começou a partir do momento em que foi nomeada. A escolha desse ponto de origem específico apaga o período anterior, quando houve uma forte sinergia entre a investigação crítica da interseccionalidade e a práxis crítica, e facilita a reformulação da interseccionalidade como apenas mais um campo acadêmico. (BILGE; COLLINS, 2021, p. 98)

Ainda de acordo com as autoras, é possível analisar “a interseccionalidade em três domínios de poder distintos”¹⁸ que serão exemplificados com trechos de *Americanah*. São elas: o estrutural, fortemente ligado a cultura e a forma a qual está estruturada e é vivenciada no país, nesse caso os Estados Unidos, dando ênfase ao racismo estrutural e em como a discriminação causa estranheza em Ifemelu como

¹⁸ Termo apresentado por COLLINS e BILGE no capítulo 1 do livro, intitulado *Interseccionalidade*.

imigrante advinda de um contexto cultural diferente. O *domínio disciplinar* presente na narrativa nos novos comportamentos e identidades que a personagem incorpora para sobreviver no novo país e por fim, tendo foco maior, o *domínio de poder interpessoal*, que vai interseccionar os anteriores, levando em consideração as interações sociais da personagem.

Inserir classe na pauta feminista abriu um espaço em que interseções entre classe e raça ficaram aparentes. Dentro do sistema social de raça, sexo e classe institucionalizados, mulheres negras estavam claramente na base da pirâmide econômica. Inicialmente, nos movimentos feministas, mulheres brancas com alto nível de educação e origem na classe trabalhadora eram mais visíveis do que mulheres negras de todas as classes. Elas eram minoria dentro do movimento, mas a voz da experiência era a delas. Elas conheciam melhor do que suas companheiras com privilégio de classe, de qualquer raça, os custos da resistência à dominação de raça, classe e gênero. Elas sabiam o que significava lutar para mudar a situação econômica de alguém. (HOOKS, 2018)

A classe está intimamente ligada à etnia, historicidade, oportunidade e a legitimação ou deslegitimação de um indivíduo. Carla Akotirene, teórica brasileira baiana em seu livro: *O que é Interseccionalidade?* de 2018, exemplifica e explica o conceito:

Desde Kimberlé Crenshaw termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. Conforme dissemos, é o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação. A inalterabilidade do feminismo branco, movimento antirracista e instâncias de direitos humanos, se deve ao fato destes, absolutamente, encontrarem dificuldades metodológicas práticas na condução das identidades interseccionais. Sensibilidade analítica – a interseccionalidade impede reducionismos da política de identidade – elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais. (AKOTIRENE, 2018, p.35)

Para a estudiosa, é uma ferramenta crítico-política e teórica que visa dar visibilidade e compreensão acerca das desigualdades sociais e atitudes racistas que ainda persistem e se fazem presentes na sociedade. O termo, para Akotirene, instrumentaliza os movimentos antirracistas, feministas e instâncias protetivas dos direitos humanos a lidarem com as pautas das mulheres negras.

A abordagem interseccional nos ajuda a compreender a complexidade da situação de pessoas e/ou grupos, considerando a coexistência e a subordinação de diferentes fatores que incidem simultaneamente na vida das pessoas. Apresenta um significado complexo, irreduzível, um conjunto de efeitos variados e variáveis que surgem quando as múltiplas categorias de diferenciação se interseccionam em contextos históricos e específicos enfatizando que as diferentes dimensões da vida social não podem ser separadas. Os estudos interseccionais corroboram para problematizações dos processos de subjetivação e dos marcadores sociais que subjetivam os corpos e, numa perspectiva transdisciplinar compreende que esses são constituídos de multiplicidades e pluralidades, nos quais são atravessados por marcadores sociais que interseccionam a vida, produzindo sua hierarquização e segregação por intermédio dos valores culturais e sociais. (PERPÉTUO, 2017, p. 09)

Americanah nos abre possibilidades de análise, em consonância com a interseccionalidade, sendo Ifemelu mulher (gênero), negra (raça), nigeriana (nacionalidade) e de classe média baixa, tendo que se esforçar e trabalhar como imigrante nos Estados Unidos para manter os estudos. A personagem metaforiza o conceito e como essas múltiplas opressões se fazem concretas em seu dia a dia principalmente nas postagens do blog.

As pessoas sempre ficavam lisonjeadas quando Ifemelu perguntava sobre a vida delas e, se ela não dissesse nada depois que começassem a responder, isso só fazia com que falassem mais. Eram condicionadas a preencher silêncios. Se perguntavam o que Ifemelu fazia, ela respondia vagamente “Tenho um blog sobre comportamento”, porque dizer “Tenho um blog anônimo chamado Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana” os deixava constrangidos. Mas Ifemelu já dissera isso algumas vezes. Uma vez para um homem branco de dread que havia se sentado ao seu lado no trem, com cabelos que eram como velhas cordas de barbante trançado que acabavam em tufo louros e uma blusa esfarrapada usada com tamanha humildade que a convenceu de que ele devia ser um guerreiro social e talvez desse um bom colunista convidado. “Esse negócio de raça é totalmente exagerado hoje, os negros precisam desencanar, é tudo questão de classe agora, os opressores e os oprimidos”, dissera ele sem hesitar, e Ifemelu havia usado a frase para abrir seu post intitulado “Nem todos os caras brancos de dread estão na nossa”. Houve também a vez com o homem de Ohio, espremido ao lado dela num voo. Uma espécie de gerente administrativo. Ifemelu teve certeza ao ver seu terno largo demais e sua camisa colorida de colarinho branco. Ele perguntou o que Ifemelu queria dizer com “blog sobre comportamento” e ela explicou, esperando que ele se retrairse ou pusesse um ponto final na conversa dizendo algo defensivo e inócuo como “A única raça que importa é a raça humana”. Mas ele disse: Já escreveu sobre adoção? Ninguém quer saber de bebês negros neste país, e eu não estou falando dos mulatos, mas dos bebês negros. Nem as famílias negras querem adotar. (ADICHIE, 2014, p. 10-11)

As postagens do blog refletem sobre raça, classe e cultura nos Estados Unidos, principalmente a condição do negro e das classes sociais. Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020) afirmam que:

O domínio interpessoal do poder refere-se ao modo como os indivíduos vivenciam a convergência de poder estrutural, cultural e disciplinar. Esse poder molda identidades interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, nação e idade que, por sua vez, organizam as interações sociais. A interseccionalidade reconhece que a percepção de pertencimento a um grupo pode tornar as pessoas vulneráveis a diversas formas de preconceito, mas, como somos simultaneamente membros de muitos grupos, nossas identidades complexas podem moldar as maneiras específicas como vivenciamos esse preconceito. Por exemplo, homens e mulheres frequentemente sofrem o racismo de maneiras bastante distintas e assim por diante. A interseccionalidade lança luz sobre esses aspectos da experiência individual que podemos não perceber. (BILGE; COLLINS, 2020, p. 29-30)

Quando estudamos de forma crítica a interseccionalidade, é fundamental pensarmos em identidade.

A interseccionalidade promoveu um entendimento complexo das identidades individuais. O vasto corpo de estudos no interior da interseccionalidade, envolvendo o tema das identidades individuais como interseccionais e performativas, mudou o significado de identidade de algo que *se tem* para algo que *se constrói*. Em vez de uma essência fixa que a pessoa carrega de uma situação para a outra; entende-se agora que as identidades individuais se aplicam diferentemente de um contexto social para outro. E esses contextos sociais são moldados pelas relações de poder interseccionais. (COLLINS, BILGE, 2020 p.195-196)

A partir do momento que chega aos EUA, Ifemelu descobre que é negra e que determinados olhares, limites e obstáculos lhe serão lançados pelas relações de poder estadunidenses. A partir de então, sua identidade passa a não ser mais a mesma da Nigéria. Em determinado momento, precisa utilizar outro nome para que trabalhe como imigrante no país.

Ela sentou na janela - alguém havia grudado um chiclete mascado no vidro - e passou diversos minutos olhando mais uma vez para o cartão da Seguridade Social e a carteira de motorista que pertenciam a Ngozi Okonkwo. Tinha no mínimo dez anos a mais do que Ifemelu, um rosto fino, sobranceiras que começavam em bolinhas e se transformavam em arcos e um maxilar em forma de V. Eu não pareço nada com ela, dissera Ifemelu quando tia Uju lhe dera o cartão. Os brancos acham que nós somos todos parecidos. Ahn-hã, tia! Não estou brincando. A prima de Amara veio para cá no ano passado e ainda não tem um visto, por isso começou a trabalhar com a identidade de Amara. Você se lembra dela? A prima é magra e tem a pele clara. Elas não se parecem nem um pouco. Ninguém notou. Trabalha como cuidadora domiciliar na Virgínia. Só não se esqueça do seu novo

nome. Tenho uma amiga que esqueceu e uma colega ficou chamando, chamando, e ela não respondeu. Então desconfiaram e denunciaram para a Imigração. (ADICHIE, 2014, p. 132)

O mesmo ocorre com Obinze em Londres. Além de também descobrir que na Inglaterra é negro, precisa de um cartão de Seguridade Social por ainda não ter documentos para trabalhar no país, acaba fazendo acordo com Vicent, um nigeriano que mensalmente ficaria com um percentual de seus ganhos mensais.

E ele se viu pelos olhos de Vincent: O filho de uma professora universitária que tinha sido criado no carpete e que agora precisava da ajuda dele. No início, Vincent fingiu um sotaque britânico, exagerando um pouco. Estamos fazendo um negócio, mas estou te ajudando. Você pode usar meu número da Seguridade Social e me pagar quarenta por cento do que ganhar, disse Vincent. É um negócio. Se eu não ganhar o que a gente combinou, denuncio você. Quando a noite caiu, com a cor do céu se suavizando e virando um violeta pálido, Obinze tinha se tornado Vincent. (ADICHIE, 2014, p. 271)

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2020) afirmam que “a interseccionalidade valoriza a riqueza das múltiplas identidades que tornam cada indivíduo único.”

Ifemelu não vivencia o racismo da mesma forma que Obinze. Em Londres ele acaba vivenciando situações racistas, mas a classe está ainda mais presente que a raça.

Aliais, como você viu a questão da raça nos Estados Unidos, Emenike? É um país de um racismo perverso, não é? Ele não precisa ir aos Estados Unidos para viver isso, Alexa, disse Georgina. Pareceu-me que nos Estados Unidos os negros e os brancos trabalham juntos, mas não se divertem juntos, e aqui eles se divertem juntos, mas não trabalham juntos. Acho que neste país a noção de classe está no ar que as pessoas respiram. Todo mundo sabe seu lugar. Até as pessoas que têm raiva da divisão de classes aceitam seu lugar, disse Obinze. Um menino branco e uma menina negra que passam a infância na mesma cidade de classe trabalhadora podem namorar e a raça vai ser secundária, mas, nos Estados Unidos, mesmo que o menino branco e a menina negra tiverem passado a infância no mesmo bairro, a raça vai ser primária. (ADICHIE, 2014, p.297)

Os estadunidenses relacionam a raça à sexualidade em praticamente todas as situações discriminatórias que Ifemelu vivencia, na busca por emprego, por exemplo, seu corpo é frequentemente visto como possível ferramenta de trabalho por homens em conjunto a cor de sua pele. As dificuldades financeiras a levam a aceitar empregos que frequentemente são realizados por imigrantes e principalmente mulheres exercendo a função de *acompanhantes*.

Havia jornais espalhados pelo chão com anúncios de empregos circulados a caneta. Ifemelu pegou um e folheou, vendo anúncios que já lera. Mas uma vez, a sessão de ACOMPANHANTES chamou sua atenção. Ginika dissera: Esqueça esse negócio de acompanhante. Eles dizem que não é prostituição, mas é, e o pior é que você recebe um quarto do que ganha, se tanto, porque a agência fica com o resto, conheço uma menina que fez isso no primeiro ano da faculdade. (ADICHIE, 2014, p.166)

Na postagem abaixo, a personagem expõe o “tribalismo americano”, a organização estrutural das raças e conseqüentemente as classes, dando ênfase para a posição imutável em relação aos negros

Entendendo a América para o Negro Não Americano: O Tribalismo Americano: Nos Estados Unidos, o tribalismo vai muito bem, obrigado. Existem quatro tipos: de classe, ideologia, região e raça. Em primeiro lugar, vamos ao de classe. É bem fácil. Ele separa os ricos dos pobres. Em segundo lugar, o de ideologia. Liberais e conservadores. Eles não apenas discordam em questões políticas, mas cada lado acha que o outro é malévolo. O casamento com uma pessoa da outra ideologia é desencorajado e, nas raras ocasiões em que acontece, é considerado espantoso. Em terceiro lugar, o de região. Entre Norte e Sul. Os dois lados lutaram numa guerra civil e as máculas dessa guerra persistem. Finalmente, o de raça. Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxã e protestante, conhecidos como WASPS, e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar. (Ou, como dizem aqueles versos maravilhosos: Se você é branco, tudo bem; se você é marrom, fique por aí; se você é negro, volte para casa.) Os americanos presumem que todos vão entender seu tribalismo. Mas demora um pouco para entendê-lo de fato. (ADICHIE, 2014, p.201-202)

Uju, transita assim como Ifemelu por inúmeros eixos identitários. A mãe solo, tia, médica, negra e imigrante.

Mais tarde, disse: Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado. Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos? Perguntou Ifemelu. Falei o que me disseram. Você está num país que não é seu. Faz o que precisa para ser bem-sucedido. Às vezes quando estavam conversando, ocorria a Ifemelu que tia Uju deliberadamente deixara parte de si para trás, uma parte essencial, num lugar distante e esquecido. Obinze dizia que era a gratidão exagerada que vinha com a insegurança do imigrante. (ADICHIE, 2014, p.130)

No *Blog*, Ifemelu cruza em diversas postagens a raça, geralmente relacionada ao racismo nos Estados Unidos, à classe e ao gênero, problematizando e refletindo as experiências vivenciadas quando essas categorias se inter-relacionam.

Então, qual é a verdade? Eles nos dizem que raça é uma invenção, que existe mais variação genética entre duas pessoas negras do que entre um negro e um branco. Mas então dizem que as negras têm um tipo pior de câncer de mama e maior predisposição a tumores no útero. E que os brancos têm mais fibrose e osteoporose. Então, qual é verdade, médicos presentes? Raça é uma invenção ou não é? (ADICHIE, 2014, p.327)

Para finalizar este capítulo, a postagem abaixo de Ifemelu resume a interseccionalidade na prática vivenciada por ela nos EUA. Como dito no início, a raça, classe, idade, gênero e etnia estão intimamente ligadas nas experiências da personagem, seja em um emprego, na universidade, em relacionamentos e relações informais com prestadores de serviços como recepcionistas e vendedores por exemplo.

O que os acadêmicos querem dizer quando falam em privilégio dos brancos, ou sim, é um saco ser pobre e branco, mas experimente ser pobre e não ser branco. Bom, um cara falou para o Professor Bonitão: Essa história de privilégio dos brancos é besteira. Como posso ser privilegiado? Passei a infância pobre pra cacete em West Virginia. Sou um caipira dos Apalaches. Minha família recebe ajuda do governo". Tudo bem. Mas o privilégio é sempre comparado a outra coisa. Agora imagine alguém como ele, alguém que seja tão pobre e fodido quanto ele, só que negro. Se ambos fossem presos por, digamos, posse de drogas, seria mais provável que o cara branco fosse mandado para um tratamento e mais provável que o cara negro fosse mandado para a cadeia. Todo o resto é igual, exceto a raça. Por que a gente sempre tem de falar de raça, aliás? Não podemos simplesmente ser humanos? E o professor bonitão (Blaine) respondeu: "É exatamente isso que é o privilégio dos brancos, o fato de você poder dizer isso. A raça não existe realmente para você, pois nunca foi uma barreira. Os negros não têm essa escolha. O negro que mroa em Nova York não quer pensar em raça, até que tenta chamar um táxi, e não quer pensar em raça quando está dirigindo sua Mercedes dentro do limite de velocidade, até que um policial o manda parar. Por isso, o caipira dos Apalaches não tem privilégio de classe, mas tem privilégio de raça com certeza. (ADICHIE, 2014, p. 375)

4 OS ESTADOS UNIDOS E O PESADELO DO RACISMO

“O racismo é absurdo porque gira em torno da aparência. Não do sangue que corre nas suas veias. Gira em torno do tom da sua pele, do formato do seu nariz, dos cachos no seu cabelo.”

Chimamanda Ngozi Adichie

Ifemelu e Obinze vivenciam o racismo a partir do momento que vão para outros países. Como visto no capítulo anterior, raça, gênero e classe se entrecruzam formando múltiplas opressões. Este capítulo será embasado na obra *Memórias da Plantação* (2019), de Grada Kilomba, assim como contribuições de outras teóricas. É preciso compreender o conceito de racismo estrutural quando analisamos as experiências como imigrantes que tanto Ifemelu, quanto Obinze vivenciam.

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e, se é malandro, é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. A mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler o jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto, têm mais é que ser favelados. Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença, porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALES, 1984, p. 223-244)

Lélia Gonzalez, como dito nos capítulos anteriores, foi uma intelectual negra que em seus textos denunciava o racismo e o sexismo como formas de violência que subalternizavam as mulheres negras no contexto brasileiro, o que não é diferente na atualidade. Apesar de ter habitado diversas disciplinas, a maioria dos brasileiros, principalmente os que não estão no meio acadêmico, não sabem quem

foi Gonzalez, ativista brilhante que já falava sobre a interseccionalidade em relação a negritude no Brasil.

Grada Kilomba, psicóloga, negra, nasceu em Lisboa e atualmente vive em Berlim, cidade na qual sentiu maior liberdade de ser quem é.

Cheguei a Berlim onde a história colonial alemã e a ditadura imperial fascista também deixaram marcas inimagináveis. E, no entanto, pareceu-me haver uma pequena diferença: enquanto eu vinha de um lugar de *negação*, ou até mesmo de *glorificação* da história colonial, estava agora num outro lugar onde a história provocava culpa, ou até mesmo *vergonha*. Este percurso de consciencialização coletiva, que começa com negação - culpa - vergonha - reconhecimento - reparação, não é de forma alguma um percurso moral, mas um percurso de responsabilização. A responsabilidade de criar novas configurações de poder e de conhecimento. (KILOMBA, 2019, p.11)

Em *Memórias da plantação* (2019), a autora reflete além do racismo, o colonialismo e conseqüentemente a importância da descolonização do pensamento nos países que foram colonizados. No contexto de *Americanah*: Nigéria e Estados Unidos. É possível relacionar os estudos de Kilomba com o feminismo decolonial e negro.

Memórias da plantação examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação dessas duas palavras, “plantação” e “memórias”, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada. É um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em uma cena colonial na qual, como no cenário de uma plantação, ele é aprisionado como a/o “Outra/o” subordinado e exótico. De repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante, como o título do livro anuncia. (KILOMBA, 2019, p. 29-30)

Utilizando as palavras de Kilomba (p. 28): “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor validada/o e legitimada/o e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.” Ao escrever no blog, Ifemelu rompe os padrões pré-estabelecidos pela sociedade estadunidense através da escrita e do compartilhamento de episódios sobre questões raciais. É um divisor de águas na vida da protagonista. Com ele, Ifemelu adquire status social como o que chamamos hoje de influenciadora digital, conquistando independência financeira.

Os blogs eram algo novo, não familiar para Ifemelu. Mas dizer a Wambui o que tinha acontecido não fora satisfatório o suficiente; ela ansiava por ouvir as histórias alheias. Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze? Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no WordPress e criou seu blog. Mais tarde ela mudaria o nome, mas no início ele chamava Raceteenth, ou Observações Curiosas de uma Negra não Americana sobre a Questão de Negritude nos Estados Unidos. (ADICHIE, 2014, p. 321)

É importante lembrar que o movimento feminista (especificamente americano e europeu) do fim da década de 90 foi marcado pelo avanço tecnológico e a internet. O trecho abaixo e as experiências com Curt são o que fazem Ifemelu começar o blog, após contar seu posicionamento para Wambui, (amiga da Universidade.)

Alguns anos depois, num jantar em Manhattan, um dia depois de Barack Obama se tornar o candidato do Partido Democrata à presidência dos Estados Unidos, um homem branco e calvo, rodeado de convidados, todos pessoas que apoiavam Obama com fervor e estavam com os olhos úmidos devido ao vinho e à vitória, disse: Obama vai acabar com o racismo nesse país, e uma estilosa poeta haitiana de quadris largos concordou, assentindo com o afro maior que o de Ifemelu, disse que tinha namorado um homem branco durante três anos na Califórnia e que a raça nunca fora um problema para eles. Isso é mentira, disse Ifemelu. O quê? perguntou a mulher, como se não tivesse ouvido direito. É mentira, repetiu Ifemelu. A mulher arregalou os olhos. Você está me dizendo como foi minha própria experiência? Embora Ifemelu àquela altura já tivesse compreendido que pessoas como aquela mulher diziam o que diziam para manter os outros confortáveis e para mostrar que eram gratas pelo Quanto Nós Evoluímos; embora àquela altura estivesse alegremente aninhada no círculo de amigos de Blaine, um dos quais era o novo namorado da mulher; e embora devesse ter deixado aquilo para lá, não deixou. Não conseguiu. As palavras, mais uma vez, foram mais rápidas que ela; tomaram sua garganta e se derramaram para fora. O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema, eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas, no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. Nem falamos com nosso namorado branco sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais. E não queremos que diga: 'Olhe como evoluímos, há apenas quarenta anos seria ilegal sermos um casal', porque sabe o que a gente está pensando quando ele diz isso? Por que foi ilegal um dia, porra? Mas não dizemos nada disso. Deixamos que se acumule dentro da nossa cabeça, e quando vamos a jantares de gente liberal e legal como este, dizemos que a raça não importa porque é isso que se espera que digamos, para manter nossos amigos liberais e legais confortáveis. É verdade, estou falando porque já vivi isso. (ADICHIE, 2014, p. 315)

Ifemelu passa a compreender que mesmo sendo chamada para dar palestras em universidades e empresas com o sucesso do blog, não deveria falar o que pensava acerca de raça.

A maior parte das pessoas que compareceram à sua primeira palestra sobre diversidade, numa pequena empresa de Ohio, usava tênis. Todas eram brancas. Sua apresentação se chamava: Como falar sobre raça com colegas de outras raças, mas com quem, perguntou-se ela, eles iam falar sobre isso, já que eram todos brancos? Talvez o faxineiro fosse negro. O primeiro passo para se comunicar de forma honesta sobre a questão da raça é entender que você não pode igualar todos os racismos, disse Ifemelu, partindo para o discurso que havia preparado com cuidado. Quando, no fim, disse Obrigada, feliz com a fluidez com que as palavras tinham saído, os rostos ao seu redor estavam gélidos. Os aplausos mecânicos a deixaram arrasada. Depois, Ifemelu ficou sozinha com o diretor de recursos humanos, bebendo chá doce demais no salão de conferências e conversando sobre futebol, que ele sabia que a Nigéria jogava bem, como se estivesse ansioso por discutir qualquer coisa, menos a palestra que ela acabara de dar. Naquela noite, ela recebeu um e-mail: SUA PALESTRA FOI UMA PORCARIA. VOCÊ É RACISTA. DEVIA ESTAR FELIZ POR TERMOS DEIXADO VOCÊ ENTRAR NESTE PAÍS. O e-mail, escrito todo em maiúsculas, foi uma revelação. O propósito de workshops sobre diversidade ou palestras multiculturais não era inspirar nenhuma mudança real, mas fazer com que as pessoas se sentissem bem consigo mesmas. Elas não queriam o conteúdo das suas ideias; queriam apenas o simbolismo de sua presença. Não tinham lido seu blog, apenas ouvido falar que ela era uma “blogueira famosa” que escrevia sobre questões raciais. Assim, ao longo das semanas seguintes, conforme Ifemelu foi dando mais palestras em empresas e escolas, começou a dizer o que eles queriam ouvir, sendo que jamais escreveria nada daquilo em seu blog, pois sabia que as pessoas que liam não eram as mesmas que iam a workshops sobre diversidade. Durante suas palestras, Ifemelu dizia: Os Estados Unidos já progrediram muito e devemos nos orgulhar disso. Em seu blog escrevia: O racismo nunca devia ter acontecido, então você não ganha um doce por ele ter diminuído. (ADICHIE, 2014, p.330)

Na trecho acima, é possível refletir sobre as variadas formas de vivenciar o racismo por conta das múltiplas opressões existentes como a sexista ou social por exemplo. Aisha sendo cabeleireira residente em um bairro majoritariamente negro e periférico, vai vivenciar o racismo de uma forma diferente de Ifemelu dentro da academia e sendo imigrante. Um homem negro também vai vivenciar o racismo de forma diversa as mulheres negras, estando ainda acima das mesmas na hierarquia social estadunidense pelo gênero. Os olhares, os julgamentos e a discriminação as mulheres negras acabam tendo um teor erotizado se comparado aos homens negros que são atrelados muitas vezes a criminosos.

Retomando a questão da *negação*, exemplificado no segundo capítulo (Ifemelu, erotização das mulheres negras e considerações acerca dos feminismo(s):

decolonial e negro) acerca da relação entre o colonizador versus o colonizado, Kilomba faz uma análise profunda relacionando o termo com o racismo.

No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial: “Elas/es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/es têm de ser controladas/os”. A informação original e elementar - “Estamos tomando o que é Delas/es” - é negada e projetada sobre a/o “Outra/o”- “elas/eles estão tomando o que é Nosso” - o sujeito negro torna-se então aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado. Enquanto o sujeito negro se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se a vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido o tirano. (KILOMBA, 2019, p.34)

O blog faz com que Ifemelu e Blaine se reencontrem, iniciando um relacionamento com o qual a personagem passa a escrever na mídia social de forma cada vez mais profunda e crítica, passando a transitar diariamente na Universidade na qual é professor.

Ofertas de emprego nos Estados Unidos - a principal maneira nacional de decidir quem é racista.¹⁹ Nos Estados Unidos, o racismo existe, mas os racistas desapareceram. Os racistas pertencem ao passado, os racistas são os brancos malvados de lábios finos que aparecem nos filmes sobre a era dos direitos civis. Esta é a questão: a maneira como o racismo se manifesta mudou, mas a linguagem, não. Então, se você nunca linchou alguém, não pode ser chamado de racista. Se não for um monstro sugador de sangue, não pode ser chamado de racista. Alguém tem de poder dizer que racistas não são monstros. São pessoas com famílias que as amam, pessoas normais que pagam impostos. Alguém tem de ter a função de decidir quem é racista e quem não é. Ou talvez esteja na hora de esquecer a palavra “racista”. Encontrar uma nova. Como Síndrome do Distúrbio Racial. E podemos ter categorias diferentes para quem sofre dessa síndrome: leve, mediana e aguda. (ADICHIE, 2014, p. 340-341)

Após uma crise, o relacionamento ganha força, expectativas e desejo mútuo de Ifemelu, Blaine e seu círculo de amigos pela candidatura de Barack Obama como o primeiro negro presidente dos Estados Unidos. No blog, Ifemelu reflete sobre o processo, comportamentos e atitudes do candidato até a inesperada vitória.

Obama só vai ganhar se continuar sendo o Negro Mágico: O pastor dele é amedrontador porque o que ele diz talvez signifique que Obama não é o Negro Mágico, afinal de contas. Aliás, esse pastor é bem melodramático, mas você já foi a alguma igreja de Negros Americanos dessas tradicionais? É puro teatro. Mas o ponto central do que esse cara diz é verdade: os Negros Americanos (e certamente os negros da idade dele) conhecem uma América que é diferente daquela dos Brancos Americanos; eles conhecem uma América mais dura, mais feia. Mas você não deve dizer isso, porque na

¹⁹ Em negrito estão os títulos das postagens.

América tudo está ótimo e todos são iguais. Então, agora que o pastor disse isso, talvez Obama ache a mesma coisa, ele não é o Negro Mágico, e apenas um Negro Mágico pode ganhar uma eleição americana. E o que é um Negro Mágico? Você pode perguntar. Aquele homem negro que é sempre sábio e gentil. Ele nunca reage diante de um sofrimento terrível, nunca fica com raiva, nunca é ameaçador. Sempre perdoa todas as merdas racistas. Ensina o branco a entender o preconceito triste, porém compreensível, que há em seu coração. Esse personagem existe em muitos filmes. E Obama é perfeito para o papel. (ADICHIE, 2014, p. 347-348)

No terceiro capítulo do livro *Memórias da Plantação*, Kilomba busca definir o racismo tendo como embasamento, a psicologia, sua área de atuação, explicando e exemplificando as categorias do pensamento racista. A autora argumenta a importância de ser *sujeito* e o que é necessário para tal. Levando a reflexão para *Americanah*, compreendemos que

Para a autora, o racismo possui três características que estão intimamente ligadas à História contada pelo viés europeu:

A primeira é a construção de/da diferença. A pessoa é vista como “diferente” devido a sua origem racial e/ou pertença religiosa. Aqui, temos de perguntar: quem é “diferente” de quem? É o sujeito negro “diferente” do sujeito branco ou o contrário, é o branco “diferente” do negro? Só se torna “diferente” porque se “difere” de um grupo que tem o poder de se definir como norma - a norma branca. Todas/os aquelas/es que não são brancas/os são construídas/os então como “diferentes”. A branquitude é construída como ponto de referência a partir do qual todas/os as/os “Outras/os” raciais “diferem”. Nesse sentido, não se é “diferente”, torna-se “diferente” por meio do processo de discriminação. A segunda característica é: essas diferenças construídas estão inseparavelmente ligadas a valores hierárquicos. Não só o indivíduo é visto como “diferente”, mas essa diferença também é articulada através do estigma, da desonra e da inferioridade. Tais valores hierárquicos implicam um processo de naturalização, pois são aplicados a todos os membros do mesmo grupo que chegam a ser vistas/os como “a/o problemática/o”, “a/o difícil”, “a/o perigosa/o”, “a/o preguiçosa/o”, “a/o exótica/o”, a/o colorida/o” e a/o incomum”. Esses dois últimos processos - a construção da diferença e sua associação com uma hierarquia - formam o que também é chamado de *preconceito*. Por fim, ambos os processos são acompanhados pelo poder: histórico, político, social e econômico. É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo e, nesse sentido, o racismo é a *supremacia branca*. (KILOMBA, 2019, p. 75-76)

Kilomba divide o racismo em categorias sendo elas: estrutural, institucional e cotidiano, ocorrendo muitas vezes de forma inter-relacionada assim como a interseccionalidade.

É o sofrimento de anos de discriminação nos Estados Unidos que resulta na tentativa de suicídio de Dike, filho de Uju, mesmo tendo imigrado para o país ainda criança, no convívio com outras pessoas e na escola, o racismo sempre se fazia

presente. É um momento doloroso para Ifemelu, de dúvidas, questionamentos, receios e medos confrontados pela situação na qual a realidade se mostrou de forma radical e que tanto ela, quanto Uju também vivenciavam, apesar de não terem nascido ou estado desde pequenas no país. Em um dos e-mails enviados para Obinze após retomarem o contato, Ifemelu afirma que possivelmente devido a gravidade da situação, estava deprimida, termo não utilizado na Nigéria. Na passagem abaixo, é possível visualizar o racismo estrutural e cultural para com Dike em uma das muitas situações pelas quais o personagem passa.

Dike te contou sobre o incidente com o computador na escola? perguntou tia Uju. Não, o que houve? perguntou Ifemelu. O diretor me ligou na segunda para me contar que Dike tinha invadido a rede de computadores da escola no sábado. Um menino que passou o sábado inteiro comigo. Fomos a Hartford visitar Ozavisa. Passamos o dia todo lá e o menino não chegou nem perto de um computador. Quando perguntei por que achavam que tinha sido ele, disseram que tinham informações sobre o caso. Imagine, o homem acorda e culpa meu filho. O menino nem é bom em computadores. Achei que tínhamos deixado essa gente para trás naquela cidade caipira. Kweku quer que a gente faça uma reclamação formal, mas acho que não vale a pena. Agora, eles disseram que não suspeitam mais dele. Eu nem sei como entrar numa rede de computadores, disse Dike secamente. Por que eles fariam uma imbecilidade dessas? perguntou Ifemelu. Você tem de culpar o negro primeiro, disse ele, rindo. Mais tarde, Dike contou que seus amigos sempre falavam: Ei, Dike, você tem um bagulho? E achavam aquilo engraçado. Contou da pastora da igreja, uma mulher branca, que tinha dito oi para todos os outros meninos, mas, ao chegar nele, dissera: E aí, mano? Eu me sinto como se tivesse legumes no lugar de orelhas, imensos brócolis saindo da cabeça, disse ele. Então, é que claro que tinha de ser eu a invadir a rede da escola. (ADICHIE, 2014, p. 377-378)

No trecho abaixo, compreenderemos de que formas geralmente ocorre o racismo institucional:

Como o termo “instituição” implica, o racismo institucional enfatiza que o racismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também institucionalizado. O termo se refere a um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal, etc. O racismo institucional opera de tal forma que coloca os *sujeitos brancos* em clara vantagem em relação a outros grupos racializados. (KILOMBA, 2019, p. 77-78)

A situação ocorrida com Dike é um exemplo do racismo institucional, uma vez em que é tratado de forma desigual na igreja e no ambiente escolar, sendo acusado sem provas, simplesmente por ser negro.

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como “Outra/o” - a diferença contra a qual o sujeito branco é medido - mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca. Toda vez que eu sou colocada como “outra” - seja a “outra” indesejada, a “outra” intrusa, a “outra” perigosa, a “outra” violenta, a “outra” passional, seja a “outra” suja, a “outra” excitada, a “outra” selvagem, a “outra” natural, a “outra” desejável ou a “outra” exótica -, estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido. Eu me torno a /o “Outra/o” da branquitude, não o eu - e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual. (KILOMBA, 2019, p.78)

O namoro de Ifemelu com Curt traz exemplos do racismo cotidiano assim como nas postagens do blog escritas pela personagem. Como os olhares dirigidos ao casal enquanto andam juntos na rua de mãos dadas.

Obama é alguma coisa além de negro? Muita gente - principalmente quem não é negro - diz que Obama não é negro, é birracial, multirracial, mestiço, qualquer coisa menos simplesmente negro. Porque a mãe dele era branca. Mas raça não é biologia; raça é sociologia. Raça não é genótipo; é fenótipo. A raça importa por causa do racismo. E o racismo é absurdo porque gira em torno da aparência. Não do sangue que corre nas suas veias. Gira em torno do tom da sua pele, do formato do seu nariz, dos cachos do seu cabelo. Imagine Obama, que tem a pele cor de amêndoa torrada e o cabelo crespo, dizendo para uma pesquisadora do censo que é meio branco. Tudo bem, então, responderia ela. Muitos negros americanos têm um ancestral branco, pois os donos brancos de escravos gostavam de estuprar as mulheres nos alojamentos de escravos à noite. Mas, se você sair com a pele negra, acabou. Nos Estados Unidos, você não decide de que raça é. Isso é decidido por você. Barack Obama, com a aparência que tem, teria que sentar na parte de trás do ônibus há cinquenta anos. Se um negro qualquer cometer um crime hoje, Barack Obama poderia ser detido pela polícia e interrogado por se encaixar no perfil de suspeito. E qual é esse perfil? Homem Negro. (ADICHIE, 2014, p.366)

Após estar instalada e acostumada novamente com a realidade de Lagos, Dike vai visitar seu país de origem.

Mas tia Uju comprou a passagem de Dike e agora ali estavam eles, ambos no carro rastejando pelo imenso engarrafamento em Oshodi, Dike olhando pela janela com os olhos arregalados. Meu Deus prima. Nunca vi tanta gente negra ao mesmo tempo! disse. (ADICHIE, 2014, p.452)

A raça é um tema presente e intenso em toda a narrativa, se descobrir negra nos Estados Unidos fez com que Ifemelu enxergasse outro universo, o racismo. Apesar de toda idealização da “América” como é chamada pelos personagens, Ifemelu, Uju, Dike e Ginika se veem frustrados em muitas situações, tendo que mudar suas identidades, sotaques e comportamentos necessários para a

sobrevivência Nos Estados Unidos. O mesmo ocorre com Obinze na Inglaterra que também vivencia o racismo e de forma muito intensa, o peso da classe social.

Ifemelu, Uju e Ginika conseguem estudar e aprender a viver anos no país, mesmo com toda a discriminação, sendo Ifemelu a única que retorna para a Nigéria, notando que o racismo por lá também existe, porém, é mais específico nas classes sociais elevadas.

Minha nova redatora de conteúdo veio dos Estados Unidos! disse ela, abraçando Ifemelu. Era difícil dizer que idade tinha, qualquer coisa entre cinquenta e sessenta e cinco, mas era fácil perceber que tia Onenu não nascera com aquela pele branca, pois seu brilho era encerado demais e os nós dos dedos dela eram escuros, como se aqueles pedaços de pele tivessem resistido bravamente ao creme clareador. (ADICHIE, 2014, p. 422)

Apesar da experiência de Ifemelu no exterior por treze anos e de uma ruptura de contato e na relação com Obinze, o afeto de ambos não deixa de existir e os personagens se reencontram em Lagos e mesmo Obinze estando casado, a narrativa é finalizada com os personagens juntos novamente.

Este capítulo, assim como o da interseccionalidade, não poderia ser finalizado sem uma postagem em meio a tantas de Ifemelu no blog.

Viajar sendo negro

O amigo de uma amiga, um Negro Americano moderno e cheio da grana, está escrevendo um livro chamado Viajar sendo negro. Não só negro, diz ele, mas visivelmente negro, porque existe todo tipo de negro e, com todo o respeito, ele não está falando daqueles que parecem ser porto-riquenhos ou brasileiros ou sei lá o quê, está falando de quem é visivelmente negro. Porque o mundo trata você de um jeito diferente. Nas palavras dele: “Tive a ideia de fazer o livro no Egito. Cheguei ao Cairo e um árabe egípcio me chamou de bárbaro negro. Eu pensei: ‘Ei, achei que eu estava na África!’. Então comecei a pensar em outras partes do mundo e em como seria viajar para lá quando se é negro. Tenho a pele bastante escura. Os brancos do sul de hoje, se me vissem, me chamariam de negão. Os guias de viagem dizem o que você deve esperar se for gay ou mulher. Precisam fazer isso com quem é visivelmente negro. Expliquem para os negros que viajam como são as coisas. Não é que alguém vai atirar em você nem nada, mas é muito bom saber os lugares em que vão te olhar com espanto. Na Floresta Negra, na Alemanha, é um olhar de espanto bastante hostil. Em Tóquio e Istambul, ninguém ligou para minha aparência. Em Shangai, os olhares foram intensos; em Delhi, raivosos. Eu pensei: ‘Ei, nós não estamos meio que juntos nesse barco? Tipo, pessoas de cor?’. Eu tinha lido que o Brasil é a meca das raças, mas, quando fui ao Rio, ninguém que estava nos restaurantes e hotéis caros se parecia comigo. As pessoas reagem de forma estranha quando eu vou para a fila da primeira classe no aeroporto. É uma reação de simpatia, como quem diz você está cometendo um erro, não pode ter essa aparência e viajar de primeira classe. Fui ao México, e eles ficaram me olhando. Não foi nem um pouco hostil, mas faz você se dar conta de que chama atenção, é como se gostassem de você, mas mesmo

assim você é o King Kong”. Nesse ponto, meu Professor Bonitão disse: “A América Latina como um todo tem um relacionamento muito complicado com a negritude, que é ofuscada por toda aquela história de ‘somos todos mestiços’ que eles contam para si mesmos. O México não é tão ruim quanto lugares como a Guatemala e o Peru, onde os privilégios dos brancos são tão mais óbvios, mas esses países têm uma população negra muito maior”. E então outro amigo disse: “Os negros nativos são sempre tratados de maneira pior do que os de outros países em todo lugar do mundo. Minha amiga, que tem pais togolezes e nasceu e foi criada na França, finge ser anglófona quando vai às compras em Paris, pois as vendedoras são mais simpáticas com os negros que não falam francês. Assim como os negros americanos são bastante respeitados nos países africanos”. O que vocês acham? Contem suas histórias de viagem nos comentários. (ADICHIE, 2014, p.258-359)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar Chimamanda Adichie e temas como gênero, feminismos, interseccionalidade e o racismo sempre será uma tarefa inacabada, pois tanto a escrita da autora, quanto estes temas escolhidos para análise, se modelam conforme as gerações passam e os tempos mudam. Eles se reinventam com a tecnologia e se tornam ainda mais intensos. Logo, pesquisar sobre os feminismos é ler incessantemente na tentativa de acompanhar as mudanças dos movimentos, as novas e antigas demandas que ainda não foram solucionadas.

Americanah nos possibilita buscar outras interpretações do mundo e nos leva a questionar o que nos foi ensinado. Compreender que existem outras histórias não contadas, nos leva a conhecer Djamilia Ribeiro, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Maria Carolina de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Lilia Schwarcz que em *Sobre o Autoritarismo Brasileiro (2019)* e *Enciclopédia Negra: Biografias afro-brasileiras*, em conjunto com os autores: Flávio dos Santos Gomes e Jaime Lauriano faz com que repensemos o lugar da negra/o na história que nos contam sobre o processo colonizatório do Brasil que os/ as invisibiliza.

O mesmo ocorre ao ler a narrativa protagonizada por Ifemelu, lendo bell hooks, Angela Davis, Sojourner Truth e Audre Lorde que no fim da década dos anos 70 começam a pensar o feminismo da diferença, percebendo que o racismo não era uma preocupação e sim uma ameaça ao movimento feminista no pensamento das mulheres brancas, dentre tantas mulheres negras que lutaram por um feminismo menos racializado, compreendemos que elas nunca estiveram acomodadas ou satisfeitas em como ocorreu a história dos Estados Unidos e o lugar que sempre ocuparam na sociedade estadunidense .

Chimamanda Adichie em uma obra literária nos leva a repensar as narrativas hegemônicas de três continentes, sendo eles, a África representada pela Nigéria, os Estados Unidos representados pelos locais nos quais Ifemelu transita no país e Londres na Inglaterra. Através da autora, leitores brasileiros e de diversas partes do mundo, sentiram a curiosidade de buscar romper e desconstruir o que lhes foi ensinado sobre o continente africano. Foi essa necessidade que trouxe a contribuição de Oyèrónkẹ Oyěwùmí e Ifi Amadiume, ambas estudiosas africanas que questionam o feminismo universal, sobretudo a imposição da categoria binária de

gênero instituída pela hegemonia do poder durante o período colonial de tantos países africanos, o que não difere dos países da América Latina e do Sul.

Em cada capítulo deste estudo, se fez um recorte de temas que poderiam se inter-relacionar: inicializando pela questão de gênero sob perspectivas africanas, no segundo capítulo, a sexualização das mulheres negras de *Americanah* e a relação da narrativa com os movimentos feministas negro e decolonial. No terceiro capítulo, a interseccionalidade como ferramenta analítica e essencial ao se pensar nas mulheres negras e por fim o racismo, um dos temas mais explorados na narrativa e nas postagens de Ifemelu no blog.

Optou-se por buscar obras teóricas contemporâneas devido às demandas dos estudos culturais e dos feminismos que se transformam dependendo da necessidade ou do que está sendo debatido no momento. Em todos os capítulos a teoria está agregada ao objeto de estudo.

Um dos objetivos mais potentes do feminismo decolonial é repensar e revisar o conhecimento epistemológico, o que nos leva a refletir em outras maneiras de existir e resistir no mundo, que não necessariamente é a europeia. Logo, o pensamento decolonial coloca a Europa em uma horizontalidade a outras formas de pensar, de conhecer, de viver, passando o continente a estar numa mesma categoria em uma escala de valores, onde não é necessariamente o único modelo a ser seguido.

Não é possível analisar as experiências de Ifemelu e das mulheres a sua volta somente pelo gênero se a raça a delimita em todos os momentos na cultura estadunidense, assim como a classe. Estas categorias estão intimamente ligadas. Djamila Ribeiro (2016) afirma que: “A combinação de opressões coloca a mulher negra num lugar no qual somente a interseccionalidade permite uma verdadeira prática que não negue identidades em detrimentos de outras.”

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável. (RIBEIRO, 2016, p.03)

Por fim, esta dissertação desnuda a prática do racismo que ocorre de forma cotidiana, institucional e estrutural nos Estados Unidos, como podemos acompanhar na narrativa e em como o processo colonizatório foi responsável pela mudança

imposta de cultura a tantos povos. Ainda hoje, são visíveis as consequências do colonialismo.

Os feminismos não nos deixam esquecer os direitos conquistados e nos relembram a todo momento no que ainda precisamos evoluir. Pode ser distópico ser positivo em um momento no qual pelo menos nós, brasileiras (os), somos ameaçadas (os) a perder direitos duramente conquistados, mas sem luta, sem leitura, sem os movimentos sociais, não há esperança.

Repetidas vezes, a mídia de massa patriarcal e os líderes sexistas nos dizem que o feminismo está morto, que já não faz sentido. Na realidade, mulheres e homens de todas as idades, em todos os lugares, continuam a lutar com a questão da igualdade de gênero, continuam a procurar papéis para eles mesmos que os libertará em vez de restringi-los ou confiná-los; e continuam a se voltar para o feminismo em busca de respostas. O feminismo visionário nos oferece esperança para o futuro. Ao enfatizar uma ética de mutualidade e interdependência, o pensamento feminista nos oferece um caminho para acabar com a dominação enquanto, simultaneamente, mudamos o impacto da iniquidade. Em um universo em que a mutualidade é norma, pode haver momentos em que tudo está desigual, mas a consequência dessa iniquidade não será a subordinação, a colonização nem a desumanização. O feminismo, como movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão, está vivo e passa bem. Se não temos um movimento fundamentado na massa, a renovação desse movimento é nossa meta prioritária. Para assegurar a relevância contínua do movimento feminista em nossa vida, a teoria feminista visionária deve ser constantemente elaborada e reelaborada, de maneira que se relacione a nós, onde vivemos, em nosso presente. Mulheres e homens já deram grandes passos na direção da igualdade de gênero. E esses passos em direção à liberdade devem nos dar força para seguir mais adiante. Devemos ter coragem para aprender com o passado e trabalhar por um futuro em que princípios feministas serão o suporte para todos os aspectos de nossa vida pública e privada. As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos – para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo. (HOOKS, 2018, p.132)

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Americanah**. Tradução: Julia Romeu. 1 ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

_____. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMADIUME, I.M. D. **Female Husbands: Gender and Sex in an African Society**. London: Zed Press, 1987.

AKOTIRENE, K. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>> Acesso em 05 de agosto de 2020.

ASSUNÇÃO, H. S. Reflexões sobre perspectivas africanas de gênero. **Cadernos Pagu**, nº 58, e205813, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/>> Acesso em 10 de junho de 2021.,

BRAGA, C. R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós colonialidade, descolonização cultural e diáspora**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

COLLINS, P. H. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. - 1.ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

_____. Learning from the outsider within: the sociological significance of black feminist thought. **Social Problems**, v. 33, n. 6, p. 14-32, Oct./Dec. 1986.

GONZALEZ, L. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, B. **O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Ana Luíza Libânio. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LUGONES, M. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 22(3): 320, set/dez, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em 24 de julho de 2020.

MARTINS, Ana Claudia Aymoré; VERAS, Elias Ferreira. *Corpos em Aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

OYĒWÙMÍ, O. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

_____. **Jornada pela academia**. Tradução para uso didático de Oyeronke Oyewumi: *Journey Through Academic*. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/221361499/Oyewumi-The-Journey-Through-Academe>>, por Aline Matos da Rocha. Revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Acesso em 14 de julho de 2021

PEREIRA, B. C. J. Amefricanas: branqueamento, gênero e raça, **Cadernos Adenauer XIX**, nº1, Participação política feminina na América Latina Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, maio 2018.

PERPÉTUO, C. L. O conceito de interseccionalidade: contribuições para a formação no ensino superior. In: **V Simpósio Internacional de Educação Sexual**, Universidade Paranaense. UNIPAR - PR. 2017. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3159.pdf>> Acesso em 10 agosto de 2020

RATTS, A.; RIOS, F. Tornar-se negra, intelectual e ativista: percursos de Lélia Gonzalez 2014. **Géledes**, 03 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/tornar-se-negra-intelectual-e-ativista-percursos-de-lelia-gonzalez-por-flavia-rios-e-alex-ratts/>> Acesso em 11 de maio de 2021

RIBEIRO, D. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **SUR 24** - v.13, n.24, 99 - 104. 2016.

_____. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHUCMAN. L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana/ Lia Vainer Schucman, 2012, 122 p. Tese, Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>> Acesso em 27 de julho de 2021

SILVA, S. R. Intelectualidade negra em ação: entre o não lugar e o protagonismo na produção de saberes. **Revista Docência e Cibercultura**. Rio de Janeiro, v. 3, n.3, p. 75, Set/Dez 2019. Disponível em: DOI: <<https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44995>>

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020

WOLF, N. **O mito da beleza**. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.